BRUNA LIDIANE MARQUES DA SILVA

PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA - EDIÇÃO 2006:

a chegada dos acervos na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte e a leitura de obras por jovens leitores

Belo Horizonte

Faculdade de Educação - UFMG

2009

BRUNA LIDIANE MARQUES DA SILVA

PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA - EDIÇÃO 2006:

a chegada dos acervos na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte e a leitura de obras por jovens leitores

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem

Orientadora: Profª. Drª. Aparecida Paiva

Belo Horizonte
Faculdade de Educação - UFMG
2009

Dissertação intitulada "*Programa Nacional Biblioteca da Escola – edição 2006*: a chegada dos acervos na rede Municipal de ensino de Belo Horizonte e a leitura de obras por jovens leitores", de Bruna Lidiane Marques da Silva, apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

_____

Profa. Dra. Aparecida Paiva - Orientadora
(FAE/UFMG)

_____

Profa. Dra. Silvana Maria Pessôa de Oliveira
(FALE/UFMG)

_____

Profa. Dra. Maria Zélia Versiani Machado
(FAE/UFMG)

_____

Prof. Dr. Hércules Tolêdo Corrêa (suplente)
(UFOP)

_____

Profa. Dra. Maria das Graças Rodrigues Paulino (suplente)
(FAE/UFMG)

Belo Horizonte, 28 de agosto de 2009.

Para Robson, com amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus agradeço pelo dom da vida, pela saúde, pela sabedoria, pelo amor e pelas amizades, sem as quais este trabalho não se tornaria uma realidade.

À Cidinha, pela presença marcante na construção deste estudo e por me mostrar o caminho, com suas orientações e o seu carinho, nos momentos difíceis. Agradeço seu apoio e confiança, que foram para mim imprescindíveis.

Aos meus pais, pela minha formação e por nunca terem deixado de acreditar em mim.

A minha irmã, pelos momentos de partilha.

Ao Binho, por todo amor, carinho e atenção dedicados ao longo da elaboração deste trabalho.

A todos os meus familiares, que compreenderam que em alguns momentos os livros e o computador teriam que ser as únicas companhias.

À Mariana, Pedro Henrique, Ana Júlia e Eduarda, meus amores, porque inserida em seu universo infantil eu tinha a garantia de momentos de alegria e de descontração.

Às queridas amigas que me acompanham de perto desde a época da graduação, Cris e Mari, por dividirem comigo todos os momentos, fossem de choros ou de risos (mais risos), e por acreditarem que este trabalho seria possível.

À Dani e Elaine, pelos diversos denominadores em comum compartilhados durante os últimos anos: o gosto pela pesquisa, as leituras (não) acadêmicas, as descobertas e aceitação das nossas possibilidades e limitações.

À Zélia, que me permitiu participar de sua disciplina como monitora, compartilhando comigo seus conhecimentos preciosos e sua experiência com muito carinho.

A todos os colegas do GPELL e do CEALE, essenciais para o meu crescimento enquanto pesquisadora.

À Flavinha, Ju Valéria, Ana Paula, companheiras de caminhada... de “COLEs” e “ANPEDs”.

À Paulinha, pelos momentos de amizade, estudos e ensinamentos.

Aos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-graduação da FAE, pela presteza e paciência com que dirimiram minhas dúvidas e supriram as minhas necessidades no decorrer do curso. Um agradecimento especial à Rose, pelo carinho e compreensão com que sempre ouviu e atendeu as minhas solicitações.

À Marly, da Biblioteca, sempre gentil em atender aos meus pedidos.

Aos profissionais da biblioteca e aos alunos, sujeitos da pesquisa sem os quais este trabalho não poderia ser concretizado.

Ao CNPq, agradeço pelo apoio financeiro durante o segundo ano do mestrado.

Ao Luiz Morando, que com sua leitura atenciosa e extrema competência aceitou revisar meu trabalho.

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho dedico os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente trabalho se insere na linha de pesquisa Educação e Linguagem do Programa de Pós-Graduação da FAE/UFMG.

O Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE é uma política pública de incentivo à leitura que visa a atuar na formação de leitores literários por meio da distribuição de livros de literatura feita anualmente para as escolas públicas do país. A edição de 2006 do Programa foi o objeto deste trabalho, que se guiou inicialmente por três objetivos principais: analisar a chegada dos acervos selecionados pelo Programa nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte; verificar o conhecimento que os professores tinham sobre ele e identificar os seus possíveis usos dentro de sala de aula.

No decorrer da pesquisa, a possibilidade de entrevistar jovens dos anos finais do Ensino Fundamental (foco do PNBE/2006) deu oportunidade a um primeiro contato com informações a respeito dos usos dos acervos por esses jovens. Nossa pesquisa estruturou-se por meio de dois instrumentos de coleta de dados: um formulário aplicado aos profissionais que atuavam nas bibliotecas escolares e um roteiro de entrevistas utilizado para guiar nossas conversas com os alunos. Foram esses instrumentos que nos permitiram análises mais detidas acerca das questões às quais nos propusemos. Foi possível observar que os acervos haviam chegado de forma efetiva nas escolas, o que viabilizou o contato dos alunos com os diversos textos que o PNBE procura privilegiar. Ainda constatamos que a divulgação do Programa é falha, pois a maioria dos auxiliares não tinha conhecimento sobre suas propostas e objetivos. Este fato também ocorria com os professores, que, por sua vez, não exerciam práticas com os acervos em sala de aula. O maior achado desta pesquisa foi descobrir que, apesar de também não estarem informados sobre o Programa, os alunos estavam lendo os livros e, de acordo com nossas análises e a fala de cada um, as obras que compõem os acervos se adequam ao gosto e à prática de leitura dos jovens.

SCHOOL LIBRARY NATIONAL PROGRAM - 2006 EDITION: THE ARRIVAL OF COLLECTIONS AT THE MUNICIPAL SCHOOL SYSTEM OF BELO HORIZONTE AND THE READING OF WORKS BY YOUNG READERS

ABSTRACT

The present research was done within the Education and Language field of the Post-Graduation Program of FAE/UFMG.

The School Library National Program (PNBE) is a public program of reading incentive aimed at developing literary readers through the yearly distribution of literature books to public schools in Brazil. The 2006 edition of the PNBE Program was the object of this research, which was primarily guided by three main objectives: analisying if the collections selected by the program really reach the schools of the municipal system of Belo Horizonte; checking how well teachers knew about it and identifying its possible uses in the classroom.

During the research, the possibility of interviewing young people in the final years of primary education (which is the focus of PNBE/2006) has permitted a first contact with information concerning the uses of the collections by these young people. Our research has been structured by means of two data collection tools: A form filled by professionals who worked at the school libraries, and an interview script used to guide our conversations with the students. These tools have allowed us to make a more accurate analysis about the concerned questions. It was possible to observe that the collections had properly reached the schools, what made possible the contact of the students with different texts that the PNBE Program aims at favoring. We have also noticed that the program advertisement is poor, because most of the professionals did not have any knowledge about its purposes and objectives. This was also common among teachers, who did not make any use of these collections in the classrooms. The most valuable conclusion of this research was to find out that, even if the students were not informed about the PNBE Program, they were reading the books and, according to our analysis and their testimonials, the works that make part of the collections are adapted to the likes and reading practices of young people.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Livros do PNBE/2006 nas caixas..... 65

Figura 2 - Livros colocados nas estantes..... 65

Figura 3 - Indicação de livros novos na estante..... 66

Figura 4 - Indicação de livros novos na estante..... 66

Figura 5 - Exposição de livros recém-chegados na biblioteca (livros do acervo do PNBE/2006) 66

Figura 6 - Exposição de livros recém chegados na biblioteca (livros do acervo do PNBE/2006) 66

Figura 7 - Mais livros do Programa exibidos nos expositores 67

Figura 8 - Mais livros do Programa exibidos nos expositores 67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados estatísticos referentes a alunos/escolas beneficiadas, número de livros distribuídos e valor dos investimentos do Programa nas edições anteriores..... 50

Tabela 2 – Ciclos/séries atendidas pelas escolas..... 62

Tabela 3 – Onde os livros do PNBE/2006 foram colocados? 65

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Influência dos pais na leitura 77
Quadro 2 – Desistência de leitura 84
Quadro 3 - Opinião sobre a importância dos *kits* da Prefeitura 90
Quadro 4 - Livros do PNBE/2006 lidos pelos alunos entrevistados 93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Obras inscritas por gênero 53
Gráfico 2 - Obras selecionadas por gênero 55
Gráfico 3 - Número de livros selecionados por editora 56
Gráfico 4 - Número de escolas por regional 58
Gráfico 5 - O entrevistado conhece o PNBE? 59
Gráfico 6 - Forma de conhecimento sobre o PNBE 60
Gráfico 7 - A escola recebeu os acervos do PNBE/2006? 63
Gráfico 8 – Quantidade de acervos recebidos por escola recebeu? 64
Gráfico 9 - Foi realizado algum tipo de trabalho com os títulos do PNBE/2006? 67
Gráfico 10 - Leitores por idade 73
Gráfico 11 - Idade em que os leitores mais leram na vida 73
Gráfico 12 - O que seus pais leem?..... 78
Gráfico 13 - Quantos livros já leu este ano? 82
Gráfico 14 - Tipos de livro de que mais gosta (gênero) 85

LISTA DE SIGLAS

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola
CEALE - Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita
GPELL - Grupo de Pesquisa do Letramento Literário
PNSL - Programa Nacional Salas de Leitura
FAE - Fundação de Assistência ao Estudante
INL - Instituto Nacional do Livro
PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura
MEC - Ministério da Educação
SEE/MG - Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais
SEB - Secretaria de Educação Básica
FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
SEF - Secretaria da Educação Fundamental
CONSED - Conselho Nacional de Secretários da Educação
UNDIME - União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação
IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas
ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas
FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
EJA - Educação de Jovens e Adultos
ECT - Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
RME-BH - Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte
PBH - Prefeitura de Belo Horizonte
TCU - Tribunal de Contas da União
COLE - Congresso de Leitura do Brasil
ALB - Associação de Leitura do Brasil
IPL - Instituto Pró-Livro
IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
OLL - Observatório do Livro e da Leitura
CBL - Câmara Brasileira do Livro
SNEL - Sindicato Nacional dos Editores de Livros
ABRELIVROS - Associação Brasileira de Editores de Livros
Bracelpa - Associação Brasileira de Celulose e Papel
EM - Escola Municipal
SMED - Secretaria Municipal de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

CAPÍTULO 1. A LITERATURA NA ESCOLA 21

1.1 - A produção literária para crianças e jovens 21
1.2 - A formação de leitores literários na escola 30

CAPÍTULO 2. POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORMAÇÃO DE LEITORES..... 42

2.1 - Um breve histórico dos programas de incentivo à leitura..... 43
2.2 - O Programa Nacional Biblioteca da Escola – edição 2006 51
2.3 - O PNBE/2006 na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (RME-BH) 57

CAPÍTULO 3. AS ESPECIFICIDADES DO LEITOR JOVEM EM RELAÇÃO À LEITURA 71

CONSIDERAÇÕES FINAIS 97

BIBLIOGRAFIA 102

ANEXOS

ANEXO 1 - Formulário aplicado aos auxiliares das bibliotecas da RME-BH 107
ANEXO 2 - Títulos selecionados para o acervo do PNBE/2006 112
ANEXO 3 - Editoras contempladas pelo PNBE/2006 123
ANEXO 4 - Reprodução das cartas enviadas pelo MEC às escolas da RME-BH 125
ANEXO 5 - Edital PNBE/2006 129
ANEXO 6 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ALUNOS DE 5ª A 8ª SÉRIE 143

INTRODUÇÃO

> É muito bom quando alguém – principalmente se for um jovem – descobre que, além de regras, informações e lições, um livro pode abordar os temas da vida humana concreta. Terá, creio, uma boa chance de tornar-se um leitor e, mais, cheio de entusiasmo diante do que leu, indicará o texto a seus amigos, contribuindo assim para a formação de outros leitores.
>
> Ricardo Azevedo

O acesso ao livro e a formação de leitores têm sido algumas das grandes preocupações e foco de vários estudos nos últimos tempos. O panorama educacional brasileiro encontra-se marcado por grandes mobilizações em diferentes níveis como resultado das mudanças em certos modelos e das novas necessidades que surgem na sociedade[1]. Através de suas secretarias, o Ministério da Educação vem indicando direções que visam atender a essas carências por meio de projetos e programas de incentivo à leitura lançados com o propósito de impulsionar a melhoria da qualidade do ensino em nosso país.

Entretanto, provocar o interesse de nossas crianças e jovens pelos livros e pela leitura não tem sido tarefa fácil nem para a família, nem para a escola. Tais instituições têm papel de extrema importância na formação de leitores, uma vez que lhes cabe mediar a interação entre autor, texto e leitor. Infelizmente, por não se darem conta desse processo, as famílias acabam por transferir totalmente sua

[1] Como exemplo, podemos citar o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, que, durante seus oito anos de mandato (1994-2002), criou e implementou políticas públicas voltadas para a ampliação do acesso à educação, a homogeneização dos currículos e a padronização de resultados nos diferentes sistemas públicos de ensino do país.

responsabilidade para a escola e esta passa a ter o reconhecimento social de ser, por natureza, o espaço para desenvolver a cultura da leitura.

A presente pesquisa se insere na linha de *Educação e Linguagem* e tem por foco a formação de leitores jovens por meio de uma política pública: o Programa Nacional Biblioteca da Escola – (PNBE)[2], mais especificamente o PNBE/2006, quando foram selecionadas obras para compor acervos de bibliotecas destinados a jovens dos anos/séries finais do Ensino Fundamental. Nosso trabalho abarca a distribuição dos acervos em praticamente todas as escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte e os usos que os estudantes estariam fazendo dos livros do Programa.

O interesse pelo tema surgiu das atividades que realizei, como bolsista, junto à equipe responsável pela avaliação e composição do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE/2006, no Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE[3]), no segundo semestre de 2006, e que deram origem ao projeto inicial de pesquisa. Na ocasião e por meio do edital do Programa, tomei consciência da importância do processo de avaliação para a composição dos acervos, que já há algum tempo eram enviados para as escolas públicas de todo o Brasil.

Essa experiência determinou a seleção de nosso *corpus*, pois, além de promover a avaliação para orientar o processo de seleção dos livros, o PNBE tem favorecido a democratização do acesso ao livro de literatura, quesito que tem por objetivo privilegiar a partir da distribuição dos livros selecionados.

Justificamos a importância da pesquisa para a área de Educação uma vez que no momento atual não há muita clareza sobre o que acontece com os livros depois que estes chegam às escolas. Sendo assim, esperamos contribuir com as políticas que de fato se preocupam com a formação de leitores para que estas possam atuar cada vez mais de forma eficaz.

O estabelecimento de políticas públicas de compra e de distribuição de livros de literatura para bibliotecas das escolas públicas do Ensino Fundamental tem sido uma tentativa de democratização do acesso à leitura de qualidade na escola. Esse é o caso específico do Programa Nacional Biblioteca da Escola.

---

[2] Esse Programa será mais bem explicitado adiante.

[3] Criado em 1990, o CEALE é um órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais.

Sabemos que existem poucas livrarias e bibliotecas públicas no Brasil e também são poucas as famílias que podem investir na compra de livros. Desse modo, as escolas e suas bibliotecas configuram-se como espaços privilegiados de mediação da leitura, locais onde as crianças podem e devem ter contato com obras literárias, uma vez que são frequentados pela maioria delas. De acordo com Lajolo (2001),

> A escola é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avalista e de fiadora do que é literatura. Ela é uma das maiores responsáveis pela sagração ou pela desqualificação de obras e de autores. Ela desfruta de grande poder de censura estética – exercida em nome do bom gosto – sobre a produção literária (p. 19).

Podemos afirmar que o gosto pela leitura está relacionado à possibilidade de acesso ao livro e que a escola deve favorecê-lo, criando oportunidades para que seja despertado nos alunos o interesse pela leitura. Quanto à sua prática, é mais um trabalho a ser desenvolvido na escola, especialmente pelo professor, por meio de estratégias e pela seleção de leituras capazes de proporcionar aos alunos o contato com textos literários que viabilizem sua formação como leitores.

Preocupada com essa formação, Zilberman (1990) afirma que a leitura deve fazer parte do cotidiano escolar por ser o ponto de partida e o de chegada para a superação da crise do ensino de literatura, além de servir de veículo da autoafirmação do indivíduo. É necessário que haja uma consciência adequada, por parte tanto da família quanto da escola, do que seja a leitura em sua totalidade; caso contrário, não haverá uma postura adequada para ensiná-la e muito menos razões para incentivá-la.

Por meio da leitura entramos no mundo do outro e, de posse dessa experiência, recolhemos informações preciosas para a formação de nosso próprio universo. Entretanto, ler não é uma tarefa simples. É um processo complexo pelo qual o leitor pode, gradativamente, estabelecer parâmetros do que seja um bom texto e adquirir o gosto pela leitura. Nesse processo, o leitor torna-se mais livre para optar, tomar decisões, criticar, definir sua posição, ser político, tornando-se também mais humano e exercendo um papel que o marque como cidadão. Refiro-me aqui, principalmente, à leitura literária, pois, de acordo com Soares (2004),

> A leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e complexidade, e assim nos torna mais compreensivos, mais tolerantes – compreensão e tolerância são condições essenciais para a democracia cultural. A leitura literária democratiza o ser humano porque traz para seu universo o estrangeiro, o desigual, o excluído, e assim nos torna menos preconceituosos, menos alheios às diferenças – o senso de igualdade e de justiça social é condição essencial para a democracia cultural. A leitura literária democratiza o ser humano porque elimina barreiras de tempo e de espaço, mostra que há tempos para além do nosso tempo, que há lugares, povos e culturas para além da nossa cultura, e assim nos torna menos pretensiosos, menos presunçosos – o sentido da relatividade e da pequenez de nosso tempo e lugar é condição essencial para a democracia cultural (p. 31-32).

Investir na formação de leitores é uma tarefa urgente, mas essa formação não é algo que vai se dar da noite para o dia. Ela é resultado de uma construção que deve ser feita de forma sistemática, cotidianamente, e cuja mediação do professor é importante. Sobre a leitura de um texto literário, Aguiar (2001) afirma que para se formar um leitor crítico, aquele que "assume posições com independência", é necessário propor estratégias bem construídas de leitura, pois se o trabalho feito pelo professor com o texto literário for equivocado, "privará o aluno do contato com a multiplicidade de sentidos do texto" (p. 146, 147).

Diante das questões apresentadas, resolvemos delimitar a pesquisa utilizando como estratégia algumas perguntas que nortearam nosso trabalho: a entrega dos livros do Programa se dá de maneira eficaz? Os professores têm conhecimento sobre o PNBE? O Programa alcança seu objetivo de promover a leitura? Que obras literárias os jovens realmente leem? Quando os professores indicam obras literárias para seus alunos, há a preferência pela indicação de obras ou autores canônicos[4]?

A princípio, nossa proposta era pesquisar a formação de leitores ao estudar a recepção dos acervos do PNBE/2006 por parte dos professores das séries/anos finais do Ensino Fundamental, buscando identificar os usos realizados com os acervos dentro da sala de aula. Estabelecemos, então, os seguintes objetivos como meio de orientar nosso trabalho:

---

[4] Canônico aqui é entendido como um conjunto de obras (e seus autores) consideradas social e institucionalmente "grandes", "geniais", contínuas, comunicando valores humanos essenciais, por isso dignas de serem estudadas e transmitidas de geração em geração. Escolhas consagradas graças a um processo de legitimação. Cf. *E-Dicionário de Termos Literários*, disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/edtl>. Acesso em: maio 2008.

1. Analisar a chegada dos acervos do PNBE/2006 nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte;
2. Verificar o conhecimento que os professores têm sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola;
3. Identificar os possíveis usos dos acervos do PNBE/2006 por professores de língua portuguesa do Ensino Fundamental[5].

Com o intuito de responder às questões apresentadas e alcançar os objetivos explicitados, selecionamos os procedimentos metodológicos que mais se adequaram à nossa proposta.

Definimos como um primeiro procedimento metodológico, numa abordagem mais quantitativa, a aplicação de um formulário[6] em 181 escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, dentre as quais 153 atendem do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental (que correspondem à 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries – público-alvo do PNBE/2006). Através da aplicação desse formulário, foram buscadas evidências sobre os seguintes aspectos: a chegada efetiva dos acervos nas bibliotecas; quantos e quais acervos cada escola recebeu; se os livros já se encontravam disponíveis para os alunos; se os professores tomavam conhecimento sobre a chegada desses livros e se eles estavam fazendo uso das obras em sala de aula.

Como pretendíamos coletar tanto dados quantitativos, quanto outros de natureza mais qualitativa, nossa conversa com os profissionais se deu guiada pelo formulário, mas de maneira mais espontânea, pois algumas questões se relacionavam também aos valores, às atitudes e também às opiniões dos sujeitos

[5] Nosso terceiro objetivo, que considerávamos como um dos mais importantes se tornou inviável visto que não encontramos dados que sustentassem essa natureza da pesquisa, como será possível observar mais adiante.

[6] Elaborado para atender a quatro diferentes pesquisas, em função da convergência de temáticas e o interesse em realizar um estudo de caso da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (ver Anexo 1). As pesquisas são: *Literatura premiada entra na escola?* A presença dos livros premiados pela FNLIJ, na categoria criança, em bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte, de Cristiane Dias Martins da Costa (2009); *O PNBE 2005 na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte*: uma discussão sobre os possíveis impactos da política de distribuição de livros de literatura na formação de leitores, de Daniela Freitas Brito Montuani (2009), e *Impasses e possibilidades da atuação dos profissionais das bibliotecas da Rede Municipal de Belo Horizonte*, de Elaine Maria da Cunha Morais (2009). Todas essas pesquisas de mestrado estão inseridas no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação – FaE/UFMG.

abordados. Assim, podemos definir como entrevista semiestruturada a metodologia utilizada.

Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, como foi o nosso caso, obtendo assim um direcionamento maior para o tema e possibilitando nossa intervenção a fim de que os objetivos fossem alcançados. Uma de suas vantagens é que, ao contrário do que acontece com os questionários enviados por correio, que costumam ter um baixo índice de devolução, a entrevista possibilita um índice de respostas bem mais abrangente, já que estamos em contato direto com o informante.

O formulário foi então aplicado pessoalmente aos profissionais que estavam atuando nas bibliotecas escolares. Esses funcionários foram colaboradores de fundamental importância, pois por meio deles conseguimos informações que, em parte, mudaram o rumo da pesquisa. Além disso, outro fato contribuiu diretamente para essa mudança. Como aplicávamos os formulários dentro das bibliotecas, mesmo que às vezes fosse escolhido um horário de pouco “trânsito” no espaço, pudemos observar diretamente o que acontecia no dia a dia dentro daquele ambiente. Foi numa dessas visitas que tive um *insight*. Nosso terceiro objetivo, como já foi dito, já havia sido praticamente descartado em função das respostas das auxiliares, mas durante o intervalo do recreio em uma das escolas visitadas, tive contato com alguns alunos na biblioteca que ficaram curiosos com a minha presença. A auxiliar lhes explicou o motivo de minha visita ao mesmo tempo em que observei que uma das alunas entregava um livro do acervo do PNBE/2006. Ao comentar isso com a auxiliar, ela disse que a aluna em questão era uma boa leitora, frequentadora assídua da biblioteca da escola. A menina percebeu que eu conhecia o livro e começou a relatar o que havia achado da história sem que eu lhe perguntasse. Uma fala me chamou bastante a atenção: “Muito mistério e muito terror. Esse tipo de livro me chama e eu não resisto... mas esse ainda fez mais, você lê e mesmo assim quando termina de ler ele você quer ele outra vez. Gostei muito.”

Pronto! Era o que precisávamos para dar continuidade à pesquisa. Se por um lado não tínhamos respostas, por outro não teríamos apenas uma, mas várias. O que os jovens de hoje estão lendo? Que tipo de leitura lhes agrada mais? Os gêneros privilegiados pela seleção de acervos do PNBE estariam de acordo com

o gosto desses jovens leitores? Surgia aí uma nova etapa da pesquisa e, talvez, a mais surpreendente de todas.

Resolvemos buscar tais respostas onde elas seriam mais verdadeiras: na escola. Criamos um roteiro de entrevista para guiar nossa conversa; optamos por selecionar oito alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, sendo dois de cada ano, e, quando possível, um menino e uma menina. Para não fazer uma escolha aleatória, definimos alguns critérios, tais como: escolher uma escola que pertencesse à regional com o maior número de instituições; a biblioteca da escola deveria atender não apenas aos alunos, mas a toda comunidade do seu entorno; como um último critério para escolha dos sujeitos, procuramos a escola com o maior número de matrículas.

Para fazer uma melhor exposição desta pesquisa, dividimos a dissertação em três capítulos que serão apresentados a seguir:

O primeiro capítulo, intitulado “A literatura na escola”, apresenta inicialmente um panorama histórico da literatura infanto-juvenil abordando rapidamente sua introdução na Europa/França e mais detalhadamente no Brasil no início do século XIX. Essa visão histórica nos permite visualizar a relação que foi estabelecida, desde o início, entre o ensino e a literatura. Tais discussões têm como respaldo teórico os trabalhos de Nelly Novaes Coelho (1991); Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2005) e Laurence Hallewell (1985).

A problematização acerca da distribuição dos acervos do PNBE/2006 nas escolas e a sua relação com a formação de jovens leitores nesse ambiente me conduziram ainda à definição de um referencial teórico que visa a abordar outros conceitos, tais como: literatura, escolarização, mediação, leitura literária e letramento literário. Essas abordagens teóricas se tornaram possíveis pela aproximação que tive com os trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa do Letramento Literário (GPELL), tanto em relação a pesquisas quanto a publicações feitas pelo grupo. Quanto aos principais teóricos que deram sustentação a essa etapa da pesquisa, alguns se vinculam ao campo da educação e das práticas de leitura, outros se vinculam à literatura, e há ainda os que tratam da formação de leitores, tais como: Magda Soares (2001; 2004); Anne Marie Chartier (1995; 2005); Roger Chartier (1996); Maria do Rosário Magnani (1989); Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini (1993); Regina Zilberman (1991; 2003); Marisa Lajolo (1982; 1994; 2001;

2002); Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1996); Maria de Lourdes Dionísio (2005); Teresa Colomer (2003, 2007); Graça Paulino (2004); Rildo Cosson (2006); Graça Paulino e Rildo Cosson (2004), entre outros.

No segundo capítulo, “Políticas públicas de formação de leitores”, indicamos os primeiros programas de leitura que surgiram a partir do início da década de 80 e, em seguida, buscamos contextualizar o Programa Nacional Biblioteca da Escola a partir de suas primeiras edições. Neste primeiro momento tivemos como respaldo os estudos realizados por Custódio (2000); Vera Masagão Ribeiro (2004); Eliana Yunes (1994); Andréa Berenblum (2006), além de documentos oficiais do Ministério da Educação.

Em seguida passamos a discutir mais especificamente a respeito do PNBE/2006, utilizando as informações que o trabalho como bolsista me permitiu coletar e tendo como apoio o edital do programa. Em um terceiro momento, demos início à análise dos dados quantitativos, que foram coletados através do formulário aplicado nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. Nesta parte do trabalho as questões abordadas no decorrer do primeiro e segundo capítulos se tornam visíveis, como a chegada dos acervos nas bibliotecas, o conhecimento dos auxiliares a respeito do programa, a realização de trabalhos com os livros no ambiente escolar. Tais aspectos nos permitem também um maior esclarecimento acerca da abrangência do Programa.

O capítulo três, “As especificidades do jovem leitor em relação à literatura”, destina-se a dar continuidade às discussões levantadas no decorrer da pesquisa, desmistificando a idéia de que o jovem não gosta de ler. Apoiadas por um roteiro de entrevista, conversamos com oito alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e procuramos identificar, entre outras questões, quem foram os responsáveis por despertar-lhes o gosto pela leitura, as preferências desses jovens em relação à literatura. O que gostam e o que não gostam de ler? Quanto leem?

Após as análises, apresentamos nossas considerações finais, nas quais retomamos as perguntas de pesquisa, procurando identificar se os objetivos propostos foram alcançados. Seguem-se, então, a Bibliografia e os Anexos, com o formulário aplicado aos auxiliares de biblioteca e o roteiro utilizado para a conversa aos alunos, documentos que podem ser utilizados como elementos auxiliadores na leitura e no entendimento do trabalho.

CAPÍTULO 1

A LITERATURA NA ESCOLA

A intenção deste capítulo não é definir o que seja a literatura infanto-juvenil, nem estudar os seus elementos narrativos e poéticos, mas compreender sua trajetória ao longo do tempo traçando um pequeno panorama histórico. Esta primeira parte é importante, pois nos ajudará a compreender a relação estabelecida entre a escola e a literatura infantil ao longo dos tempos. É isso que tento fazer nas próximas linhas.

1.1 - A produção literária para crianças e jovens

A literatura infantil surge na Europa, mais precisamente na França e Inglaterra, entre fins do século XVII e a primeira metade do século XVIII. Sua expansão se deve à associação entre o novo modelo de escola que surge com a burguesia ascendente e a forma como esta vem a se organizar em torno da criança, que passa a ter um espaço próprio dentro da sociedade. De acordo com Aguiar (2001),

> A ascensão da burguesia na sociedade europeia durante o século XVIII, o crescimento de sua capacidade econômica e a consequente conquista de mais poder político resultaram numa nova ordem social e cultural, em que os valores da classe emergente se impunham. Para ocupar um lugar nesse contexto, o sujeito precisava estar apto para exercer seu trabalho com eficiência e dele obter lucros. Logo, passou-se a investir na educação como uma forma de prepará-lo para a vida adulta.

> A infância tornou-se, assim, a partir dessa época, o centro das atenções, e as novas instituições, como a escola moderna, não só divulgavam as idéias vigentes, mas também condicionavam a criança para desempenhar seu papel na sociedade (p. 23).

Com isso, surge uma preocupação por parte de diversos setores relacionados à criança, que começam a lhe dedicar maior atenção. De acordo com Lajolo e Zilberman (2005), a criança passa a motivar a criação de "objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro)" (p. 17), bem como a inserção de certas instituições, como as escolas e as livrarias, além de novos estudos voltados à infância[7], impulsionando os campos da Pediatria, da Psicologia e da Pedagogia.

Na visão capitalista da época, a escola passou a exercer um papel de grande relevância, já que passou a ser dela a responsabilidade de preparar os novos cidadãos para o modelo burguês de sociedade. A intenção era democratizar o saber intelectual com a preparação dos jovens para o mercado de trabalho, inserindo a escolarização em todas as camadas socioeconômicas. Assim, como afirmam Lajolo e Zilberman: "(...) a literatura infantil assume, desde o começo, a condição de mercadoria" (2005, p. 18), cria-se e industrializa-se o livro como meio didático e é nesse momento que os laços entre a literatura e a escola se estreitam. Cabe ainda lembrar que os primeiros livros destinados ao público escolar foram escritos por professores e pedagogos. Eles estavam diretamente relacionados a uma função utilitário-pedagógica e, por isso, foram sempre considerados como uma forma literária menor, já que visavam a ensinar os valores morais, os hábitos a serem seguidos na sociedade emergente e os conteúdos das disciplinas.

É no ano de 1697, na França, que surgem os primeiros textos destinados ao público infanto-juvenil. Tratava-se de *Contos da mamãe gansa*, de Charles Perrault, que teve sua primeira edição intitulada *Histórias ou contos do tempo passado com moralidades*, porque as histórias eram adaptações literárias que traziam, ao final, conceitos morais em forma de verso. Os *Contos da mamãe gansa* se constituem de uma coletânea de oito histórias que, segundo Coelho (1991), eram: "A Bela Adormecida no bosque"; "Chapeuzinho Vermelho"; "O Barba Azul"; "O Gato de Botas"; "As fadas"; "A Gata Borralheira" ou "Cinderela"; "Henrique, o Topetudo" e

[7] Não aprofundaremos nos estudos acerca do conceito de infância por não ser o foco da pesquisa que propomos. Para mais informações, cf. GOUVÊA, 1990.

“O Pequeno Polegar”. Posteriormente foram acrescidos mais três títulos sendo: “A Pele de Asno”; “Os desejos ridículos” e “Grisélidis”.

Ainda seguindo o estudo cronológico de Coelho (1991), após o êxito dos contos de fadas de Perrault, surgiram outras publicações a partir do século XVIII das quais podemos destacar como obras que se tornaram clássicos da literatura: *Robinson Crusoé*, escrito por Daniel Defoe, em 1719, e *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, em 1726. No século XIX são os irmãos Grimm que se destacam ao reunir cerca de 200 contos e lendas populares publicados entre os anos de 1812 e 1822, resultando na obra *Kinder-und Hausmärchen – Contos de fadas para crianças e adultos*, dentre as quais podemos citar:

> A Bela Adormecida – Os Músicos de Bremen – Os Sete Anões e a Branca de Neve – O Chapeuzinho Vermelho – A Gata Borralheira – As Aventuras do Irmão Folgazão – O Corvo – Frederico e Catarina – Branca de Neve e Rosa Vermelha – O Ganso de Ouro – A Donzela que não Tinha Mãos – O Pescador e suas Esposas (...). (Coelho, 1991, p. 141)

Uma vez que os contos de fadas eram, em sua maioria, histórias curtas, com começo, meio e fim; de fácil compreensão para os pequenos e inseriam sua narrativa em um mundo fantástico com princesas e príncipes, reis e rainhas, bruxas, monstros e fadas, personagens que despertam o imaginário infantil, tais obras acabaram por se converter em sinônimo de literatura para crianças. Hans Christian Andersen dá continuidade a esse bom resultado quando publica, em 1833, o seu *Contos*, dentre os quais podemos destacar como mais conhecidos “O patinho feio”; “A pequena Sereia”; “O Soldadinho de Chumbo”; “A pequena vendedora de fósforos” e “A Princesa e a ervilha”.

Através do simbólico a narrativa maravilhosa provoca a emoção dos leitores, que acabam se identificando com as personagens, com o enredo, etc. O maravilhoso se consolida na literatura infanto-juvenil ao longo do século XIX com obras de autores como: Lewis Carroll, Jules Verne, Robert Louis Stevenson, Collodi e James Barrie, que dão prosseguimento à criação de histórias fantásticas e que até hoje marcam crianças e jovens, sendo elas respectivamente: *Alice no País das Maravilhas* (1863), *As aventuras de Tom Sawyer (1876), A ilha do tesouro (1882), Pinóquio* (1883) e *Peter Pan* (1911).

É apenas no final do século XIX e princípio do século XX que a literatura infantil surge no Brasil. Anterior a essa data, algumas obras chegaram a

circular no país, quando da implantação da Imprensa Régia em 1808: foram traduções como *As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen*, publicada neste mesmo ano, e a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leitura para meninos* (obra de cunho moral e de ensino pedagógico), dez anos mais tarde. No entanto, segundo Lajolo e Zilberman (2005), as publicações eram esporádicas e insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira regular para a infância.

Como aconteceu na Europa, o surgimento da literatura no Brasil relaciona-se com as condições políticas, sociais e econômicas da época. O país passava por um momento de transição entre a Monarquia e a República e, para que esta fosse realmente estabelecida, era necessário incitar nos cidadãos o sentimento do nacionalismo. Frente a isso, literatura e escola foram utilizadas como meio de divulgação das novas idéias.

É somente com a Proclamação da República que a literatura brasileira para a infância se consolida, conforme Lajolo e Zilberman (2005), "como sistema regular e autônomo de textos e autores postos em circulação junto ao público" (p. 24). Entretanto, o "acervo" literário infanto-juvenil dessa época era composto por traduções e adaptações de publicações europeias que eram produzidas, em sua maioria, por autores portugueses e traziam uma linguagem diferente do português do Brasil. Ainda de acordo com as autoras, a "(...) distância entre a realidade linguística dos textos disponíveis e a dos leitores é unanimemente apontada por todos que, no entresséculos, discutiam a necessidade da criação de uma literatura infantil brasileira" (p. 31).

Foram os autores Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel que, ao perceberem a divergência que havia entre as leituras escolares e o nível linguístico dos alunos, deram início as traduções e adaptações das obras estrangeiras para o público infanto-juvenil. O primeiro verteu para a nossa língua clássicos como *Contos seletos das mil e uma noites*, *Robinson Crusoé*, *Viagens de Gulliver* e *D. Quixote de la Mancha*; já o segundo dedicou-se aos contos de fadas de Perrault, Grimm e Andersen através dos seus *Contos da Carochinha*, ou ainda nas *Histórias da avozinha* e nas *Histórias da baratinha*.

Com a crescente urbanização, no princípio do século XX, surge de fato um espaço maior para a literatura infanto-juvenil no Brasil. Nessa época, a República

ambicionava um país em modernização e a escola passou a exercer um papel fundamental, tornando-se um veículo de valores educativos e ideológicos e contando com a literatura para despertar a cidadania nas crianças.

Escritores, entre eles jornalistas e professores, começaram a publicar livros para a infância. Obras como *Contos infantis* (1886), de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira; *Pátria* (1889), de João Vieira de Almeida; *Por que me ufano de meu país* (1901), de Afonso Celso; *Contos pátrios* (1904), de Olavo Bilac e Coelho Neto; *Histórias da nossa terra* (1907), de Júlia Lopes de Almeida, e ainda a obra *Através do Brasil* (1910), também de Olavo Bilac desta vez em parceria com Manuel Bonfim, transferem a idéia de fazer da leitura um instrumento de propagação do patriotismo, privilegiando, assim, a dimensão pedagógica e moralizante do texto.

Embora tenha havido o esforço de alguns escritores brasileiros em produzir obras direcionadas ao público infantil, é claro o tom pedagógico da maioria dos textos que eram escritos para transmitir lições de geografia, história, agricultura, higiene, além da valorização da natureza e do patriotismo. O Brasil repete então o que já havia acontecido na Europa: o desenvolvimento da literatura atrelado à educação.

Nesse breve panorama histórico do início da literatura infanto-juvenil no Brasil, não é possível deixar de evidenciar Monteiro Lobato, uma vez que sua obra é considerada um grande marco. Sua primeira publicação para o público infantil, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920), inaugura uma série de livros com histórias ambientadas em um típico sítio brasileiro, o Sítio do Pica-Pau Amarelo, e foi um grande sucesso entre as crianças, pois inseria em sua narrativa personagens infantis que demonstravam interesses e opiniões em relação ao mundo que as cercava. Isso fica claro no discurso de Vera Aguiar (2001) quando ela defende que “Monteiro Lobato foi o primeiro autor da literatura infantil brasileira que deu voz às crianças através das personagens, reproduzindo o universo inquiridor e imaginativo delas, desafiando-as a novas descobertas” (p. 20).

O autor também ganhou evidência ao conseguir unir o real e o imaginário, mostrando que as aventuras fantásticas poderiam ser vividas por qualquer um. Isto é confirmado por Nelly Novaes Coelho (1991) quando afirma que

> Seu sucesso irrestrito entre os pequenos leitores decorreu, sem dúvida, de um fator decisivo: eles se sentiam identificados com as situações narradas;

> (...) Tal como Lewis Carroll fizera com *Alice no País das Maravilhas*, na Inglaterra de cinquenta anos antes, Monteiro Lobato o fazia no Brasil dos anos 20: fundia o Real e o Maravilhoso em uma única realidade (p. 227).

A obra de Monteiro Lobato diferencia-se de toda produção nacional anterior, pois apresenta uma preocupação sob a perspectiva de formação do leitor crítico, sem o menosprezo da idade do destinatário. O autor abandonou os cânones gramaticais que predominavam na literatura da época e utilizou o coloquialismo em seu vocabulário. Isso resultou em uma linguagem fluente, o que também contribuiu para que o leitor da época se identificasse. Ainda que sua obra também tivesse como um de seus alvos a adoção pelas escolas, Lobato não conservou o caráter moralista tão comum àquela época. De acordo com Regina Zilberman (1994), a literatura infantil até Lobato não apresentava uma temática nacional, ela apenas reproduzia os padrões vindos da Europa. No entanto, o autor consegue romper esse círculo utilizando nossas tradições folclóricas em seus textos.

Ao longo da década de 20 e início dos anos 30, o autor publica diversas histórias curtas, entre elas: *O Saci*, em 1920; *Fábulas de Narizinho*, em 1921; *O Marquês de Rabicó* e *Fábulas*, em 1922; *A caçada da onça*, em 1924; *O noivado de Narizinho*, *Aventuras do Príncipe*, *O Gato Felix* e *Cara de Coruja*, todos em 1927; e ainda *A pena de papagaio* e *O pó de pirlimpimpim*, em 1930. A maioria dessas histórias foi reunida em 1931 no volume *As reinações de Narizinho*, obra de grande sucesso do autor.

Entre os anos 30 e o início da década de 40, as narrativas de Lobato abordaram conteúdos escolares que o escritor julgava importantes veicular, mas sempre utilizando seus personagens já consagrados e sem nunca perder o humor sadio e a função lúdica de sua literatura. Ao mesmo tempo em que trabalhava com a criatividade, aproveitava para aguçar o senso crítico do seu leitor. Algumas dessas obras foram: *Viagem ao céu* (1932); *História do mundo para criança* (1933); *Emília no País da Gramática* (1934); *Aritmética da Emília*, *Geografia de Dona Benta* e *História das invenções* (1935); *O poço do Visconde* (1937); *A reforma da natureza* (1941); *A chave do tamanho* (1942), entre outras. Assim, o autor constrói, em sua obra infanto-juvenil, uma proposta educativa bastante completa, que une a apresentação de um espírito crítico e investigativo nas crianças a um conjunto amplo de conteúdos científicos, artísticos e históricos que, mais do que conhecidos por

elas, são vivenciados. Sua literatura proporciona à criança o conhecimento de mundo e de si mesma, ampliando os seus horizontes.

A partir de 1942, a literatura para crianças no Brasil passa por uma nova fase: as produções infantis crescem significativamente em decorrência de um notável processo de expansão que ocorria também com o mercado consumidor. Assim, as décadas que seguem (entre os anos 1940 e 60) são marcadas, de acordo com Lajolo e Zilberman (2005), “pela profissionalização, acompanhada de especialização, por parte de editoras e escritores” (p. 86). Elas ainda ressaltam que foram poucos os escritores que lançaram apenas uma obra nessa época, o que gerou uma grande quantidade de livros com temas e personagens repetidos, tornando-se um traço marcante desse período.

Nessa época, as histórias passaram a ter como cenários principais sítios, florestas e o campo, sendo um dos temas mais explorados foi o café. As narrativas se dedicam a mostrar a luta e o sucesso de agricultores que buscavam terras férteis para o cultivo do bem que já havia sido sinônimo de riqueza, mas que agora se encontrava quase falido. Histórias que retratavam os bandeirantes também tiveram destaque nesse período.

A partir dos anos de 1960 e 70, as editoras estabeleceram um mecanismo de consumo tal que, independente da qualidade da obra, garantiu a sua consolidação no mercado. Nessas décadas também começaram a se propagar programas de incentivo à leitura. No mesmo período, instituições como a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968) e o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (1973) são criadas com o objetivo de trabalhar especificamente com textos literários para crianças e jovens. Uma vez preocupado com o tratamento dado à leitura no país, o Estado passa a incentivar todas essas inovações e as instituições privadas também dedicam grandes quantias em dinheiro ao mercado literário destinado a esse público.

O crescimento acelerado da produção literária infantil e juvenil foi um dos resultados obtidos com tal investimento. Outro foi a inserção de novos autores, bem como autores já consagrados que se juntaram a essa área da literatura. Alguns deles foram e ainda são: Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Bartolomeu Queirós, Lygia Bojunga, Vinícius de Morais, Cecília Meireles, entre outros. Todos foram, de certa forma, movidos pela literatura de Monteiro Lobato e não deixaram que o

imaginário, o lúdico e o humor se perdessem em sua obra, que utilizava também uma linguagem menos formal e mais próxima da oralidade. Surgiram títulos como *Ou isto ou aquilo* (1964), de Cecília Meireles; *Pé de pilão* (1968), de Mário Quintana; *A arca de Noé* (1974), de Vinícius de Morais, que exploravam o humor e o *nonsense*. A exemplo de Lobato, as publicações passaram a apresentar uma literatura questionadora, capaz de reorganizar a percepção de mundo de seu leitor, fazendo dele um crítico que questiona os valores preestabelecidos e consolidados pela sociedade.

O gênero literário infantil brasileiro se firma na década de 1980 em razão do crescimento do mercado consumidor, amplamente influenciado pela escolarização das práticas de leituras. O mercado de livros nacional já se compara ao dos países desenvolvidos e as livrarias especializadas em livros infantis começam a surgir.

Alguns escritores que já vinham se voltando para a literatura infantil, consagram-se entre os anos de 1980 e 1985 devido à qualidade e questionamento de suas obras. Entre esses escritores podemos citar: Marina Colasanti, Mirna Pinsky, Luís Camargo, Ziraldo, Ciça Fittipaldi, Tatiana Belinky, Ricardo Azevedo, Sylvia Orthof e outros que já foram mencionados. Os primeiros livros de imagem surgem nesse período e conquistam o público graças à manifestação de idéias inteligentes e delicadas de escritores como Angela Lago, Mary e Eliardo França, Rogério Borges, Eva Furnari. A poesia, que de acordo com Nelly Novaes Coelho (1991), é “área essencialmente importante da criação literária para crianças e jovens” (p. 260), também teve seu espaço no mercado editorial com a presença de autores como José Paulo Paes, Elias José, Roseana Murray, Pedro Bandeira e Mônica Versiani.

A década de 1980 também é marcada pela criação dos primeiros programas de leituras, como o *Sala de Leitura*[8], resultado de uma parceria entre a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) e o MEC, naquela época ainda denominado Ministério da Educação e Cultura. Escolas receberam acervos compostos por livros de literatura infanto-juvenil, além de livros didáticos e

[8] O Programa será melhor explicitado no capítulo 2 desta dissertação.

paradidáticos. O Governo se tornou o principal consumidor da indústria do livro da época, o que ocorre até hoje.

Os anos 1990 apresentam no panorama brasileiro uma grande diversidade de temas e autores se destacam na produção de livros para crianças e jovens, entre eles Angela Lago, com seu livro de imagens *Cena de rua* (1994); Bartolomeu Campos de Queirós, com *Por parte de pai* (1995) e *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (1996); Ana Maria Machado, com sua obra *Amigos secretos* (1996), e Lygia Bojunga, com *Seis vezes Lucas*, são alguns exemplos. Outra característica presente diz respeito às inovações em relação à qualidade do projeto gráfico e editorial. Em benefício do leitor, os trabalhos têm se aprimorado cada vez mais, seja na busca de profissionais qualificados para o seu exercício ou pelo tipo de papel e outros materiais gráficos utilizados na elaboração do projeto.

Dentro do que aqui foi apresentado é possível ver, ainda que de forma rápida, como se deu a evolução da literatura infanto-juvenil em nosso país, e como ela esteve, desde a sua criação, arraigada à escola. Ambas tiveram seus percursos entremeados, marcados fortemente pelo caráter moralizante e transmissor de valores e costumes de cada época.

Os anos iniciais do novo milênio assinalam intensas atividades voltadas ao livro e à leitura, sejam elas as feiras e bienais do livro que acontecem em diversas regiões do país ou os próprios programas desenvolvidos pelos governos – Federal, Estadual e Municipal – voltados para o incentivo à leitura. Aliás, como aconteceu na década de 1980, esses programas têm sido um grande estímulo à produção editorial nos últimos anos.

Tal crescimento do mercado acaba trazendo um movimento desenfreado da edição de livros de diversos gêneros que se confundem com as obras literárias. Uma vez que a literatura infanto-juvenil brasileira continua mantendo uma relação estreita com a escola, cabe-nos perguntar como está se dando a formação de nossos jovens leitores nesse ambiente e se essa formação tem se dado de maneira eficaz. Essas são algumas das questões que pretendemos abordar no tópico seguinte.

1.2 - A formação de leitores literários na escola

...um texto só existe se houver um leitor para lhe dar significado.
Roger Chartier

Neste momento, não temos a pretensão de explorar a leitura em suas várias concepções, mas para tratar da formação de leitores vamos focalizá-la aqui como um processo fundamental para todos aqueles que desejam inserir-se no mundo letrado. É preciso compreender ainda que ela faz parte de um processo de construção do qual o leitor participa ativamente, não apenas extraindo informações da escrita, decodificando-a letra a letra, mas transformando o conhecimento adquirido em fator de transformação, em produção de sentido. Isso é enfatizado por Anne Marie Chartier (1996) quando ela afirma que “Ler não é descobrir o sentido do texto em função do domínio do código, é construir um sentido tal para o texto, graças a conhecimentos anteriores (entre os quais, o código), ao contexto de recepção, aos elementos de informação selecionados, etc.” (p. 9)

Não há como falar sobre formação de leitores sem falar sobre a leitura, já que ambas são dependentes entre si. Por sua vez, falar em leitura nos remete à escola visto que desde a criação dessa instituição de ensino é comum relacionarmos uma à outra.

Sabemos que a relação estabelecida entre leitura e escola foi historicamente construída e que, desde a sua criação, essa instituição se utiliza da leitura como forma de transmitir saberes acumulados e construir novos conhecimentos. De acordo com Zilberman (1988), é no século XVIII que a prática da leitura passa a ser promovida pela pedagogia de forma mais clara. Os ideais iluministas se evidenciavam pela crença no progresso e na razão e pelo incentivo à liberdade de pensamento, dando valor ao livro como instrumento de cultura, como objeto que permitiria acesso ao saber organizado. Este, por sua vez, era a condição principal para se elevar socialmente na época. Assim, a escola se afirma como instituição e a ela é conferido o dever de ensinar a ler e a escrever. Além disso, ela também passa a ser considerada o espaço formal que objetiva dar acesso à cultura literária e a desenvolver e incentivar o prazer da leitura.

De acordo com Lajolo (1994), no Brasil, escola e literatura infantil mantiveram sempre relações de dependência mútua, sendo que os livros para crianças “não deixaram nunca de encontrar na escola entreposto seguro, quer como material de leitura obrigatória quer como complemento de outras atividades pedagógicas, quer como prêmios aos melhores alunos” (p. 66).

Hoje, temos a consciência de que a leitura tem um papel fundamental na formação do indivíduo e que a reflexão sobre o ensino de leitura na escola é muito importante. Nessa reflexão, é necessário analisar os fatores que impedem a formação de sujeitos leitores para que se possam apresentar caminhos de renovação e qualificação na prática pedagógica relativa à leitura. Esta, como já foi dito, sempre teve, e tem, um papel social de grande relevância. O trabalho realizado com a leitura na escola tem, ou deveria ter, por objetivo levar o aluno à análise e à compreensão das idéias dos autores e a buscar no texto os elementos básicos que o compõem e os efeitos de sentido.

Um trabalho de leitura e de formação de leitores precisa abordar tipos diversificados de textos, pois o mundo está em mudança constante e é preciso, portanto, ampliar as possibilidades de acesso e de domínio de diferentes e novos textos em diferentes e novos suportes. No âmbito escolar, percebemos que os alunos cada vez mais se afastam e se desinteressam pela leitura; então, questionam-se as práticas pedagógicas, o ensino e o incentivo à leitura em sala de aula e as propostas de ação que podem levar crianças e jovens a se tornarem leitores.

A escola é considerada um espaço privilegiado de mediação da leitura, pois é nela que um número significativo de crianças tem o seu primeiro contato com o livro e com os textos literários. De acordo com Rodrigues (2006), na maioria das vezes esse contato se dá por meio do livro didático, uma vez que em nossa sociedade esse é o principal mediador de tal leitura no ambiente escolar.

O problema da leitura literária por meio do livro didático, ainda segundo a autora, é que essa leitura quase sempre é feita de maneira incompleta. A pesquisa de Rodrigues mostra que, ao se analisar a apresentação de textos literários nos

livros didáticos[9] destinados ao primeiro ciclo do Ensino Fundamental, será possível identificar apenas fragmentos descontextualizados da narrativa. Seu trabalho também demonstrou que os fragmentos dos textos utilizados são apresentados de forma que *desfiguram o sentido da obra do escritor*, além de serem indicados outros procedimentos também inadequados à escolarização da leitura literária (p.18).

O uso dos livros de literatura dentro de sala de aula tem sido esporádico, um mero complemento ao texto, quando o certo deveria ser o contrário. Infelizmente isso é justificado, como aponta Magda Soares (2004a) em seu texto "Leitura e democracia social", pois vivemos

> (...) em um país de raras e precárias bibliotecas: raras **bibliotecas públicas**, raras e precárias **bibliotecas escolares** (...) pode-se dizer que há uma não distribuição equitativa de bibliotecas públicas neste país... O mesmo ocorre com as bibliotecas escolares, também raras e precárias (p. 21, grifos da autora).

O mesmo acontece com os acervos dessas bibliotecas que, ainda de acordo com a autora, são pequenos e quase sempre desatualizados, e cujo espaço serve mais como depósito de livros e centros de informação.

Nesse contexto, políticas e programas, como o PNBE, tornam-se ações de grande importância, pois, através da distribuição de seus acervos, eles garantem a chegada de livros novos e atuais às bibliotecas, além de propiciarem o acesso e a circulação desses bens por meio da escola. Esta, por sua vez, tende a cumprir o seu papel de mediadora na formação de leitores. De acordo com Ivete Walty (2001),

> Numa sociedade empobrecida, a escola não pode prescindir de seu papel de divulgação dos bens simbólicos que circulam fora dela, mas para poucos. A literatura deve circular na escola, pois urge formar um leitor sensível e crítico, que perceba o sentido do ritual, faça parte dele sem se submeter cegamente (p. 54).

[9] A escolarização da literatura no livro didático de língua portuguesa das séries iniciais do Ensino Fundamental foi o objeto de estudo desta pesquisa, que se orientou por, dentre outros objetivos, identificar os textos literários presentes nas coleções didáticas; selecionar o fragmento que constitui o texto a ser lido e analisar as propostas de leituras e as atividades de compreensão que são apresentadas no livro didático para o trabalho com o texto literário. A autora utilizou duas coleções didáticas de língua portuguesa, destinadas ao primeiro segmento do Ensino Fundamental e recomendadas pelo PNLD/2004: *Linhas & entrelinhas*, da editora Nova Didática, e *Bem-te-li*, da editora FTD.

Entretanto, para se formar um leitor, não basta simplesmente oferecer oportunidades de contato com os livros, é preciso que o gosto pela leitura seja desenvolvido. É necessário que a escola coloque o aluno em contato com os livros de forma prazerosa, em um ambiente que propicie o livre acesso a esse material e à articulação entre diferentes linguagens, e não estritamente a questões que envolvam o ensino da língua, com cobranças e avaliações. É preciso também, antes de tudo, que os professores sejam leitores, que conheçam a natureza da literatura, obras, autores, que saibam selecionar textos e desenvolvam atividades significativas que favoreçam o potencial criativo do aluno, através de um processo de construção de significados e conhecimentos que permitam uma interação entre leitor e leitura. Assim eles terão maiores chances de colaborar para a tão almejada formação dos leitores; do contrário, mandarão ler apenas porque “pensam” que é importante e não estarão dando o exemplo.

É muito importante saber também que não se nasce leitor e nem se transforma o aluno em um leitor de uma hora para a outra: existe um trajeto a ser percorrido cujas bases são as concepções iniciais do que é ler. Esse trajeto tem início a partir do momento em que as condições do meio lhe sejam favoráveis. Com efeito, ler é um processo que envolve reconhecimento, aquisição de conhecimentos e interação com conhecimentos anteriores ao momento da leitura que vão desde a internalização de um sistema de códigos linguísticos aos conceitos que cada leitor tem a respeito do mundo.

Apesar das diferentes estratégias utilizadas no ensino da leitura, principalmente no que diz respeito à leitura literária, o objetivo principal é encontrar o equilíbrio entre o útil e o desejado. Ou seja, a necessidade de a literatura estar presente em sala de aula deve estar comprometida com a formação do leitor. Muitas dúvidas pairam sobre os professores em relação ao ensino da leitura e sobre a melhor maneira de se estimular o gosto pela literatura.

O grande desafio é fazer com que o aluno leia, sem que seja preciso usar métodos coercivos, como avaliar a leitura com provas ou trabalhos, ou sem que se tenha de fazer discursos sobre o valor da leitura. Como afirma Walty (2001), “Estudiosos da leitura têm mostrado como o ato de ler e seus rituais são marcados por uma necessidade de controle na busca de se evitar uma leitura não prevista,

subversiva" (p. 52). A autora destaca a necessidade de se rever essa prática na escola, o que é enfatizado por Vera Masagão Ribeiro (2006) quando aponta que

> Na escola, o jovem precisa fazer certas leituras obrigatórias, mas deve também ser incentivado a fazer suas próprias escolhas, identificar seus gostos e sua vocação, com base em suas vivências dentro e fora da escola. Os professores e professoras têm aí, e as pesquisas também mostram isso, uma influência decisiva (p. 37).

A postura do professor como mediador deve ser a de permitir que seus alunos expressem e compartilhem as significações e experiências construídas através da interação com o texto, ou seja, que ele também leia por prazer. Segundo Wanderley Geraldi (1984), a "leitura-fruição do texto" pode "recuperar de nossa experiência uma forma de interlocução praticamente ausente das aulas de língua portuguesa: o **ler por ler**, gratuitamente. E o gratuitamente aqui não quer dizer que tal leitura não tenha um resultado. O que define esse tipo de interlocução é o 'desinteresse' pelo controle do trabalho" (p. 86, grifo do autor). Ou seja, não é que a escola deva tratar somente desse tipo de leitura, mas que se possa dar espaço a ela também, repensando a questão da avaliação não apenas como forma de controle do que é ou não lido.

Uma vez que possui imensa quantidade de significados, o texto literário é um dos veículos mais ricos em essência, pois oferece ao leitor um espaço de liberdade que lhe confere possibilidade de satisfação, no ato da leitura, ao permitir que todos os seus sentidos sejam despertados. De acordo com Aguiar e Bordini (1993), "todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente" (p. 13). Assim, é possível afirmar que a leitura da obra literária permite ao leitor tomar consciência sobre o mundo real e sobre experiências que ainda não viveu, além de situações que ainda não foram experimentadas. Ao ter contato com o texto literário, esse leitor também pode ser levado a crescer, fruir, pensar de forma mais ativa, tornando-se um sujeito mais autoconfiante.

É importante frisar que nesse processo de interação entre leitor e texto, cabe ao professor, como leitor privilegiado – em função da maior intimidade que possui com o texto e de sua maturidade – ouvir seus alunos, sistematizar as idéias geradas e levar os leitores a perceberem outras significações que não haviam percebido inicialmente. O professor deve assumir uma postura democrática, na qual

prevalecerá não mais o papel do professor como o único detentor de um saber preestabelecido, mas o papel daquele que estimulará, conduzirá e aproximará o leitor do texto.

No que se refere ao processo de desenvolvimento do gosto pela leitura, sabemos que há fatores que contribuem, ou não, para que isso aconteça. Não é possível traçar um único percurso, dizendo o que e como fazer para formar um leitor de literatura, mas é possível traçar determinantes do dia a dia que influenciam e colaboram para o processo do gostar de ler, entre os quais fatores como o ambiente familiar e escolar são os mais marcantes. Esse gostar contribui, para além da formação de mais um leitor, para a formação de uma pessoa que sabe questionar, contestar e se posicionar frente à realidade. Um indivíduo que terá mais possibilidades de participar dos contextos que a sociedade oferece, expondo suas opiniões com argumentos mais sólidos que sustentarão suas idéias e posicionamentos; afinal, como afirma Soares (2004), a leitura literária tem, potencialmente, a capacidade de democratizar o ser humano.

Dessa forma, percebemos que os sujeitos leitores poderão ser mais bem preparados e estimulados a desenvolver um conceito de leitura mais aguçado que não se detenha apenas na linguagem como um instrumento de comunicação; uma relação com a leitura que potencialize suas interações com o outro e com a sociedade em que esses sujeitos estão inseridos. Mas quem seria o responsável por mediar a relação entre leitor e leitura? A mediação é um fator importante na formação do leitor?

Do latim *mediatore,* o termo mediador é definido como *aquele que intervém.* Tratando-se da leitura, podemos considerar que o mediador do ato de ler é o sujeito que torna próximos leitor e texto, facilitando essa relação, instigando o desejo de ler.

Podemos considerar como principais mediadoras de leitura duas instâncias: a família e a escola, sendo que dentro desta última temos os professores e os bibliotecários, que são apontados como responsáveis diretos por essa intervenção. A família, por ser a primeira instância a estabelecer o vínculo entre a criança e o mundo, deveria ser a primeira mediadora de leitura.

Temos observado um crescente aumento no número de famílias que tem visitado as feiras de livros e as bienais em nosso país ultimamente, trazendo para o cotidiano da criança a presença do escrito por meio do livro, o que acaba por incentivá-las em sua busca. Contudo, há um outro lado, em que atentamos para famílias para as quais o material impresso é praticamente estranho, o que consequentemente tende a afastá-las do mundo da escrita. Um outro fator ainda a ser considerado é que nem sempre as condições socioeconômicas permitem que as famílias incluam livros em seu orçamento, uma vez que se trata de um bem ainda consideravelmente caro em nosso país. Isso é justificado por Soares (2004), que afirma:

> Embora o setor editorial venha crescendo, ainda que modestamente, nos últimos anos, no Brasil, esse crescimento tem-se traduzido em aumento na quantidade de títulos, nas tiragens cada vez menores, o que encarece o livro. Assim, cresce a indústria do livro, sem que a isso corresponda um crescimento das condições de possibilidade de consumo do livro (p. 23).

Sendo assim, como nem sempre tem condições de cumprir a tarefa de mediadora da leitura, a família transfere esse papel à escola, que, de diversas formas, tenta cumprir com tal tarefa. O papel do mediador de livros é resultado não só do processo de iniciar a leitura de um jovem, como também de legitimar ou revelar o desejo de ler. O professor, como já dissemos anteriormente, sendo a figura mais próxima do aluno, tem se encarregado da tarefa de aproximá-lo da leitura. Entretanto, é fundamental que ele faça essa mediação, mostrando o texto de maneira prazerosa, não como instrumento de avaliação e tarefa. Se uma criança se interessa pela história contada pelo professor, provavelmente irá procurar outras histórias para ler sozinha. De acordo com Anne Marie Chartier (1995), “Aos professores cabe serem bons incitadores e oferecer, na vida cotidiana das classes, oportunidades de ler para ler, e não para fazer exercícios, nos quais a leitura deve ser, em cada caso, expressiva, seguida, explicada, comentada ou metódica” (p. 29-30).

Ler diariamente para os alunos é uma atividade indispensável para que se crie neles o hábito de leitura. A leitura só provocará interesse quando interagir com o leitor, quando fizer sentido e trouxer conceitos que se articulem com as informações que já se têm. Sendo o professor o sujeito responsável por estimular e mediar a leitura, deve criar em sala de aula condições para que seus alunos possam

ler. É válido salientar que a ausência de motivação para a leitura, utilizada por muitos professores como desculpa para justificar o fato de os alunos não lerem, deve-se ao reconhecimento por parte dos leitores de que os textos impostos não lhes dizem respeito, não se inserem em seu cotidiano. Dessa forma, podemos dizer que o gosto pela leitura só existirá, de fato, se o ato de ler for ao encontro das verdadeiras motivações dos leitores.

Ao se propor a formar o leitor, o professor deve estar disposto a criar possibilidades de leitura, antecipar sentidos, mudar, transformar, adaptar e enriquecer sua prática educativa. Ele cumpre com sua função de mediador, ao proporcionar aos alunos o contato com os diferentes tipos de textos, instituindo espaços para formação do leitor e despertando o seu prazer pela leitura. Formar o leitor é formar o sujeito enquanto cidadão que faz parte das práticas sociais e culturais. Com isso, o aluno terá sua aptidão para ler o mundo ampliada, expandindo seus conhecimentos prévios através das relações entre autor, leitor e obra e vice-versa.

Ao analisar o ensino da literatura infanto-juvenil, Magda Soares (2001) considera que não é possível haver escola sem que haja a escolarização dos saberes que, em geral, circulam em seu ambiente, pois “o surgimento da escola está indissociavelmente ligado à constituição de ‘saberes escolares’” (p. 20). Entretanto, a autora defende que haja uma adequada escolarização da literatura. Ela destaca o papel da escola como sendo a condutora eficaz da relação entre o aluno e as práticas de leitura literária que acontecem no contexto social.

Sabemos, no entanto, que não existem práticas de leitura sem a formação do leitor e esta, por sua vez, sem a aquisição das técnicas do ler e escrever. Para os jovens leitores inseridos no ambiente escolar, essas técnicas já são claras, mas se torna necessário acrescentar a elas práticas sociais em que ler e/ou escrever sejam demandadas. Ou seja, é necessário o trabalho concomitante de letramento, que é *“*o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (Soares, 2004, p. 18).

Ainda de acordo com a autora, “a escolarização é a principal responsável, nas sociedades contemporâneas, por promover e garantir o letramento” (p. 87). Logo, se a escola é o local, por excelência, para o desenvolvimento do

letramento e também é nesse ambiente que se desenvolve o gosto do leitor, que obras são levadas para a sala de aula?

Uma vez que a escola está sendo considerada a principal mediadora da leitura e o professor, uma figura central nesse processo, pois é ele quem faz a seleção dos suportes, dos textos e dos modos de ler, há a necessidade do estabelecimento de objetivos claros para a leitura, aspectos que são normalmente desconsiderados no contexto escolar. Segundo Cosson (2006), há uma imprecisão em relação à função da literatura no currículo escolar:

> (...) a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo. (...) Tem sido assim com o ensino da literatura em nossas escolas, que, no Ensino Fundamental, tem a função de sustentar a formação do leitor e no Ensino Médio, integra esse leitor à cultura brasileira, constituindo-se, em alguns currículos, uma disciplina à parte da Língua Portuguesa (p. 20).

De acordo com o autor, ora a literatura é considerada instrumento banalizado de formação de leitor, ora é considerada mera disciplina do Ensino Médio. Cabe, portanto, discutir a escolarização da literatura, empregando a definição do termo escolarização elaborada por Magda Soares (2001):

> (...) – ordenação de tarefas e ações, procedimentos formalizados de ensino, tratamento peculiar dos saberes pela seleção, e consequente exclusão, de conteúdos, pela ordenação e sequenciação destes conteúdos, pelo modo de ensinar de fazer aprender esses conteúdos – é a esse processo que se chama escolarização, processo inevitável, porque é da essência mesma da escola, é o processo que a institui e que a constitui (p. 21).

A autora ainda ressalta que uma escolarização adequada da literatura deve responder às perguntas “por que e para que estudar um texto literário”. Para ela, “os objetivos de leitura e estudo de um texto literário são específicos a este tipo de texto, devem privilegiar aqueles conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias à formação de um bom leitor de literatura” (Soares, 2001, p. 43).

Assim, transformando a leitura em uma obrigação, em “dissecação” de textos, sobrecarregando a leitura com atividades que não contribuem em nada para motivá-la ou entender o texto, o professor só estará contribuindo para *escolarizar* inadequadamente a leitura em sala de aula.

Ao analisar as relações existentes entre o processo de escolarização e a literatura, Soares (2001) nos apresenta três instâncias responsáveis por mediar

esse trabalho: a biblioteca escolar; a leitura e estudo de livros de literatura; e a leitura e o estudo de textos. De acordo com a autora, nas três instâncias podem ser detectadas estratégias comuns e ao mesmo tempo diferenciadas de escolarização da literatura.

Na biblioteca, citada aqui como a primeira instância, tais estratégias seriam, entre outras, o estabelecimento de um local de guarda e de acesso à literatura; a organização do espaço e do tempo de acesso aos livros e de leitura; a seleção de livros além de rituais de leitura que, no âmbito da biblioteca, devem ser respeitados como preencher e respeitar as fichas, até como se deve ler e em que posição se deve ler.

Já nas segunda e terceira instâncias, as estratégias são basicamente as mesmas, entre as quais estão sempre presentes a orientação do professor, em geral de Português; a avaliação da leitura e a leitura e o estudo do texto com objetivos diferenciados. Sobre a leitura de livros como instância de escolarização da literatura, Soares (2001) justifica que

> (...) sejam quais forem as estratégias para mascarar esse caráter de tarefa ou dever – jamais a leitura de livros no contexto escolar, seja ela imposta ou solicitada ou sugerida pelo professor, seja o livro a ser lido indicado pelo professor ou escolhido pelo aluno, jamais ela será aquele “ler para ler” que caracteriza essencialmente a leitura lazer, por prazer, que se faz fora das paredes da escola, se se quer fazer e quando se quer fazer (p. 24).

E continua:

> (...) por mais que se mascarem também as formas de avaliação – que se dê uma prova, que se peça preenchimento de ficha, que se promova trabalho de grupo, seminário, júri simulado, enfim, que se use seja qual for a estratégia, das muitas que a pedagogia renovadora vem sugerindo, sempre a leitura feita terá que ser demonstrada, comprovada, porque a situação é escolar, e é da essência da escola avaliar (p. 24).

Como podemos perceber, a questão debatida pela autora não é a “escolarização da literatura”, mas a sua escolarização inadequada, errônea ou imprópria. Se por um lado essas são as principais instâncias de escolarização da literatura, por outro, quando são realizadas de forma inadequada, acabam por apresentar muitos equívocos e desvios que contribuem para que os alunos se afastem cada vez mais das práticas de leitura literária, criando neles resistência ou aversão ao livro e ao ato de ler.

O processo de escolarização do sujeito, regulamentado por currículos escolares, reserva para o Ensino Fundamental a leitura de literatura simplesmente para familiarização do leitor com a especificidade do texto literário e a constituição do seu acervo de leitura. A formação do leitor fica restrita ao sistema de ensino e não resulta em gosto e prazer pela leitura. Grijó (2007) afirma que “As mediações, elaboradas pela escola, envolvem um conjunto de procedimentos que tratam desde a seleção do que pode e deve ser lido e até mesmo, referendando certos modos de ler” (p. 96). Sendo assim, concordamos com Walty (2001), quando ela diz que “não é a escola que mata a literatura, mas o excesso de didatismo, a burocracia do ensino acoplado a regras preestabelecidas, a normas rígidas e castradoras” (p. 51-52).

Infelizmente, os textos literários têm sido deixados de lado com o argumento de que possuem uma linguagem de difícil entendimento para os alunos. Estudos como os de Magnani (1989) mostram que é possível notar esse discurso até mesmo nos livros didáticos onde o que é literário fica em segundo plano ou se torna banalizado, seja pelas atividades propostas ou pela forma como um texto literário é introduzido no livro, como fragmentos, muitas vezes, desconexos. O que se leva para a sala de aula são textos curtos, notas de jornal, ora pela comodidade em trabalhar com esse material, ora pela facilidade no que diz respeito ao acesso. Nesse sentido, Cosson (2006) adverte que:

> (...) devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, (...) mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (p. 23).

Muitos estudos e pesquisas têm evidenciado a importância de atividades literárias diferenciadas no contexto educacional para um melhor desempenho da criança e, conseqüentemente, para a formação do jovem leitor. A utilização da literatura como um recurso pedagógico pode ser enriquecida e potencializada pela qualidade das intervenções do professor. Esse profissional, preocupado com a formação do gosto pela leitura, deve reservar espaços em que novas atividades sejam propostas sem o compromisso de impor leituras e avaliar o aluno. Trata-se de operacionalizar espaços na escola e na sala de aula para que a leitura possa ser vivenciada por prazer e com compromisso tanto por crianças quanto por jovens.

Consideramos que, para mediar adequadamente a leitura, a postura do professor também deve ser a de compartilhar com seus alunos sua paixão pelos livros, demonstrando sua curiosidade e/ou seu desejo pela leitura, pois isso contribuirá para que ele desperte o gosto nos alunos. O professor pode contagiar seus alunos e introduzi-los em uma relação com os livros sem a rigidez da obrigação ou do dever que a escola impõe. Ou seja, esse mediador deve se colocar como um sujeito leitor em vez de ser mero observador ou gerente da situação. Se o professor tem consciência da importância da leitura para o sucesso do aluno, se ele é um leitor e tem habilidades tanto para ler quanto para ensinar, então seus alunos, com certeza, terão oportunidades de contatos prazerosos com objetos portadores de textos, uma vez que saberá fazer a mediação adequada.

Podemos afirmar, portanto, que a leitura e a formação do leitor se fazem, geralmente, através de mediadores, importantes instrumentos na medida em que são selecionadores dos textos que chegam até os leitores, podendo ser responsabilizados pelo processo de formação do gosto desses leitores. Mas como formar esse gosto? Que textos selecionar? O professor tem acesso a materiais de leitura com qualidade dentro das escolas?

Cientes da questão da dificuldade de levar os alunos à leitura e possibilitar o acesso a materiais de qualidade nas instituições públicas de ensino, surgem as políticas e os programas de incentivo ao livro e à leitura instituídos pelo Governo.

Pesquisas recentes como as de Cinara Custódio (MG - 2000), Regina Copes e Esméria Saveli (PR - 2007), Moama Marques (PB - 2007), Leonor Padoin (SC - 2003), entre outras, fazem referências a algumas dessas políticas e dão maior visibilidade ao *Literatura em Minha Casa*[10]. A nossa pesquisa enfoca especificamente o PNBE/2006 que, conforme já mencionado, destinou acervos de literatura para bibliotecas onde estudassem os alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental de todo o Brasil.

No capítulo seguinte faremos um breve histórico acerca das políticas de incentivo à leitura lançadas no Brasil e, em seguida, discutiremos a respeito da referida edição e seus impactos na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

[10] Este programa foi uma das ações do PNBE, que será melhor detalhado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORMAÇÃO DE LEITORES

Como já foi explicitado no tópico 1 do capítulo anterior, foi a partir do final da década de 60 e início dos anos 70 do século passado que o Governo, preocupado com a questão da leitura em nosso país, passou a promover ações, juntamente com as instituições que nascem nessa mesma época, visando a adotar meios para transformar o Brasil em um país de leitores. No entanto, a cultura do hábito de ler impõe bem mais do que apenas o envio esporádico de livros para as escolas. Investir em políticas públicas que venham garantir o acesso ao livro a todos os cidadãos e fazer da leitura uma prática, exige do Estado gerar mecanismos que auxiliem nas demandas necessárias.

A partir da década de 80, o Ministério da Educação, assumindo o seu papel de indutor de políticas, vem produzindo documentos e criando projetos que têm no incentivo à leitura e na formação de leitores uma das finalidades principais. Alguns desses projetos serão melhor delimitados a partir de agora.

2.1 - Um breve histórico dos programas de incentivo à leitura

O primeiro programa criado com o intuito de favorecer a circulação de livros de literatura dentro da escola foi o Programa Nacional Salas de Leitura (PNSL). Instituído em 1984 pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), o Programa visava selecionar, compor e enviar acervos às escolas públicas. De acordo com Custódio (2000), tal projeto tinha por objetivos

> oferecer uma política de leitura, modificar os suportes de aprendizagem multiplicando os tipos de textos, favorecer a circulação dos livros no universo escolar, abrir novos horizontes de desenvolvimento cultural e intelectual, e favorecer o conhecimento da literatura infanto-juvenil. O propósito do Programa Salas de Leitura não era o de estruturar uma política para o setor de bibliotecas escolares, mas o de dotar a escola de condições de criar ambientes propícios à leitura, independentemente de haver aí espaços especialmente destinados a esse fim (p. 133).

Ainda de acordo com a autora, entre os anos de 1984 e 1986 foram distribuídos 8.808.652 livros a 4.067.424 alunos.

Em 1988, devido à grande demanda, o Programa foi redimensionado ocorrendo a criação do Programa Nacional Salas de Leitura/Bibliotecas Escolares. Através da parceria entre a FAE e o Instituto Nacional do Livro (INL) houve a criação de cerca de 46.000 salas de leitura e 10.000 bibliotecas escolares no Brasil. (Custódio, 2000, p. 148)

A partir dos anos 1990, foram criados outros programas de incentivo à leitura que tinham por objetivo atingir públicos distintos como o professor, a comunidade em geral e o aluno, a partir tanto do Ministério da Educação quanto do Ministério da Cultura.

No ano de 1992, mais precisamente no dia 13 de maio, sob a perspectiva de abrir caminhos à constituição de um Brasil leitor, foi instituído por meio do Decreto Presidencial nº 519 o Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER, vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, órgão do Ministério da Cultura. Os objetivos do Programa seriam:

> . Promover o interesse nacional pela leitura e pela escrita, considerando a sua importância para o fortalecimento da cidadania;
> . Promover políticas públicas que garantam o acesso ao livro e à leitura, contribuindo para a formulação de uma Política Nacional de Leitura;
> . Articular ações de incentivo à Leitura entre diversos setores da sociedade;
> . Viabilizar a realização de pesquisas sobre livro, leitura e escrita; e

. Incrementar o Centro de Referência sobre leitura.[11]

A finalidade do Programa não era a distribuição de livros, mas a coordenação, propagação e a articulação de idéias para a dinamização de experiências na área da leitura concretizadas nas diversas regiões do Brasil por iniciativa de grupos, sejam eles governamentais ou não. Eles vêm trabalhando com ações básicas que apontam para a criação de uma sociedade leitora em uma troca de práticas, por meio de uma Rede Nacional de Leitores. O PROLER ainda está na ativa e tem sua sede na Casa de Leitura, situada no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro.

Também no ano de 1992 foi criado o Pró-Leitura, numa parceria entre o MEC, Secretarias de Educação dos Estados, Universidades e o governo francês. O projeto sempre teve como parceiros o Ceale e a Secretaria de Estado da Educação (SEE/MG), em Minas Gerais. Realizou-se também em Juiz de Fora, sob a coordenação do Núcleo de Pesquisa de Ensino em Linguagem, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Tal projeto visava atuar na formação de professores, mediadores da leitura, oferecendo cursos e oficinas aos profissionais que estavam atuando nas redes de ensino, com o objetivo de poder melhorar e ampliar as competências dos alunos no domínio da língua padrão. Os cursos foram destinados, em geral, a professores de todas as áreas, de 1ª a 8ª série do Ensino Fundamental, supervisores pedagógicos e bibliotecários. Suas atividades foram encerradas no ano de 2004, na cidade de Belo Horizonte.[12]

Pesquisas como as de Soares (2002)[13] mostram que as intenções manifestadas nos documentos de implantação dos dois programas citados anteriormente eram as melhores possíveis; entretanto, problemas como falta de verba e o distanciamento entre a coordenação central e os agentes regionais envolvidos foram determinantes e comprometeram o êxito de ambos em seu maior objetivo – o de democratizar a leitura.

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), instituído em 1997 pela Portaria Ministerial n. 584, de 28 de abril, é gerido pela Secretaria de Educação

---

[11] Os objetivos e demais informações sobre o Programa foram retirados do *site* <http://catalogos.bn.br/proler/proler.htm>. Acesso em: 30 out. 2008.

[12] Informações retiradas do site: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/acao_educacional.php?catId=77&txtId=72>. Acesso em: julho 2007.

[13] Cf. Soares (2000), que fez um estudo detalhado dos programas PROLER e PRÓ-LEITURA.

Básica do Ministério da Educação – SEB/MEC e executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, ambos subordinados ao Ministério da Educação – MEC.

O PNBE tem por objetivo viabilizar a diversificação das fontes de informação utilizadas nas escolas públicas brasileiras, contribuindo para o aprimoramento da consciência crítica e a formação de alunos e professores como leitores.[14] O Programa busca atingir seus propósitos por meio da distribuição de acervos com obras de literatura infantil e juvenil, obras de referência, como enciclopédias e dicionários, e obras de apoio à formação de professores para as escolas de Ensino Fundamental da rede pública, devidamente cadastradas no Censo Escolar.

O processo de seleção das editoras é feito anualmente, de forma transparente e lícita. Aquelas editoras interessadas em participar do programa devem atender aos critérios estabelecidos pelo PNBE, que, por sua vez, busca garantir a qualidade, tanto do material impresso, quanto das obras literárias.

A avaliação e seleção dos títulos ficavam sob a responsabilidade da Secretaria da Educação Fundamental (SEF/MEC), que nomeava todos os anos um colegiado formado por representantes do CONSED – Conselho Nacional de Secretários da Educação; da UNDIME – União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação; do PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura; além de técnicos e especialistas na área de literatura, leitura e educação do próprio MEC e de diversas universidades do país.

Após o processo de avaliação e seleção, o resultado das escolhas das obras literárias era enviado ao Diário Oficial da União, que publicava e disponibilizava uma cópia da lista na internet para que as editoras contempladas pudessem conferir. A aquisição dos títulos selecionados era realizada por meio de licitação, prevista na Lei 8.666/93, visando aos direitos autorais. O FNDE então firmava os contratos e avisava as editoras sobre a quantidade de livros e as escolas que seriam contempladas pelo Programa. Além disso, os técnicos do Fundo, juntamente com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), eram responsáveis por

[14] Informações disponíveis em: <http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=biblioteca_escola.html>. Acesso em: julho 2007.

fiscalizar a produção dos livros, de acordo com os requisitos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Situando brevemente o Programa[15], no decorrer das várias edições do PNBE, o MEC definiu a distribuição dos acervos e, nas edições do PNBE/1998, 1999 e 2000, o foco estava na biblioteca escolar. O PNBE/1998 distribuiu 4,2 milhões de livros através de um acervo composto por 123 títulos para atender professores e alunos de 5ª a 8ª série. Além dos títulos de literatura, também foram distribuídos para as escolas dicionários, globos terrestres, um atlas histórico do Brasil 500 anos e, segundo o MEC, foi disponibilizado às escolas o "guia do acervo do PNBE/1998", material com propostas que poderiam auxiliar o professor. Nesse ano 20 mil escolas públicas foram beneficiadas.

Em 1999, o PNBE distribuiu mais de 3,9 milhões de livros. Naquele ano a avaliação foi realizada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), contratada pelo FNDE em 1998 para a seleção dos títulos, tendo sido a lista dos títulos apresentada ao MEC sob a forma de um relatório detalhado do processo apontando os critérios que levaram à escolha dos mesmos. O acervo foi composto de 106 obras de literatura infanto-juvenil, sendo quatro delas voltadas para crianças portadoras de necessidades especiais. Foram beneficiadas 36.000 escolas que atendiam da 1ª à 4ª série e possuíam mais de 150 alunos matriculados de acordo com o Censo Escolar de 1996.

Em 2000, o PNBE atendeu a uma reivindicação pedagógica dos professores e, no lugar de obras de literatura direcionadas aos alunos, foram distribuídos títulos voltados para os professores. Segundo informações obtidas sobre essa edição do PNBE, a distribuição foi realizada

> (...) atendendo uma solicitação intensa dos docentes, principalmente quanto à reprodução dos Parâmetros Curriculares Nacionais para todas as áreas constantes do currículo de 1ª a 4ª série e de 5ª a 8ª série, dos Referenciais de Educação Infantil, da Proposta Curricular de Educação para Jovens e Adultos, dos módulos de formação continuada dos Parâmetros em Ação nas modalidades de Alfabetização, Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série) e Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) Volume I e II, juntamente com um conjunto de outros materiais didático-pedagógicos (Ética e Cidadania no Convívio

[15] Os dados do Programa referentes à distribuição/ano foram extraídos dos *sites* <http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=biblioteca_escola.html> e <http://www.vivaleitura.com.br/pnll2/mapa_show.asp?proj=448>. Acesso em: 17 jul. 2007.

> Escolar, Índios no Brasil, Revista Criança e Programa de Professores Alfabetizadores).[16]

Junto com esse material, os docentes receberam também manual referente ao uso do acervo do PNBE/1999: *Histórias e histórias*, elaborado sob a coordenação da Profª Drª Marisa Lajolo. Foram beneficiadas 18.718 escolas nessa edição do Programa.

A partir de 2001, houve uma mudança na concepção do Programa em virtude de uma avaliação crítica sobre o uso dos acervos anteriores. Em sua dissertação de mestrado, Rossi (2004) faz um relato acerca de um seminário[17] realizado pela FNLIJ, em novembro de 2002, cujo objetivo principal foi a análise da política de leitura e sua ação nos cinco anos anteriores. O que nos interessa aqui é a fala da então Presidente do FNDE na época, Mônica Messenberg, ao relatar que

> perceberam que as bibliotecas escolares não estavam sendo utilizadas devidamente: muitas estavam nas salas dos diretores, outras, instaladas no local adequado, mas sendo pouco exploradas. Não havia um trabalho de aproximação entre a criança e o espaço da biblioteca e também os professores não estavam inserindo as obras dos acervos no trabalho do dia-a-dia da escola (Rossi, 2004, p. 106).

Com isso, os livros passaram a ser entregues diretamente aos alunos e não mais às bibliotecas como acontecia antes. Deu-se início à distribuição de coleções denominadas *Literatura em Minha Casa.* Essas coleções foram compostas de cinco títulos de diversos gêneros (uma obra de poesia de autor brasileiro ou uma antologia de poetas brasileiros; uma obra de contos de autor brasileiro ou uma antologia de contistas brasileiros; uma novela de autor brasileiro; uma obra clássica da literatura universal, traduzida ou adaptada; uma peça teatral ou obra ou antologia de textos de tradição popular). Todas as escolas públicas que atendiam às 4ª e 5ª séries receberam as coleções.

No ano de 2002, o Programa deu continuidade ao projeto do ano anterior e distribuiu oito coleções *Literatura em Minha Casa*, com cinco títulos de literatura cada uma, sendo 40 títulos diferentes, atendendo, ao todo, 70.500 escolas públicas com 4ª série e 3.530.000 alunos.

---

[16] Disponível em: <http://www.vivaleitura.com.br/pnll2/mapa_show.asp?proj=448>. Acesso em: 17 jul. 2007.

[17] Seminário intitulado *PNBE: o direito de ler literatura,* atividade paralela do 4º Salão do Livro para Crianças e Jovens, realizou-se nos dias 25 e 26 de novembro de 2002, na Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM), na cidade do Rio de Janeiro.

Em 2003, a distribuição dos acervos do PNBE também foi dirigida aos alunos, ampliando-se o universo de atendimento, não só aos alunos da 4ª série, mas também aos da 8ª série e da Educação de Jovens e Adultos, além da própria biblioteca escolar, dos professores e da comunidade. Ao todo foram cinco ações distintas, sendo elas: a) *Literatura em Minha Casa* (para uso pessoal e propriedade do aluno) – foram compostos dois acervos diferentes: um, com 10 coleções distintas, cada uma com cinco títulos de diferentes gêneros para alunos da 4ª série, e outro, com 10 coleções, cada uma com quatro títulos de diferentes gêneros para alunos da 8ª série; b) *Palavra da Gente* – Educação de Jovens e Adultos (para uso pessoal e propriedade do aluno): composto por quatro coleções, cada uma com seis títulos de diferentes gêneros para alunos da EJA. Vale ressaltar que nessas duas primeiras ações foram atendidas 124.408 escolas com 4ª série; 35.685 escolas com 8ª série e 10.964 escolas com Educação de Jovens e Adultos.

As outras três ações foram: c) *Casa da Leitura* (distribuído para uso de toda a comunidade do município): distribuição de bibliotecas itinerantes para uso comunitário no município, contendo 154 livros de 114 títulos diferentes das 24 coleções do acervo das ações *Literatura em Minha Casa* – 4ª e 8ª séries e *Palavra da Gente* – Educação de jovens e adultos. As obras foram entregues às prefeituras municipais, que ficaram responsáveis por dinamizar os acervos em bibliotecas públicas ou em lugar apropriado à sua utilização; d) *Biblioteca Escolar* (para a biblioteca da escola e uso da comunidade escolar): foram distribuídos acervos compostos por 144 títulos de ficção e não ficção, com ênfase na formação histórica, econômica e política do Brasil, para 20 mil escolas com maior número de alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental; e) *Biblioteca do Professor*: os professores da Rede Pública de Ensino tiveram direito a escolher dois livros dos 144 títulos distribuídos às bibliotecas para uso pessoal e de sua propriedade.

Neste ano também foram distribuídos acervos para a *Biblioteca Escolar* e *Biblioteca do Professor*, sendo que a primeira recebeu um acervo composto por 144 títulos de ficção e não ficção, com ênfase na formação histórica, econômica e política do Brasil, para 20 mil escolas com maior número de alunos entre 5ª e 8ª série do Ensino Fundamental distribuídos para a biblioteca da escola e o uso da comunidade escolar. Já os professores da rede pública de ensino tiveram direito a escolher dois livros dos 144 títulos para uso pessoal e de sua propriedade.

A última ação desta edição do programa foi nomeada *Casa da Leitura* e se tratava da distribuição de bibliotecas itinerantes para uso comunitário no município, contendo 154 livros das 24 coleções do acervo das ações *Literatura em Minha Casa* - 4ª e 8ª séries e *Palavra da Gente* – EJA. As obras foram entregues às prefeituras municipais, que ficaram responsáveis por dinamizar os acervos em bibliotecas públicas ou em lugar apropriado à sua utilização.

Em 2004, não houve distribuição de livros de literatura para que novas reformulações fossem feitas. Em 2005, o PNBE voltou a distribuir os acervos para as bibliotecas das escolas públicas brasileiras, atendendo, naquele ano, às séries iniciais do Ensino Fundamental com um diferencial: as escolas poderiam escolher os acervos que receberiam de acordo com o número de alunos a que atendiam. Sendo assim, foram compostos 15 acervos diferentes, contendo 20 títulos cada um com gêneros diversos, dentre eles: biografia, conto, crônica, poesia, romance, teatro e histórias em quadrinhos. As escolhas foram feitas na seguinte proporção: um acervo para escolas com até 150 alunos; dois acervos para escolas com 151 a 700 alunos; e cinco acervos para escolas com mais de 700 alunos. Foram beneficiadas 136.389 escolas e 16.990.819 de alunos de 1ª a 5ª série.

O PNBE/2006, por se tratar do foco da pesquisa, será abordado de forma específica mais adiante.

Em 2007, como nos anos anteriores, houve novamente a seleção dos acervos, mas o programa neste ano foi denominado PNBE/2008, pois sua distribuição efetiva se daria no ano seguinte. Pela primeira vez, a seleção e a distribuição dos acervos foram dirigidas aos alunos da Educação Infantil. Foram compostos três acervos diferentes com 20 títulos cada e a distribuição seguiu o mesmo procedimento adotado nos anos anteriores, ou seja, por número de alunos matriculados nas instituições de ensino: escolas que atendiam até 150 alunos receberam um acervo (20 títulos); entre 151 e 300 alunos, dois acervos (40 títulos) e as que tinham mais de 301 alunos receberam os três acervos (60 títulos).

O PNBE/2008 também contemplou os anos iniciais do Ensino Fundamental. Para este segmento foram compostos cinco acervos com 20 títulos cada. Sua distribuição também se deu de acordo com o número de alunos matriculados da seguinte forma: até 250 alunos, um acervo (20 títulos); entre 251 e 500, dois acervos (40 títulos); de 501 a 750 alunos, três acervos (60 títulos); entre

751 e 1000, quatro acervos (80 títulos) e as escolas que atendiam mais de 1000 alunos receberam o total de cinco acervos (100 títulos). Os alunos beneficiados neste ano ultrapassaram os 20 milhões.

Em 2008 foram novamente as séries finais do Ensino Fundamental as contempladas com o PNBE/2009[18] e a novidade ficou por conta do Ensino Médio, que a partir daquele ano passava a receber os acervos. Para cada um dos segmentos relacionados foram compostos três acervos distintos contendo 100 títulos cada, ou seja, 300 obras para o Ensino Fundamental e 300 para o Ensino Médio. A distribuição também se deu de forma similar: escolas com até 250 alunos receberam 100 títulos; com 251 a 500 estudantes, 200 obras; acima de 501 estudantes, 300 títulos.

Os dados estatísticos referentes à distribuição, alunos/escolas beneficiadas, número de livros distribuídos e valor dos investimentos do Programa nas edições citadas são melhor visualizados na tabela a seguir:

PROGRAMA	ALUNOS BENEFICIADOS	ESCOLAS BENEFICIADAS	QUANTIDADE DE LIVROS	FINANCEIRO
PNBE 1998	19.247.358	20.000	3.660.000	29.830.886,00
PNBE 1999	14.112.285	36.000	3.924.000	24.727.241,00
PNBE 2000 *		18.718	3.728.000	15.179.101,00
PNBE 2001	8.561.639	139.119	60.923.940	57.638.015,60
PNBE 2002	3.841.268	126.692	21.082.880	19.633.632,00
PNBE 2003	18.010.401	141.266	49.034.192	110.798.022,00
PNBE 2004**				
PNBE 2005	16.990.819	136.389	5.918.966	47.268.337,00
PNBE 2006	13.504.906	46.700	7.233.075	46.509.183,56
PNBE 2008 (Acervos – Educação Infantil)	5.065.686	85.179	1.948.140	9.044.930,30
PNBE 2008 (Acervos – Ensino Fundamental)	16.430.000	127.661	3.216.600	17.336.024,72

[18] Ainda não estão disponíveis dados estatísticos sobre a abrangência desta edição do Programa no *site* do FNDE. Há apenas algumas informações quanto à forma de sua distribuição.

* Em 2000 foram produzidos e distribuídos materiais pedagógicos, voltados para a formação continuada de professores.

** Em 2004 foi dada continuidade às ações do PNBE 2003 e novas reformulações foram feitas no Programa.

PNBE 2008 (Acervos – Ensino Médio)[19]	7.788.593	17.049	3.956.480	38.902.804,48

TABELA 1 – Dados estatísticos referentes a alunos/escolas beneficiados, número de livros distribuídos e valor dos investimentos do Programa nas edições anteriores
Fonte: Disponível em <http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=biblioteca_escola.html>. Acesso em: dezembro 2008.

De acordo com o MEC, a implantação do PNBE visava a despertar nos brasileiros o desejo pela leitura literária, assim como propiciar o contato com o livro de literatura, objetivando incentivar alunos e professores ao hábito de ler. O Programa, no decorrer de suas edições, vem defendendo a importância da leitura literária na escola e na família para a formação intelectual da criança e do jovem. Dentre suas ações, ganharam destaque seu alcance quantitativo, o número de livros distribuídos, bem como o pioneirismo evidente no processo de seleção, compra e distribuição dos acervos nas escolas.

2.2 - O Programa Nacional Biblioteca da Escola - Edição 2006

Assim como ocorreu em 2005, o PNBE/2006 manteve seu foco na leitura literária na escola e teve como meta a avaliação e seleção de obras de literatura para a constituição de acervos nas bibliotecas das escolas públicas de 5ª a 8ª séries, privilegiando, nessa edição, o segundo segmento do Ensino Fundamental.

Foram constituídos três acervos diferentes com 75 títulos cada (anexo 2) para serem distribuídos para as escolas, a partir do primeiro semestre de 2007, de acordo com o número de alunos matriculados: escolas com até 150 alunos receberam 75 livros; entre 151 e 300 alunos receberam 150 títulos; escolas com mais de 300 alunos receberam 225 livros. Nessa edição do PNBE, o MEC atendeu 46.700 bibliotecas escolares, distribuindo um total de 7.233.075 livros (96.440 acervos), que contemplaram 13.504.906 alunos.[20]

[19] Os acervos do Ensino Médio na realidade foram compostos por meio do PNBE/2009, mas como no *site* do FNDE os dados se encontravam assim, preferi manter sua fidedignidade.
[20] As informações foram retiradas do *site* <http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=biblioteca_escola.html>. Acesso em: novembro 2008.

A seleção das obras literárias para 2007 contou com a avaliação realizada pelo Centro de Alfabetização Leitura e Escrita (Ceale/UFMG)[21], que pôde contar com a participação de pareceristas de um de seus grupos de pesquisa, o GPELL – Grupo de Pesquisa do Letramento Literário[22], e de pareceristas de diferentes universidades do estado de Minas Gerais. O Ceale coordenou o processo com a participação de avaliadores ligados a diferentes universidades de outros estados do país. Foram, ao todo, 60 pareceristas, sendo 30 de Belo Horizonte e 30 distribuídos por quatro estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Bahia, além do Distrito Federal.

Em relação às obras, o Ceale recebeu 1718 livros dos quais somente 225 títulos poderiam ser escolhidos[23]. Ainda conforme o edital seriam compostos três acervos com 75 (setenta e cinco) títulos cada. Os acervos deveriam contemplar cinco categorias básicas, de acordo com o item 4.1.1 do Edital PBNE/2006:

- 1 - poesia;
- 2 - conto, crônica, teatro, texto da tradição popular;
- 3 - romance;
- 4 - memória, diário, biografia;
- 5 - livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal artisticamente adaptadas ao público jovem.

O processo de seleção dos livros para compor os acervos de literatura do PNBE/2006 exigiu uma série de procedimentos. Antes de chegar ao Ceale para a avaliação, todas as obras inscritas no processo passaram por uma primeira triagem realizada pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). Após essa triagem, as obras foram de fato encaminhadas ao Ceale, onde também passou por uma seleção realizada pela equipe de coordenação que consistiu, inicialmente, na análise de todas as obras inscritas. Aquelas que não atenderam às exigências contidas no Edital do Programa – quanto à estrutura editorial e às especificações técnicas mínimas como formato, capa, miolo, acabamento, além de obras de cunho explicitamente moralizantes e didatizantes – foram automaticamente excluídas. Ao

[21] O Ceale é um órgão complementar da Faculdade de Educação da UFMG, criado em 1990, com o objetivo de integrar grupos interinstitucionais voltados para a área da alfabetização e do ensino de Português.
[22] Grupo criado em 1994 e que desenvolve pesquisas em torno de temas como: formação de leitores, leitura literária, biblioteca escolar, entre outros.
[23] Conforme apresenta o item 4.4 do edital: "4.4 Serão selecionadas 225 (duzentos e vinte e cinco) obras para a composição de acervos a serem distribuídos às escolas públicas que ofereçam as séries finais do Ensino Fundamental". Cf. Edital PNBE/2006 (Anexo 3).

todo foram eliminadas do processo 41 obras, o que correspondia a 2% do total de obras recebidas pelo Ceale.

Assim, os 1677[24] livros restantes foram organizados de acordo com critérios estabelecidos pela equipe de coordenação, da seguinte forma: optou-se por reunir um conjunto formado por 16 títulos, com gêneros, autores e editoras diversificados para cada parecerista. A esse conjunto denominou-se "lote" para efeito de organização. Foram distribuídos aos avaliadores 105 lotes em duas etapas distintas. O Gráfico 1 apresenta a classificação por gênero das obras inscritas no processo:[25]

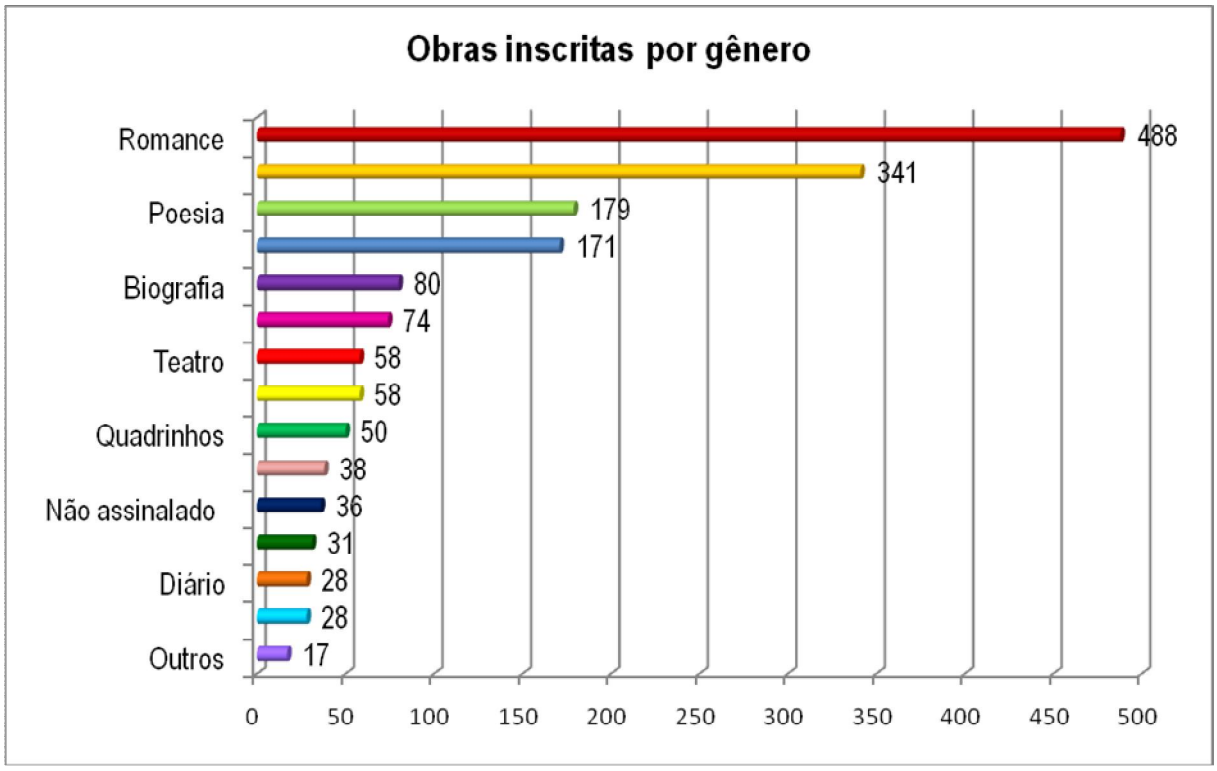


GRÁFICO 1 – Obras inscritas por gênero[26]

No que diz respeito à avaliação da qualidade das obras, o grupo de pareceristas deveria observar alguns critérios considerados fundamentais e que constavam no Anexo IV do Edital PNBE/2006 – Critérios de avaliação e seleção,

[24] Por razões éticas não nomearemos nenhum dos títulos inscritos, à exceção dos 225 selecionados para compor os acervos, cuja relação também pode ser encontrada no *site* <ftp://ftp.fnde.gov.br/web/biblioteca_escola/titulos_acervo_pnbe_2006.pdf>.

[25] Essa classificação diz respeito à categorização feita no processo de avaliação em que as categorias apresentadas no Edital PNBE/2006 foram desmembradas.

[26] Os gráficos e a tabela apresentados neste projeto foram elaborados por mim a partir dos resultados da avaliação realizada em 2006. Os dados constam dos relatórios encaminhados pela equipe de coordenação ao MEC no 1º semestre de 2007.

como qualidade do texto; adequação à temática e projeto gráfico. Para atender a esses critérios, a equipe de coordenação elaborou uma ficha que, entre outros itens, avaliaria:

- **as condições de leitura**, em que seriam avaliadas questões como a qualidade da impressão, a adequação do espaçamento entre linhas, do tipo e do tamanho da fonte;

- **a qualidade da interação com o leitor**, levando em conta a diversidade, os diferentes contextos sociais, culturais e históricos, assim como a ampliação de expectativas e perspectivas juvenis por via da exploração artística dos temas e da possibilidade de incitar novas leituras;

- **a qualidade textual**, considerando a questão da coerência, coesão e consistência, a exploração de recursos linguísticos e expressivos, o trabalho estético na obra;

- detalhes quanto ao **projeto gráfico**, sendo o objeto livro avaliado em questão ao seu formato, tamanho, capa, contracapa, incluindo também neste quesito a relação texto-imagem e a qualidade das ilustrações quando presentes no livro.

A partir dessas determinações, as editoras fizeram suas escolhas apostando nas obras que consideravam ter maiores chances de serem selecionadas para compor os acervos. Cada editora poderia inscrever o número máximo de vinte obras. Após a avaliação das obras, seguindo os critérios estabelecidos, houve a seleção das 225 obras que comporiam os acervos. O grupo de avaliadores procurou selecionar para cada acervo as melhores obras de cada categoria, procurando atender a todos os gêneros inscritos, conforme detalhamento apresentado abaixo:

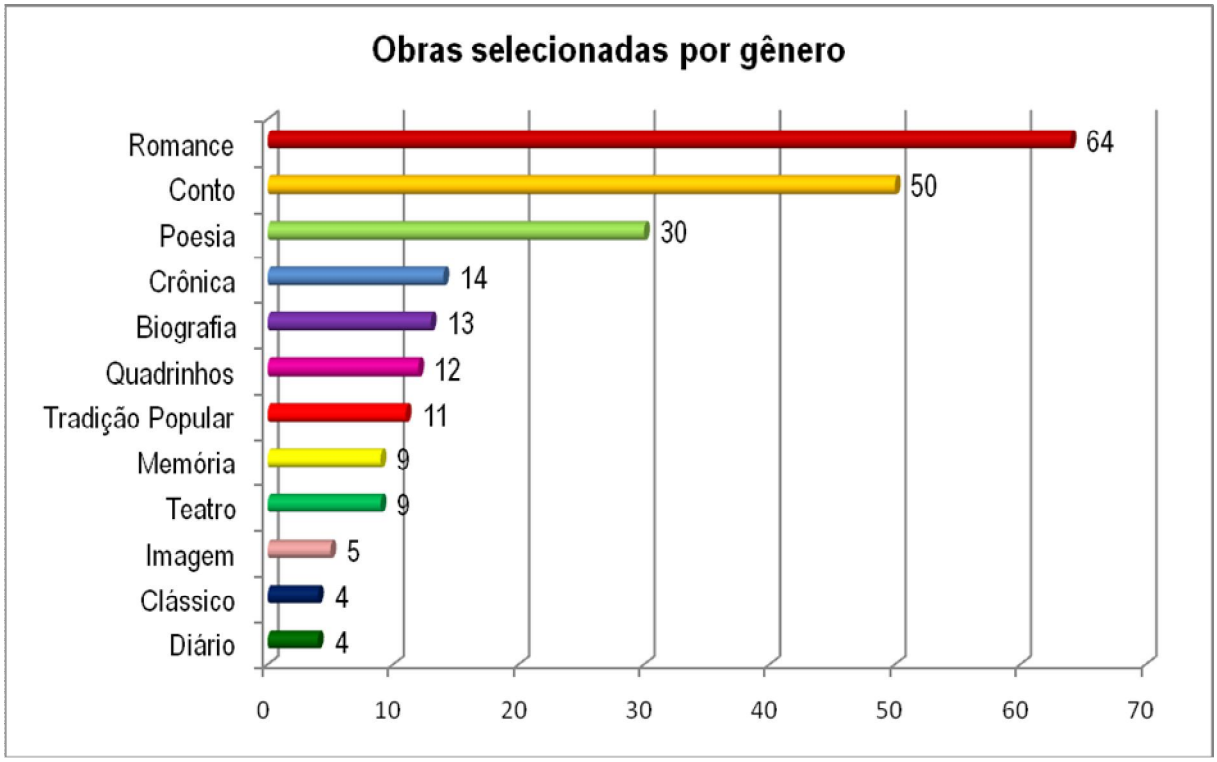


GRÁFICO 2 – Obras selecionadas por gênero

Houve também a preocupação em contemplar obras das diversas editoras que participaram do processo de seleção de forma a tornar esse processo mais democrático. Das 136 editoras[27] que inscreveram obras para a seleção do Programa, 70 foram contempladas, conforme detalhado na tabela apresentada no anexo 4 desta dissertação.

Do mesmo modo, é possível observar também uma proporcionalidade de títulos selecionados por editora. A maioria teve entre uma e sete obras escolhidas para compor os acervos, o que fica claramente visível no gráfico abaixo:

[27] Estamos designando por editoras todos os selos que inscreveram títulos, independente dos grupos editoriais dos quais algumas delas fazem parte.



GRÁFICO 3 – Número de livros selecionados por editora

As exceções ficaram por conta das editoras José Olympio e RCB, com nove títulos cada uma, e as editoras Moderna e Ática com 11 e 12 títulos selecionados respectivamente.

Uma vez feita a seleção dos acervos pelos avaliadores, uma listagem com os títulos foi enviada ao MEC, que, por sua vez, deu início aos procedimentos para aquisição e distribuição das obras[28]. O primeiro passo é dado pelo FNDE, que inicia ao processo de negociação com as editoras. A aquisição é realizada por inexigibilidade de licitação, prevista na Lei nº 8.666/93, tendo em vista os direitos autorais das obras. O passo seguinte é realizado pelo Fundo, que firma os contratos e informa os quantitativos e as localidades de entrega para as editoras, que dão início à produção dos títulos, com supervisão integral dos técnicos do FNDE. Durante esse processo de produção, os livros passam por um controle de qualidade, de acordo com as normas técnicas da ABNT. Por fim, a distribuição dos acervos do Programa é feita por meio de um contrato firmado com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). Essa etapa do PNBE também conta com o acompanhamento dos técnicos do FNDE e das secretarias estaduais de Educação. Em se tratando de escolas das zonas rurais, os acervos são entregues na sede das

[28] As informações foram retiradas do *site* <http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=biblioteca_escola.html>. Acesso em: novembro 2008.

prefeituras ou das secretarias municipais de Educação, que devem passá-los às escolas.

Depois de analisar as questões relativas à composição, compra e quesitos para a distribuição dos acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola, interessa-nos agora expor o que de fato acontece com as obras quando deixam as editoras para fazer parte do acervo das bibliotecas. No tópico seguinte trataremos de questões mais práticas que visam a esclarecer algumas questões: os profissionais que atuam nas bibliotecas escolares têm conhecimento sobre o PNBE? Os acervos chegam de fato às escolas? Se eles chegam, qual é a proporção dos acervos enviados? Os professores de Língua Portuguesa sabem da disponibilidade desses acervos? Eles desenvolvem algum tipo de atividade literária com as obras? Entre outras questões de igual relevância está, por exemplo, aquela que foca o público ao qual a escola atende, pois, uma vez que o PNBE/2006 visa aos alunos de 5ª a 8ª séries é fundamental identificar as escolas que atendem esse segmento. Tais questões serão discutidas mais detidamente a partir de agora, na perspectiva da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, objeto desta pesquisa.

2.3 - O PNBE/2006 NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BELO HORIZONTE (RME-BH)

Conforme apresentado na introdução, este tópico destina-se a tratar os dados coletados na pesquisa de campo. Esses dados foram obtidos por meio da aplicação de um formulário feita aos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. Tal formulário, como já foi dito anteriormente, foi elaborado para atender a quatro pesquisas distintas que tinham em comum a convergência de temáticas e o foco na RME-BH.

Para que esse instrumento de coleta de dados fosse elaborado de forma precisa foram necessários alguns encontros em grupo a fim de que nenhuma questão realmente importante para o desenvolvimento do trabalho fosse deixada de lado. Em relação à elaboração das questões, tentamos ter o cuidado de não criar perguntas ambíguas, arbitrárias ou mesmo tendenciosas, que pudessem levar o entrevistado a responder exatamente o que almejávamos ouvir.

Ao finalizarmos a elaboração do nosso instrumento de pesquisa, sentimos a necessidade da realização de um teste para termos certeza de que as perguntas estavam claras, a sequência adequada, se elas atendiam aos objetivos da pesquisa e se realmente não havíamos nos esquecido de nada. Selecionamos como amostragem o número de cinco escolas para cada membro do grupo. De posse dos vinte formulários aplicados, fizemos uma rodada de discussões e chegamos à conclusão de que nada precisava ser alterado, partindo então para a aplicação nas demais escolas.

Na época da pesquisa de campo existiam 181 escolas na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte distribuídas em nove regionais.[29] Buscamos aplicar o formulário em todas as escolas; no entanto, em quatro delas isso não foi possível pelos seguintes motivos, apresentados pelas pessoas que nos atendiam ao telefone no momento da marcação de nossas visitas: na época da aplicação, encontramos escolas sem bibliotecas (regionais Nordeste e Noroeste); uma escola fechada, cujo prédio passou a ser usado pelo Estado (Nordeste) e, por fim, uma escola que estava com a biblioteca fechada e não havia ninguém para nos atender (Nordeste). Assim, podemos visualizar a totalidade das escolas atingidas por regional da seguinte forma:

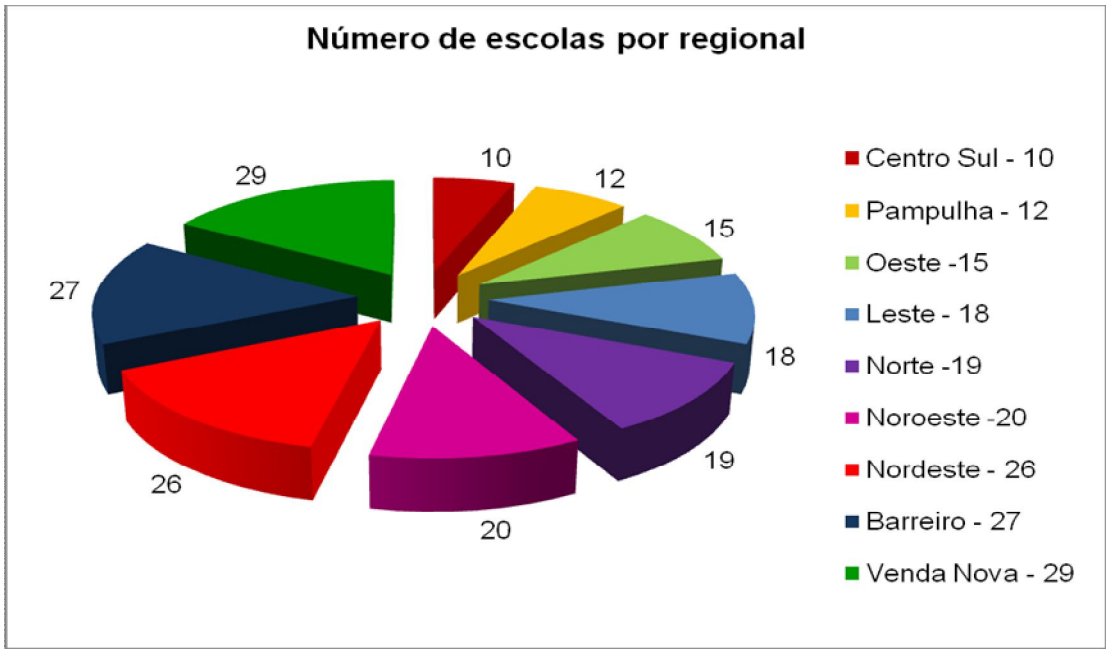


GRÁFICO 4 – Número de escolas por regional

[29] Hoje é possível encontrar no *site* da prefeitura de Belo Horizonte uma listagem mais atualizada das escolas da Rede Municipal de Ensino.

A questão que, a princípio, mais nos interessava dizia respeito ao conhecimento dos auxiliares[30] em relação ao PNBE. Precisávamos saber se eles conheciam o Programa e como haviam tomado conhecimento sobre ele. As primeiras respostas foram positivas, como é possível visualizar no gráfico abaixo. Dos 176 entrevistados, 78% afirmaram conhecer o PNBE.

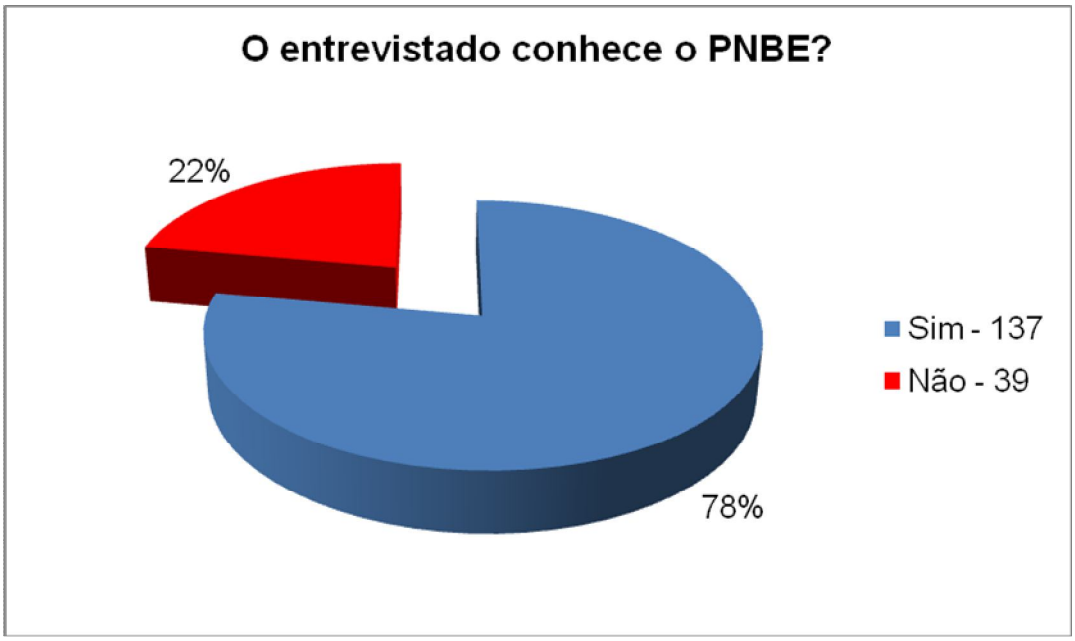


GRÁFICO 5 – O entrevistado conhece o PNBE?

No entanto, como pode ser observado logo abaixo, quando questionados sobre a forma pela qual tomaram conhecimento sobre o Programa, percebemos que o que os auxiliares sabiam era apenas superficial.

A maioria dos entrevistados, em torno de 65%, conhecia o Programa apenas pela chegada dos livros na biblioteca, e/ou juntamente com a chegada das cartas e ofícios do MEC nas escolas. Poucos auxiliares relataram ter sido informados pelas bibliotecárias ou porque receberam algum tipo de aviso nos encontros realizados pela PBH. Não havia um aprofundamento maior sobre o motivo do programa ou o seu foco, sequer seus objetivos.

[30] Lembramos que nem sempre conseguimos nos encontrar com os próprios auxiliares; portanto, responderam também às questões 25 professores em readaptação, quatro bibliotecários e um estagiário.

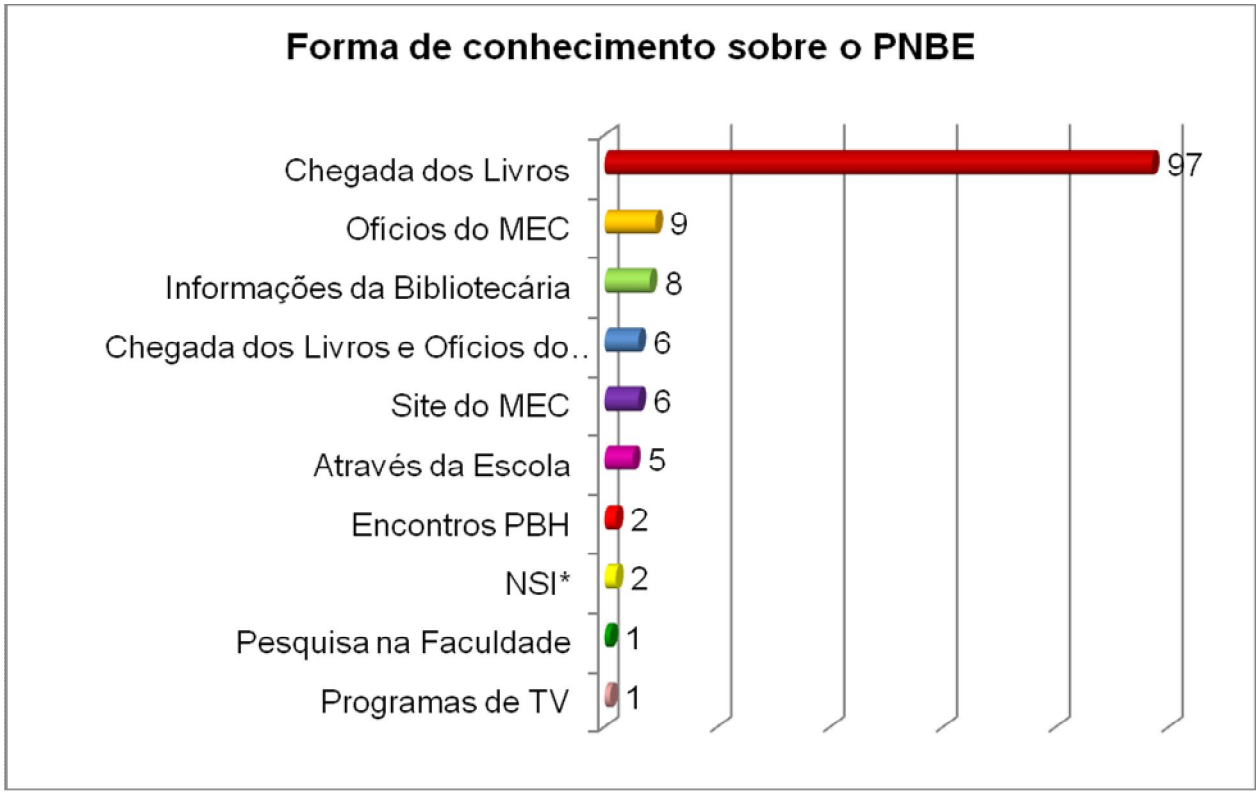


GRÁFICO 6 – Forma de conhecimento sobre o PNBE

Podemos comprovar os dados pela fala de alguns deles:[31]

> Conheço o PNBE pela escola onde estudo, mas nada muito profundo, só ouvi falar. Quanto aos acervos, não sei informar nada, pois como já disse, estou na biblioteca só tem dois meses. (Auxiliar 12)[32]
>
> Conhecer a fundo mesmo não. Conheço pela chegada dos livros. (Auxiliar 40)

Em outras escolas aconteciam de o auxiliar dizer conhecer o Programa, mas não pelo seu nome e sim pelo selo do FNDE que consta na capa dos livros recebidos. Foi em cerca de 15 casos similares a esse que surgiam falas como: “Ah sim! Os livros do FNDE! Esses chegam sim”. Ao perceber que isso acontecia com frequência, perguntávamos sobre o PNBE e, ao recebermos uma negativa, falávamos a respeito da distribuição realizada pelo FNDE. Então, as respostas mudavam. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a Auxiliar 15, como é possível observar no relato reproduzido abaixo:

---

[31] Como temos um total de 176 formulários preenchidos, nomearei os auxiliares de acordo com a ordem alfabética das escolas do Auxiliar 1 ao Auxiliar 176.

[32] Trata-se da única estagiária que encontramos na biblioteca, uma vez que ela não possuía auxiliar e não foi possível conversar com a bibliotecária.

> Eu: Você conhece o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)?
>
> Auxiliar 15: Não, não conheço não.
>
> Eu: (primeiro explico do que se trata o programa, seus objetivos, etc.) Os livros são distribuídos pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, mais conhecido por sua sigla FNDE.
>
> Auxiliar 15: Ah tá, são os livros do FNDE. Eles chegaram. Já cataloguei e já estão nas estantes para o acesso dos alunos.

Em 2002, o Tribunal de Contas da União[33] realizou uma auditoria para avaliar a Distribuição de Acervos Bibliográficos para Escolas do Ensino Fundamental (PNBE), que foi uma das ações do Programa *Toda Criança na Escola.* Nessa auditoria buscou-se investigar como poderia haver uma utilização mais efetiva dos livros distribuídos pelo PNBE. Foram analisadas dificuldades e oportunidades na utilização dos acervos pelos beneficiários, verificando-se, entre outros aspectos, as condições operacionais das escolas para inserir os livros nas atividades escolares, a capacitação dos professores e a divulgação do Programa.

A pesquisa constatou que o FNDE tem mostrado grande eficácia operacional na distribuição dos acervos do Programa para as escolas beneficiadas. Entretanto, outro ponto levantado diz respeito à divulgação sobre o Programa em si, que necessitava ser aprimorada. Os estudos de caso, nas escolas beneficiadas[34], revelaram um baixo nível de conhecimento por parte dos diretores e professores sobre o Programa. Na época, uma das recomendações do TCU ao MEC para tentar sanar o problema foi a efetivação de ações de divulgação do PNBE, além da capacitação de professores e bibliotecários, com uma maior participação da secretaria de educação de cada estado, visando a um melhor atendimento por parte do Programa.

---

[33] O Tribunal de Contas da União (TCU) é uma instituição nacional de extração constitucional, prevista expressamente no texto da Constituição Federal. Exerce jurisdição administrativa, julgando as contas dos administradores de recursos públicos federais (bem como de meros detentores que não sejam agentes políticos). A partir de 1998, o TCU intensificou a realização de auditorias de natureza operacional, principalmente na modalidade 'avaliação de programa', visando a contribuir para a melhoria do desempenho de programas de governo e, ainda, a aumentar a efetividade do controle, por meio da mobilização de atores sociais no acompanhamento e na avaliação dos objetivos da implementação e dos resultados das políticas públicas.

[34] Os trabalhos de campo consistiram em visitas a 60 escolas nos estados de Tocantins, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Goiás e no Distrito Federal, abrangendo as cinco regiões geográficas do País. Além disso, foi realizada uma pesquisa por meio do envio de questionário a 879 escolas de todos os estados brasileiros, selecionadas por meio de amostra estatística, tendo sido obtida uma taxa de resposta de 57,2%.

Infelizmente, passados alguns anos, é perceptível que ainda não foram obtidos progressos em relação à questão da divulgação do PNBE e seus objetivos. Menos ainda em relação aos profissionais, que deveriam ser preparados para atuar como mediadores em prol da formação dos leitores por meio dos acervos recebidos nas escolas.

No que diz respeito à chegada dos acervos nas escolas, selecionamos aqui as 154 instituições que declararam atender aos anos finais do Ensino Fundamental, uma vez que na edição do PNBE/2006 o foco de distribuição foram as escolas que atendiam alunos de 5ª a 8ª série (3º ano do 2º ciclo e 3º ciclo completo).[35]

Ciclos/Séries atendidas pelas escolas			
3º ano do 2º ciclo (ou 5ª série)	3º ano do 2º ciclo e 1º ano do 3º ciclo (ou 5ª e 6ª série)	3º ano do 2º ciclo e 3º ciclo completo (ou 5ª a 8ª série)	3º ciclo completo (ou 6ª a 8ª série)
41	1	106	6

TABELA 2 – Ciclos/séries atendidas pelas escolas

Pela Tabela 2 é possível observar que uma minoria (27%) atendia apenas ao 3º ano do 2º ciclo e 1º ano do 3º ciclo (ou à 5ª e 6ª séries) do Ensino Fundamental. A maioria das escolas tinha como público alunos de todas as séries beneficiadas por essa edição do Programa, o que representou algo em torno de 73%. No entanto, segundo as informações passadas pelos entrevistados, nem todas as escolas teriam recebido os acervos do PNBE/2006.

[35] O Sistema de Ciclos foi implantado na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte através da Escola Plural entre os anos de 1995 e 1997. Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/ensino/smed/escoplur/escplu00.htm>. Acesso em: dezembro 2008.

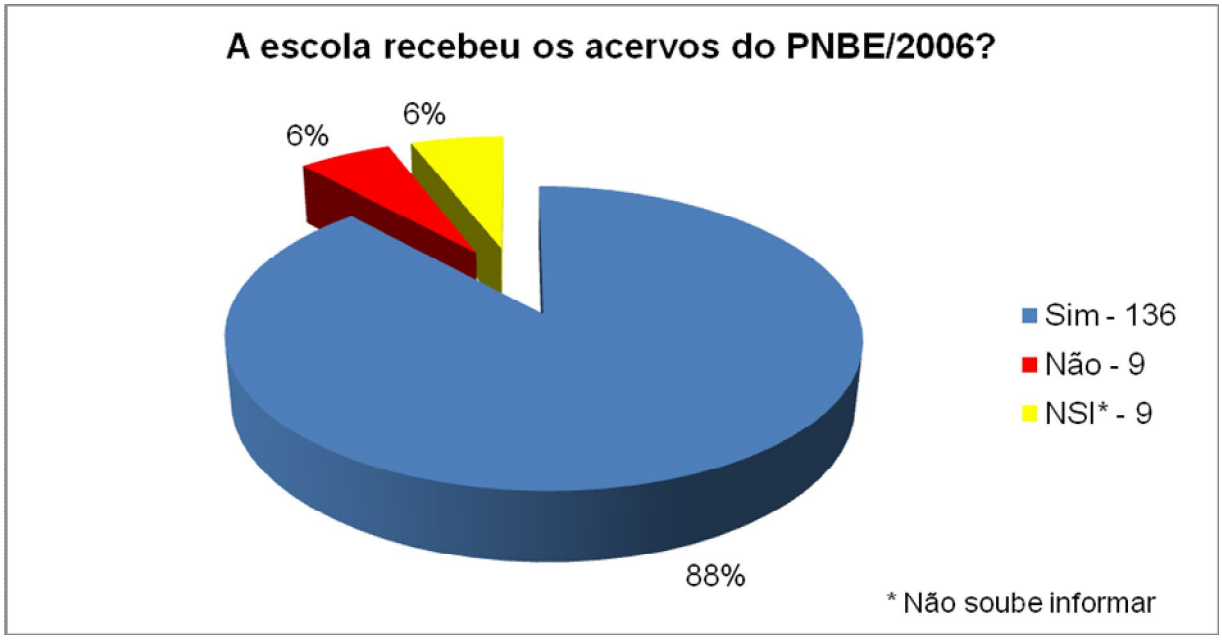


GRÁFICO 7 – A escola recebeu os acervos do PNBE/2006?

Como é possível observar, 88% das escolas declararam ter recebido os acervos, o que nos permite afirmar que a distribuição dos livros do PNBE/2006 foi garantida na maior parte das escolas da RME-BH. Em nove escolas, os auxiliares afirmaram ainda não haver recebido os livros e em outras nove as auxiliares não souberam nos dar nenhuma informação acerca do recebimento dos acervos. A maioria alegou o pouco tempo na biblioteca (entre 15 dias e cinco meses) como justificativa para a falta de informação. Nesses casos, procurávamos olhar pelas estantes das bibliotecas para verificar se encontrávamos os títulos com o selo do PNBE/2006 e em alguns casos realmente encontrávamos.

Outro dado que nos era relevante observar dizia respeito à quantidade de acervos recebidos por cada escola. Como foi detalhado anteriormente, as escolas receberiam os acervos de acordo com o número de alunos matriculados, sendo que “escolas com até 150 alunos receberiam 75 livros; entre 151 e 300 alunos receberiam 150 títulos; escolas com mais de 300 alunos receberiam 225 livros”. Interessava-nos, então, averiguar a proporção na distribuição desses acervos.

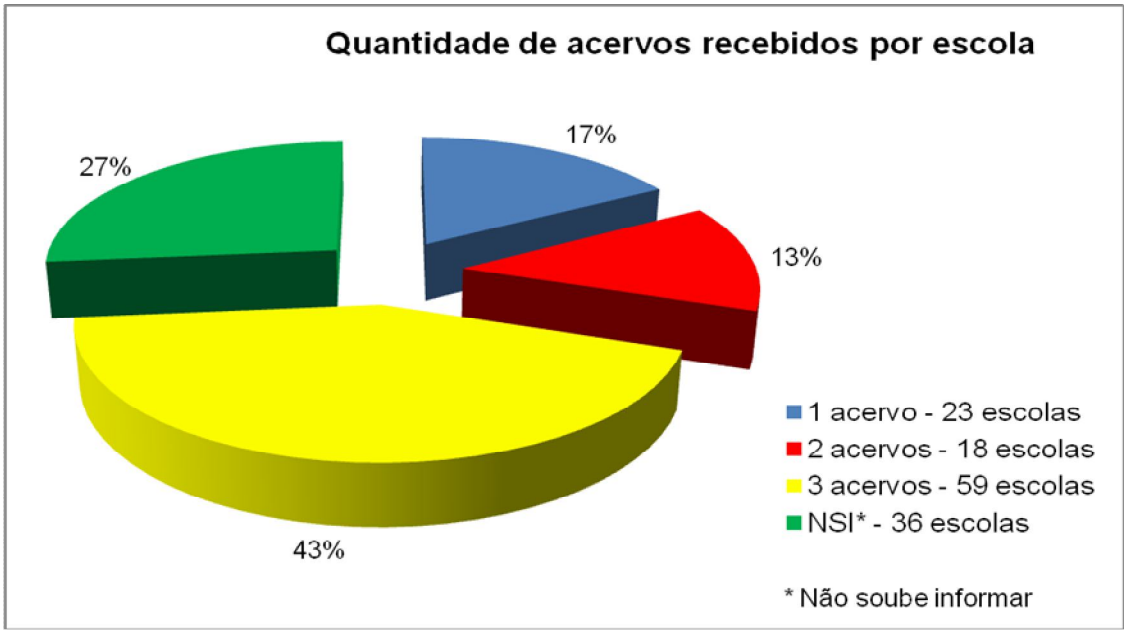


GRÁFICO 8 – Quantidade de acervos recebidos por escola

Das 136 auxiliares que afirmaram ter recebido os acervos do PNBE/2006, 23 (ou 17%) alegaram a chegada de um acervo; outras 18 (ou 13%) disseram ter recebido dois acervos e 59 auxiliares afirmaram ter recebido os três acervos, o que representou 43% das escolas. Contudo, como é possível visualizar, um montante significativo (36 entrevistados) afirmou que, apesar de estarem cientes da chegada dos acervos, não sabia quantos haviam recebido.

Todas as escolas às quais foram destinados os acervos do PNBE/2006 receberam uma carta do MEC[36] na qual se encontravam informações acerca do envio de um ou mais acervos às bibliotecas. Nessas cartas era solicitado às escolas que verificassem a quantidade de acervos que lhes seriam enviados e também conferissem, de acordo com a lista de títulos presente no documento, se todos os livros haviam sido de fato enviados. Foram poucas as bibliotecas em que encontramos esses documentos guardados. Assim, nossos dados nos permitem concluir que não existe um controle por parte das escolas em relação ao material que recebe.

Por ser um dos objetivos do Programa possibilitar o acesso às obras de literatura por parte de alunos e professores e uma vez analisada a questão da

[36] Ver anexo 5 – Cartas enviadas pelo MEC às escolas da RME-BH.

chegada dos acervos nas escolas, consideramos de grande importância saber como os livros se encontravam dispostos nas bibliotecas.

Onde os livros do PNBE/2006 foram colocados?	
Ainda estão armazenados em caixas	2
Nas estantes das bibliotecas	120
Não Souberam Informar	14

TABELA 3 – Onde os livros do PNBE/2006 foram colocados?

Na tabela acima, é possível visualizar que em duas escolas (2%) as auxiliares alegaram que os livros ainda estavam nas caixas porque haviam chegado há pouco tempo, o que atrasou a catalogação e a disponibilização dos títulos. No caso das fotos abaixo, os livros já estavam sendo retirados das caixas, catalogados e colocados nas estantes.



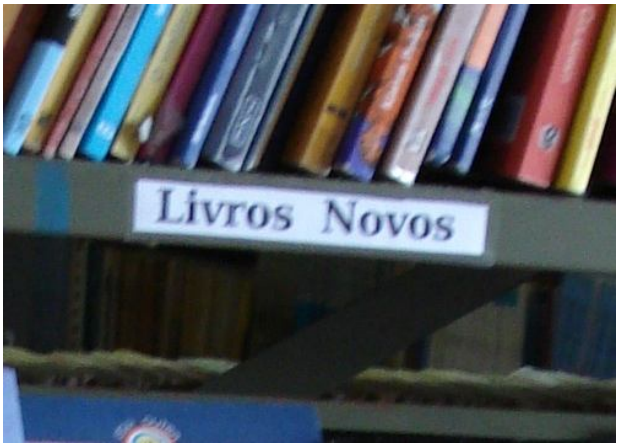
FIGURA 1 - Livros do PNBE/2006 nas caixas

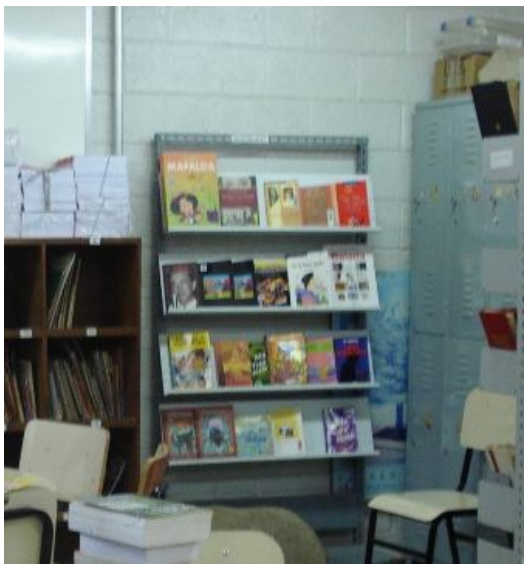


FIGURA 2 - Livros colocados nas estantes

Nos 10% restantes, as auxiliares não souberam nos dizer a respeito da localização dos livros pelo mesmo motivo que não souberam informar a respeito da chegada ou não dos acervos nas escolas. Para tal, alegaram o pouco tempo em que estavam trabalhando na biblioteca ou então afirmaram não terem sido eles a fazer o registro das obras. Na maioria das bibliotecas os títulos do PNBE/2006 já estavam disponíveis nas estantes para o acesso dos alunos, o que representou 88% dos

dados. Algumas obras, inclusive, se encontravam em expositores que indicavam a presença de novas obras na biblioteca a fim de incentivar os alunos a buscar tais títulos, como ilustrado nas fotos abaixo.





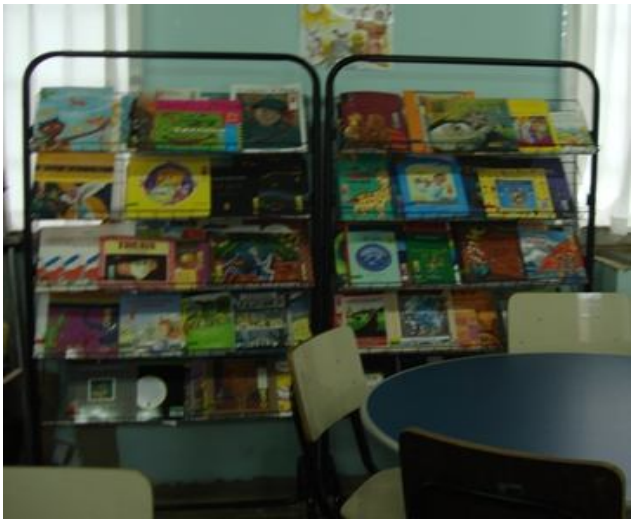
FIGURAS 3 (esq.) e 4 (dir.) - Indicação de livros novos na estante





FIGURAS 5 (esq.) e 6 (dir.) - Exposição de livros recém-chegados na biblioteca (livros do acervo do PNBE/2006)





FIGURAS 7 (esq.) e 8 (dir.) - Mais livros do Programa exibidos nos expositores

De acordo com os relatos, em alguns casos os livros ficavam expostos nas estantes por algum período, sem que fossem emprestados, para chamar a atenção dos alunos e aguçar sua curiosidade, o que gerava até lista de espera por alguns títulos.

Tendo o PBNE como um de seus objetivos o incentivo à formação do hábito da leitura nos alunos, ficamos interessadas em saber sobre a existência de possíveis atividades de leitura realizadas com os livros dos acervos. Para isso, perguntamos aos auxiliares se eles sabiam da existência de algum tipo de trabalho realizado pelos professores e/ou se eles mesmos ou outros profissionais que atuavam nas bibliotecas já haviam desenvolvido alguma atividade com os livros distribuídos pelo PNBE/2006.

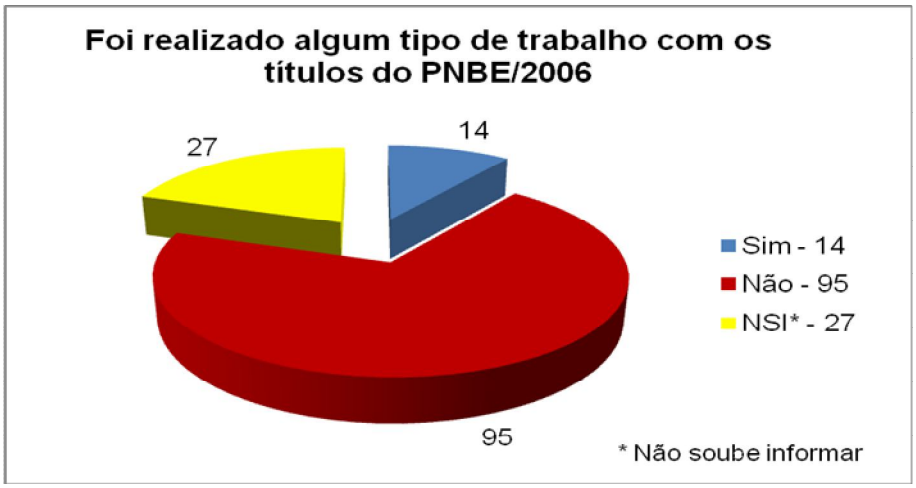


GRÁFICO 9 – Foi realizado algum tipo de trabalho com os títulos do PNBE/2006?

Para nossa inquietação, a maioria das respostas foi negativa – 70% dos auxiliares disseram não haver nenhum tipo de atividade desenvolvida com os acervos e suas justificativas para o fato eram as mais diversas:

> Ah, não. Especificamente com os livros do Programa não, mesmo porque esses livros chegaram há apenas dois meses, já estão nas estantes, mas ainda não deu pra fazer nenhuma atividade. Apenas divulgamos nos expositores como você mesma pode ver. (Auxiliar 15)

> Não. Nenhuma atividade é desenvolvida. Os livros só chegaram agora no final do ano! (Auxiliar 60)

Outros 20% das entrevistadas não sabiam nos informar a respeito de atividades mais detalhadas de leitura, mas algumas delas consideravam os próprios empréstimos das obras como sendo um tipo de atividade. Houve um caso em que a auxiliar relatou a possibilidade de ter havido algum tipo de atividade desenvolvida pelos professores; entretanto, ela não poderia afirmar de forma precisa como ocorreu.

> Na época em que os acervos chegaram, as professoras puderam ter bastante contato com o material, o que me leva a crer que houve sim trabalhos realizados, mas não chegou nada até mim. (Auxiliar 85)

Apenas oito auxiliares relataram algum tipo de atividade desenvolvida com o Programa, um total de 4,5% de toda nossa amostra. Mesmo assim quando perguntávamos que tipo de trabalho era realizado, as respostas eram as mais variadas.

> Os professores estão desenvolvendo um projeto chamado “Mama África” e por isso estão utilizando os livros relacionados com o tema. (Auxiliar 37)

> Coloca-se uma listagem na sala dos professores. (Auxiliar 47)

> Foram feitas leituras em sala de aula. Também foi feito um trabalho de divulgação, estão em expositores especiais e estes foram colocados na sala dos professores na hora do recreio. (Auxiliar 81)

> A professora de ciências fez um trabalho com o livro *A marca de uma lágrima* e para isso compraram mais volumes. (Auxiliar 125)

> Na Semana da Consciência Negra a auxiliar, juntamente com a professora de História, usou os livros referentes à cultura africana. (Auxiliar 137)

Como é possível observar pelos depoimentos das auxiliares, as atividades que elas consideram ter sido realizadas com as obras do PNBE/2006, seja no espaço da biblioteca, seja na sala de aula, dizem respeito à exposição dos títulos do Programa ou à utilização de obras relacionadas à cultura africana para o

desenvolvimento de projetos voltados para essa temática, mesmo assim, nenhuma delas cita sequer um título pertencente ao acervo. Em apenas um caso uma obra é citada; entretanto, dessa vez é a atividade que não é relatada. A única informação passada pela auxiliar é a de que foi preciso adquirir mais exemplares do livro.

Ressaltamos aqui algumas informações destacadas pelas auxiliares e que consideramos relevantes para entendermos melhor a questão do desenvolvimento de poucas atividades de leitura dentro do espaço da biblioteca. Muitos deles alegaram que o volume de trabalho em relação ao tempo que passam nas bibliotecas é muito grande para que ainda possam desenvolver algum tipo de atividade voltada especificamente para a leitura literária. Praticamente todos os dias eles precisam organizar os acervos, colocando os livros retirados diariamente novamente nas estantes para facilitar o acesso às obras. Além disso, quando algum material novo chega há o processo de registro e catalogação.

Os tipos de atividades que eles consideravam possíveis de serem realizadas envolviam o empréstimo das obras, que era a única atividade desenvolvida em 20 escolas; outras 21 faziam os empréstimos e auxiliavam nas pesquisas dos alunos dentro da biblioteca; apenas 4 auxiliares relataram desenvolver exclusivamente a mediação por meio de contação de histórias, o que ocorria também em outras 55, mas quando sobrava tempo, pois diversas outras atividades, como as já citadas anteriormente, precisavam ser realizadas. Quase 50% dos auxiliares, ou mais especificamente 85 deles, consideravam a visita à biblioteca com horário marcado como uma das principais atividades desenvolvidas nesse espaço. Foram citados também a leitura de histórias em quadrinhos pelos alunos, normalmente feita nos intervalos; filmes que eram assistidos pelos alunos; exposição de livros e até ensaios dentro da biblioteca.

A atividade mais inadequada de que ouvimos relatos, e que se dava por imposição dos professores, foi o cumprimento de penalidades devido à indisciplina, ou seja, o aluno era retirado da sala de aula pelo professor e enviado à biblioteca como um castigo. Por mais insignificante que pareça o número, essa prática foi relatada em cinco escolas.

Por esses dados é possível concluirmos que a mediação – tal como a entendemos, como um processo onde dois ou mais sujeitos se relacionam por intermédio de um objeto que os faz dialogar entre si, em nosso caso professor,

auxiliar e aluno por meio do livro – não tem se dado de forma eficaz. Uma das justificativas possíveis é a falta de capacitação adequada desses profissionais para a sua realização.

A última questão que abordamos dizia respeito à indicação, por parte dos auxiliares, de professores que atuassem de forma mais intensa com a literatura em sala de aula. 26% dos entrevistados afirmaram não conhecer professores que trabalhavam com a literatura na sala de aula, enquanto 74% disseram que sim. No entanto, quando solicitávamos que eles nos falassem um pouco a respeito das atividades desenvolvidas e/ou pedíamos que eles nos citassem os nomes desses professores, esse número caía para 56%. A maioria dos profissionais alegava a falta de entrosamento com os professores como justificativa para o não conhecimento a respeito dos trabalhos realizados em classe.

Destacada a questão do conhecimento dos profissionais em relação ao PNBE, da distribuição e da chegada efetiva dos acervos nas bibliotecas escolares, e uma vez que não encontramos práticas realizadas com os livros do Programa, surge, então, um novo ponto que passa a nos interessar: a receptividade dos alunos quanto aos livros distribuídos. Os alunos conhecem as obras? Já tiveram a oportunidade de ler algum dos títulos? Que tipo de livros eles de fato leem? Eles têm preferência por um determinado gênero? Quem influencia a leitura desses jovens? Questões como essas serão levantadas e analisadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

AS ESPECIFICIDADES DO LEITOR JOVEM EM RELAÇÃO À LEITURA

Em sua 12ª edição, em 1999, o Congresso de Leitura do Brasil[37] (COLE) estabeleceu como temática a questão da diversidade dos modos de leitura em sociedade e propôs questionamentos tais como: “quem é, efetivamente, o leitor, como lê, o que lê, quando, por quê e para que lê”.

Na época, para contradizer a ideia de que o brasileiro não lia, foram usados os dados da Câmara Brasileira do Livro cujo boletim informava que um milhão e quatrocentas mil pessoas haviam visitado a 15ª Bienal Internacional do Livro em São Paulo e que cerca de 40% dos participantes afirmaram ler mais de três livros por semestre. Outros números também foram utilizados, como, por exemplo, o de cópias de determinados títulos que haviam sido vendidos e cuja cifra ultrapassava a marca de um milhão de exemplares. Passou-se a questionar o seguinte: ‘como assim, não se lia ou não se gostava de ler?’, ao mesmo tempo em

[37] Evento bianual organizado pela Associação de Leitura do Brasil, o COLE reúne e aproxima diferentes profissionais nacionais e estrangeiros ligados ao universo do livro e da leitura. Assim, o evento funciona como espaço de reflexão e socialização de experiências, de produção e divulgação de pesquisas e projetos educativos, de aprofundamento e entendimento das práticas culturais, de atuação e incentivo a políticas públicas. Disponível em: <http://www.alb.com.br/portal/17cole/index.html>.

que se considerava o fato de que era preciso rever o discurso, ainda dominante, do que era então considerado e/ou privilegiado como leitura de fato.

> A suposição de que a gente não lê porque não conhece os segredos maravilhosos do mundo da leitura, porque não tem o estímulo apropriado, porque não tomou o gosto pela leitura desde cedo, não resiste à análise isenta e sincera. O que nos parece necessário, (...), é indagar, sem pré-juízos de valor, quem, o quê, como, em que condições, por que razões lê, ou não lê, isto ou aquilo. Em outras palavras, trata-se de verificar que fatores sociais, políticos, econômicos, culturais, promovem ou desfavorecem esta ou aquela leitura, ou até mesmo qualquer leitura. Trata-se de abandonar a postura magistral de quem sabe o que o outro deve ser ou fazer (ou ler) e permitir que aflorem as contradições, os interesses, os valores que informam as práticas leitoras na sociedade contemporânea. Trata-se, enfim, de pôr em questão tanto as leituras quanto os discursos sobre leitura, permitindo que se manifestem as práticas veladas, desautorizadas e desconsideradas. Talvez, desse modo, se torne possível o debate franco e sem preconceitos sobre leitura e cultura, leitura e sociedade (ABREU *et al.*, 1999, p. 775, grifo nosso).[38]

Em pesquisa recente[39], realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), buscou-se novamente traçar o perfil dos leitores e não leitores brasileiros. Por meio de entrevistas, procurou-se diagnosticar e medir o comportamento leitor da população, especialmente com relação aos livros.

A pesquisa constatou que 95 milhões de pessoas, ou seja, 55% da população[40], são leitores, enquanto 77 milhões, 45% dos entrevistados, foram classificados como não leitores. Dentro deste número de leitores, a maioria são crianças e jovens, como é possível observar nos gráficos retirados da pesquisa:

---

[38] Anais do 12º COLE. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais12/index.htm>.

[39] Trata-se da segunda edição da pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil", encomendada pelo Instituto Pró-Livro, executada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) e coordenada pelo Observatório do Livro e da Leitura (OLL), realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2007 e publicada em maio de 2008. A pesquisa encontra-se disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>. A primeira edição da pesquisa, realizada pela CBL, SNEL e Abrelivros, com apoio da Bracelpa, foi realizada em 2000/2001 pelo Instituto A. Franceschini Análise de Mercado, de São Paulo. Seu objetivo básico era identificar a penetração da leitura de livros no país e o acesso a eles.

[40] A população estudada atingiu um total de 172.731.959 pessoas e foram incluídos habitantes a partir dos cinco anos de idade.





GRÁFICO 10 (esq.) – Leitores por idade

GRÁFICO 11 (dir.) – Idade em que os leitores mais leram na vida

O primeiro gráfico diz respeito à leitura por idade da população pesquisada. Assim, temos um total de 39% de leitores se considerarmos a faixa entre os 5 e 17 anos de idade. Já o segundo gráfico nos dá a ideia da época em que os leitores, de modo geral, mais leram em sua vida; considerando a mesma faixa citada anteriormente, temos o total de 64%. Outros dados interessantes também podem ser observados na pesquisa, como questões a respeito do que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre; o que os brasileiros mais leem e os gêneros mais lidos pelos leitores, entre outras.

Constatar que o PNBE/2006 não havia atingido os professores, como foi possível observar no capítulo anterior, nos fez pensar em uma nova proposta para dar continuidade ao nosso trabalho. A dica de uma aluna em uma das visitas realizadas às bibliotecas para um primeiro levantamento da pesquisa também estava dada: “Esse tipo de livro me chama e eu não resisto... Gostei muito”. As pesquisas citadas acima, uma mais recente e a outra de uma década atrás, corroboram a tese de que os brasileiros leem e de que os jovens leem ainda mais. Tudo isso passou a nos impulsionar para um diálogo com os jovens. Optamos, então, por realizar uma

primeira sondagem[41] já que precisávamos comprovar, ou não, que esse leitor jovem lê de fato. Mas como fazer isso? Qual a melhor maneira? Que sujeitos selecionar?

Uma vez que a fase inicial da pesquisa atingiu 98% de todas as escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, tornou-se necessária a criação de alguns critérios para que os sujeitos fossem escolhidos. Como as escolas estão divididas em nove regionais, o primeiro critério estabelecido foi escolher uma escola que pertencesse à regional com o maior número de instituições. Assim sendo, selecionamos a regional Venda Nova, que possui 16% da totalidade das escolas da RME-BH.

Em seguida, decidimos que a biblioteca da escola deveria ser Polo[42] porque, de acordo com a própria visão do MEC,

> (...) a questão da leitura não pode ser tratada apenas para os que vão à escola, se não para todos que circulam em seu entorno. A responsabilidade social da escola - e do poder público - não se restringe aos usuários diretos, mas à rede da qual esses usuários participam e com a qual interagem (BERENBLUM, 2006, p. 25).

Dessa forma, encontramos seis bibliotecas que atendiam a esse quesito. Ainda assim, precisávamos delimitar um pouco mais e pensamos então nos sujeitos. Como o PNBE/2006 tinha como foco atender alunos que pertenciam às séries finais do Ensino Fundamental, optamos por priorizar as escolas que atendessem a esse público, o que reduziu nosso número para três escolas.

Pensamos em selecionar a escola com o maior número de matrículas como um último critério para escolha dos sujeitos e procuramos a prefeitura de Belo Horizonte, através de *e-mails* e telefonemas, na tentativa de localizar tais números. Infelizmente, não tivemos retorno, o que nos fez buscar tais informações por conta própria. Encontramos no *site* da SMED[43] uma lista com todas as instituições da rede municipal de ensino e nessa lista um *link* direto[44] para a escola Milton Campos. Nele encontramos informações detalhadas como, por exemplo, o número de turmas e de

---

[41] É preciso destacar aqui que essa sondagem se trata de um primeiro exercício de aproximação e que esse tipo de investigação precisa ser ampliado em pesquisas futuras.

[42] Essas bibliotecas têm um caráter especial quanto à função e ao atendimento. O nome polo deve-se ao fato de atender também à comunidade situada no entorno da escola e de agregar outras cinco ou seis bibliotecas escolares, coordenando-lhes o trabalho. Nela, além de um auxiliar de biblioteca por turno, está lotado um bibliotecário coordenador, profissional com curso superior em Biblioteconomia.

[43] Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/ensino/smed/index.htm>. Acesso em: março 2009.

[44] Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/ensino/escolapub/escola002/index.htm>. Acesso em: março 2009.

alunos por turma, o que nos permitiu fazer uma média do número de matrículas e assim dar preferência para essa instituição.

Optamos por entrevistar oito alunos, pertencentes aos anos finais do Ensino Fundamental, sendo um menino e uma menina[45]. Para isso foi utilizado um roteiro de entrevista (anexo 5), a princípio pensado como um instrumento de estrutura fixa, mas que no decorrer das conversas foi se flexibilizando na medida em que outras questões foram surgindo[46]. Com isso, ao mesmo tempo em que adquiríamos informações não previstas, o fluxo da conversa não era interrompido e o aluno sentia-se à-vontade para continuar o diálogo, como normalmente ocorre com a entrevista semiestruturada, na qual temos como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, o que pode contribuir para uma cobertura mais profunda de determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado tende a favorecer respostas mais espontâneas.

Uma vez que já tínhamos tudo categorizado para a escolha dos sujeitos, entramos em contato com a auxiliar de biblioteca da escola que, por coincidência, era a mesma que havíamos entrevistado um ano antes[47]. Ela novamente teve um papel de grande importância na pesquisa, pois foi por seu intermédio que os alunos foram escolhidos.

Antes do contato para a entrevista propriamente dita, conversamos com os alunos para saber se eles se dispunham a participar, para esclarecer um pouco sobre a pesquisa, de como seria importante a conversa com eles e também para familiarizá-los um pouco acerca do assunto. Pedimos que levassem uma autorização para casa e trouxessem-na assinada pelos pais ou por seus responsáveis e todos o fizeram.

Com exceção de uma aluna, que desistiu de participar e com quem não tivemos mais contato, o restante se mostrou bastante empolgado com a conversa. Depois soubemos pela auxiliar que se tratava de uma aluna muito tímida e que provavelmente havia ficado sem graça de negar inicialmente, preferindo apenas

[45] Embora não fosse objetivo da pesquisa investigar a questão da leitura por gênero, procuramos selecionar meninos e meninas no intuito de verificar se havia alguma diferença entre suas práticas de leitura.

[46] Esse procedimento metodológico também foi utilizado por MACHADO, em sua pesquisa de doutorado que foi defendida em 2003.

[47] Na época da primeira entrevista, ela trabalhava como auxiliar de biblioteca no turno da manhã, mas como assumiu um cargo no Estado no mesmo turno pediu para ser transferida para a tarde.

não comparecer no dia combinado. Após recebermos as autorizações devidamente assinadas, demos início à marcação das entrevistas.

Para não atrapalhar demais as aulas dos alunos, propusemo-nos a encontrá-los sempre no horário do intervalo para o recreio, o que teve uma boa aceitação. Porém, como o tempo era realmente curto, cerca de 30 minutos, só podíamos marcar com um de cada vez. Fato curioso que se sucedeu depois foram os alunos com os quais já tínhamos conversado quererem participar, como ouvintes, das conversas posteriores com os colegas.

Voltando à pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, além da questão comprovada de que os jovens leem mais, outro dado que nos chamou a atenção dizia respeito a quem mais influenciava os leitores a ler. Foi daí que resolvemos partir.

Coincidentemente, 50% dos entrevistados afirmaram ter desenvolvido o gosto pela leitura exclusivamente através da mãe, o que também aconteceu na pesquisa realizada pelo IPL. Um aluno afirmou que tanto o pai quanto a mãe foram responsáveis por despertarem nele a vontade de ler. Avó e tia representaram 12,5% da amostra respectivamente. Outro aluno nos surpreendeu ao relatar que duas pessoas foram importantes para que ele aprendesse a gostar de ler, mas ele não sabia dizer quem tinha sido o mais responsável: se o professor de História ou o pai. E quando lhe perguntei o porquê, a resposta foi:

> Olha, o professor mandou pegar um livro porque ia ter um trabalho na aula, o livro era bem legal, mas eu não sabia disso, né! Tá... aí eu peguei o tal livro, mas fiquei enrolando pra ler e quando meu pai viu isso, me fez sentar e ler. Disse que eu tinha que ser responsável, se eu tinha pegado o livro pra ler ou pra enrolar, e que eu nem sabia que tipo de livro era, como eu podia achar ruim? Aí eu li. Li aquele e li muitos depois e agora eu gosto muito mesmo de ler. Acho que foi por isso, né! (Luiz, 7º ano do Ensino Fundamental, 12 anos)

De acordo com sua fala, o aluno inicialmente foi forçado a uma leitura que não desejava, mas foi graças a isso que ele tomou gosto pela leitura como veremos mais adiante. Isso pode nos levar a concluir que a influência da família e professores no incentivo à leitura continua sendo fundamental na formação do aluno como leitor.

Uma vez constatada a participação da família no desenvolvimento do gosto pela leitura, abordamos outra questão, que dizia respeito ao incentivo à leitura,

mais especificamente ao incentivo dado pelos pais dos alunos entrevistados. 75% das respostas foram positivas, ou seja, os pais têm presença marcante na "vida leitora" dos filhos. Dos 25% restantes, que equivalem a duas respostas, somente um aluno afirmou de fato não ser influenciado pelos pais, mas somente pela avó. O outro entrevistado não tem convívio com os pais, mora com avós e tias. Se a maioria das respostas foi afirmativa, interessava-nos saber de que forma isso ocorria. Como esses pais estariam influenciando seus filhos a ler? Qual seria o discurso utilizado? Que ações são realizadas?

Resolvemos destacar no quadro abaixo as respostas dadas pelos alunos a essa questão:

Nome[48]	**De que forma os pais influenciam na leitura?**
Gabriela *6º ano do EF* 11 anos	Minha avó e minhas tias sempre leem junto comigo, e eu gosto muito. Sempre procuro novos livros pra gente ler. Elas dizem que isso vai me fazer crescer.
Victor *6º ano do EF* 11 anos	Eles dizem que a leitura é importante para a minha formação e para eu melhorar nas aulas de português. Eu tinha muita dificuldade de interpretar textos e ler, mas melhorou isso.
Giovana *7º ano do EF* 12 anos	Meus pais sempre fazem a leitura da *Bíblia* junto comigo, desde pequena e dizem que quem lê muito sempre acaba aprendendo muito.
Luiz *7º ano do EF* 12 anos	Minha mãe tem alguns livros e lê bastante, sabe? Quando ela gosta de algum livro, sugere que eu leia também. Tem uns autores que ela gosta muito e pede para procurar os livros pra ela, assim acabo lendo também.
Joana *8º ano do EF* 13 anos	Na verdade foi minha mãe que ensinou a gente a ler (eu e minha irmã). Ao mesmo tempo em que ela lia livros voltados pra nossa religião (evangélica), lia livros de contos de fadas pra mim e minha irmã. Mamãe gosta de ler junto, incentiva a buscar palavras desconhecidas no dicionário e diz que para escrever bem é preciso ler bastante. Ela sempre nos levou a bibliotecas e incentivou a pegar livros.
Felipe *8º ano do EF* 3 anos	Meus pais dizem que ler contribui para se tornar uma pessoa melhor, mais esperta.

[48] Os nomes são fictícios para preservar a identidade de nossos(as) entrevistados(as).

Vitória *9º ano do EF* 13 anos	Os dois dizem que é importante, mas minha mãe lê os livros que pego e ganho, lê junto comigo, sugere leituras e diz que ler é bom para escrever bem.
Diogo *9º ano do EF* 15 anos	Eles acreditam que a leitura é importante para a minha formação como cidadão.

QUADRO 1 – Influência dos pais na leitura

É do nosso conhecimento que a leitura exerce papel fundamental na vida de qualquer ser humano e pelos depoimentos colhidos é possível notar que a necessidade de muita leitura está posta entre todos, pois se revela como uma das vias no processo de construção do conhecimento, como fonte de informação e formação cultural, consequentemente, como um instrumento que proporciona melhoria da condição social e humana.

Se a leitura é considerada tão importante pela maioria dos pais, tornou-se nosso interesse saber se esses, de fato, também fazem uso da leitura. Perguntamos então aos alunos: Seus pais leem? O que eles costumam ler? Novamente, as respostas foram positivas. Dos oito alunos entrevistados, seis disseram que os pais leem e o fazem frequentemente. Quanto ao tipo de leitura, podemos visualizar melhor no gráfico abaixo:

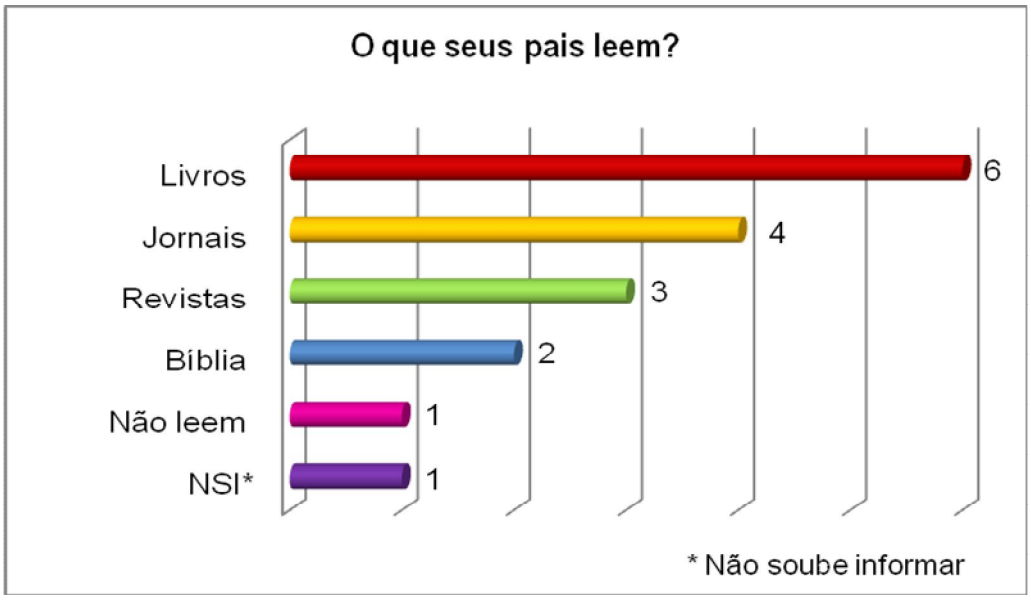


GRÁFICO 12 – O que seus pais leem?

De acordo com o gráfico, dos seis pais que leem, exatamente seis fazem leitura de livros e quatro deles também leem jornais. O número cai para três quando se tratam de revistas. Do mesmo modo, a *Bíblia* é citada duas vezes como um tipo de leitura presente da vida dos pais. Por fim, um aluno afirmou que seus pais não gostam de ler e um não soube informar pois não tem convívio com eles.

É importante frisar que há preferências entre pais e mães. De acordo com as informações dos alunos, 100% dos leitores de jornais são os pais, enquanto as revistas são lidas pelas mães, curiosa, perguntamos que tipo de revistas elas leem e as respostas variam entre moda, beleza e culinária. Os livros são lidos por ambos, mas, de acordo com os entrevistados, as mães leem esse suporte com mais frequência e normalmente os filhos citam os romances como leitura preferida. Uma aluna citou que os pais gostam muito dos livros de poesia do autor Carlos Drummond de Andrade e que, quando ela não faz empréstimos para ela mesma, procura levar os títulos que agradam aos seus pais. Além dos livros de poesia, eles se dedicam à leitura e ao estudo da *Bíblia* em família.

Outro caso interessante a destacar é o da aluna do 8º ano do Ensino Fundamental, que disse ter perdido o pai há algum tempo, mas relatou ter lembranças dele como leitor, sempre acompanhando a família nas visitas às bibliotecas escolares na busca de novas leituras. Em relação à preferência da mãe, ela cita os romances:

> Minha mãe ama romances, principalmente os da... Agatha Christie e do Sidney Sheldon, mas ela lê muito comigo e a minha irmã também normalmente gosta dos livros que pegamos. Acho que o nosso gosto vem dela. Meu pai gostava de livros também, mas me lembro mais dele com o jornal na mão. (Joana)

No caso desta aluna, em particular, surpreendemo-nos ao ser questionada sobre a existência de outras bibliotecas que não fossem as escolares.

> Joana: Você sabe se existem outras bibliotecas, mas sem ser de escola? Nós vamos muito às bibliotecas das escolas onde estudamos. Mamãe sempre levava, mesmo quando éramos pequenas, mas só na das escolas. Tem alguma fora?
>
> Eu: Você já ouviu falar na biblioteca pública?
>
> Joana: Não... Não. Fica aonde?
>
> Eu: Bem, na verdade temos duas bibliotecas mais conhecidas. A biblioteca pública estadual Luiz de Bessa, que fica na Praça da Liberdade e tem uma sessão inteira só com livros de literatura infantil e juvenil, e temos também a Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, que fica na rua

> Carangola e também tem um acervo de literatura voltado para crianças e jovens.
>
> Joana: Nossa! Você pode me dar o endereço depois? Vou pedir minha mãe para me levar. Deve ser muito bom, um espaço só pra isso (livros e leitura) e fora da escola!
>
> Eu: Mas me conta uma coisa, você não gosta de ler na biblioteca da escola?
>
> Joana: Ah, eu até venho, gosto muito do lugar sabe? Mas ler aqui é difícil… só dá pra ir mesmo no horário do recreio, só que o barulho atrapalha, ou então tenho que "vim" fora do meu turno, mas aí fica mais complicado, né!

Pelo diálogo acima é perceptível a vontade da aluna de conhecer outras bibliotecas. Nas duas últimas frases fica claro que o espaço de leitura tem grande importância para ela. O problema não era não gostar da biblioteca da escola, e sim, o tempo que podia ser destinado a isso, ou seja, o horário do intervalo para o lanche, o que concomitantemente ocasionava muito barulho.

Ao contrário do "não gostar da biblioteca" a relação de todos os alunos entrevistados com o espaço é bastante positiva. Quando a pergunta foi relacionada ao motivo pelo qual se frequentava a biblioteca, a resposta foi unânime: "Porque gosto da biblioteca". Em relação à assiduidade, 75% afirmaram ir à biblioteca todos os dias da semana e os 25% restantes disseram visitar o espaço de três a quatro vezes por semana.

O tempo que passamos na biblioteca da escola, cerca de três semanas entre a entrega e o recebimento das cartas de autorização, o agendamento das entrevistas e a conversa efetivamente, nos permitiu observar as relações estabelecidas entre os alunos, a biblioteca e os responsáveis pela sua organização. A frequência afirmada pelos alunos, por exemplo, foi de fato confirmada. Alguns deles permaneciam durante todo o tempo do recreio no recinto e se dividiam entre leituras, a busca de títulos ou simplesmente para conversar. O que nos chamou bastante a atenção foi a relação com a auxiliar de biblioteca: sua atenção era disputada pela maioria dos presentes, que ora pegavam ou renovavam algum título, ora queriam indicações de leitura ou simplesmente saber se o livro escolhido era bom mesmo.

Sabemos que na formação do leitor o papel do mediador é de grande importância. No caso da biblioteca escolar, é o auxiliar como figura presente no dia a dia dos alunos quem cumpre este papel. Assim, torna-se fundamental que ele

conheça os livros e, acima de tudo, que goste de lê-los e de repassar os conteúdos para seus usuários no atendimento diário, estabelecendo uma relação de troca.

Na conversa com os alunos, foi possível descobrir que a auxiliar era querida por todos e a relação desenvolvida era ao mesmo tempo de bastante profissionalismo e muita amizade. Apesar de não realizar nenhum tipo de atividade específica de leitura com os alunos[49], ela está sempre preocupada em proporcionar o melhor a eles, principalmente no que diz respeito ao acervo. Consideramos importante abordar a relação vivenciada entre aluno e auxiliar e para tanto levantamos as seguintes questões: Como é a relação estabelecida entre você e o profissional da biblioteca? Ele conversa com você sobre livros? Auxilia nas suas escolhas?

> Minha relação com ela é boa. Ela não obriga a gente a ler ou pegar livros. Quando vamos só pra conversar mesmo, ela conversa. Se pedimos sugestões, ela dá. Quando temos dúvidas em um livro, se ela já tiver lido ela fala mesmo se é bom ou ruim, não mente pra gente só pra gente levar o livro. (Luiz)
>
> Acho que é legal. Normalmente quando tenho dúvida sobre um livro eu peço ajuda pra ela. Ela não fica pegando no pé, sabe. Na outra escola que estudei a menina ficava “enchendo o saco” pra gente pegar livro, que se não fosse pra pegar não era pra ficar na biblioteca. Aqui ela não faz assim. Ah, tem outra coisa, quando queremos um livro que não tem, falamos com ela e ela anota, depois, se deu pra comprar, ela avisa a gente que agora já tem. (Felipe)
>
> Gosto muito dela, acho a relação legal. Quando eu pergunto sobre um livro ela fala se é bom ou não e quando chegam livros novos ela coloca nas mesas pra mostrar que chegou, ou então naquelas estantes (os expositores). Isso é muito bom porque aí sabemos sempre quando tem coisa nova. (Joana)

É possível notar que, apesar de não haver um trabalho sistemático de orientação para leituras, há a divulgação do acervo existente na biblioteca e a auxiliar cumpre com o seu papel de intermediar o acesso entre leitura e leitor de maneira eficaz e ao mesmo tempo em cumplicidade com os alunos, de forma que estes se sentem bastante à vontade para frequentar o espaço por prazer e não por obrigação.

Terminado este primeiro levantamento, onde buscamos identificar questões acerca das influências exercidas sobre os jovens em relação à formação

[49] Dado da primeira entrevista realizada à época da aplicação do formulário aos auxiliares de biblioteca.

do seu gosto pela leitura, passemos para outro ponto a ser discutido e que muito nos interessa: o que eles leem? Quanto leem?

A ideia tão divulgada de que o jovem não gosta de ler não foi comprovada, pelo menos não em nossa pesquisa. Ao contrário, os jovens por nós entrevistados gostam muito de ler.



GRÁFICO 13 – Quantos livros já leu este ano?

Considerando que ainda estávamos no início do ano letivo de 2009, nenhum dos alunos com os quais conversamos tinha lido menos de três títulos, o que podemos considerar como um bom número. E quando a pergunta foi se estavam lendo algum título no presente momento, apenas dois alunos disseram não estar lendo nada. Outros dois, um do 6º e o outro do 9º ano do Ensino Fundamental, responderam que estavam lendo o livro *Crepúsculo*[50] e não viam a hora de terminar para pegar o próximo livro que dá continuidade à história. Aliás, esse livro foi muito citado no decorrer das entrevistas como um livro que já havia sido lido por alguns alunos e, de acordo com a auxiliar, um dos livros mais procurados na biblioteca, tendo inclusive uma lista de reservas tanto do primeiro título quanto dos demais da mesma coleção, incluindo o último, que sequer havia sido comprado.

Joana, a aluna do 8º ano, estava lendo não apenas um, mas dois títulos ao mesmo tempo. Um deles ela pegou na própria escola – *A volta ao mundo em 80 dias*, e disse estar gostando muito da leitura. O outro, *Éramos seis*, foi

[50] Trata-se de uma série escrita pela autora norte-americana Stephenie Meyer, cujos títulos lançados até o momento são: *Crepúsculo*, *Lua Nova*, *Eclipse*, além do recém-chegado às livrarias, *Amanhecer*. É uma série de histórias sobre vampiros, envolvendo fantasia, romance, aventura e suspense.

indicação da irmã, que o havia lido e insistido para que ela o lesse também. “Ela acabou renovando o livro pra mim na escola dela e eu comecei a ler. O pior é que gostei muito desse também... (risos) e agora não sei qual leio primeiro. Pego um pouquinho um e depois o outro”, conta. Os outros livros que estavam sendo lidos eram: *O código Da Vinci*, pela aluna do 7º ano; *Viagem ao centro da Terra*, pelo aluno do 7º ano, e *O barco do demônio*, pelo aluno do 8º ano do Ensino Fundamental.

Aproveitando a oportunidade e a empolgação que a pergunta anterior lhes trouxe, pois falar dos livros que estavam lendo os deixou bastante entusiasmados, questionamos se eles liam todos os dias. A maioria respondeu afirmativamente, principalmente se estivessem gostando do livro, mas disseram também que se não tivessem pegado nenhum livro para ler, não se preocupavam em procurar outras leituras, como fica claro na fala de Luiz.

> Eu: Você tem o costume de ler todos os dias?
>
> Luiz: Leio... quer dizer... se eu tiver com algum livro eu leio sim, ainda mais se for bom. Aí não dá vontade nem de largar. Mas se eu não tiver pegado nenhum livro, aí não fico procurando qualquer coisa pra ler não.
>
> Eu: Como assim, ‘qualquer coisa’?
>
> Luiz: Ah, se tem jornal ou revista em casa... ah, só se me interessar mesmo que eu leio. Não gosto de pegar nada e largar “no meio do caminho”, se bem que já aconteceu...

Por coincidência, uma das questões que propusemos saber era se os alunos já tinham desistido da leitura de algum livro. Caso a resposta fosse sim, também queríamos saber o porquê da desistência dessa leitura. Duas respostas foram negativas, ou seja, dois alunos relataram que nunca haviam deixado de terminar a leitura de um título, por mais chato e difícil que este fosse; outros três afirmaram já ter desistido sim, mas não lembravam o título. As outras três respostas seguem no quadro abaixo para que se possa ter uma visão mais geral da opinião dos alunos:

Aluno	**Já desistiu de ler algum livro? Qual?**	**Por quê?**
Luiz *7º ano do EF*	Sim. *Crônicas de Nárnia*	Como eu disse, eu não gosto de pegar nenhum livro e parar de ler, mas esse não teve jeito. Achei ele grande demais e cansativo demais também. Acho que foi porque eu vi o filme antes e tava acontecendo tudo igualzinho, sabe? Se bem que eu fiz isso porque fiz assim com os do Harry Potter. Você já leu? Foi bem diferente, deles eu gostei.
Vitória *9º ano do EF*	Sim. *O primeiro beijo*	Ai, o nome já ajuda, né! Nem sei direito porque peguei esse livro, mas achei que era mais interessante, só que ficava num "nhenhenhé"... Aí era meloso demais, não deu pra terminar.
Diogo *9º ano do EF*	Sim. *Anjos e demônios*	Na verdade minha mãe disse que se eu lesse eu ia gostar, já que eu tinha lido *O código Da Vinci*, que é do mesmo autor né, e ela leu os dois e gostou. Só que eu achei o início muito lento, devagar demais. O outro tinha muito mais ação desde o começo. Esse me deu sono, aí eu larguei.

QUADRO 2 – Desistência de leitura

É possível observar nas falas dos três que os livros escolhidos para leitura não eram bem o que cada um esperava. Luiz pegou o livro acreditando que poderia complementar a "leitura" do filme a que havia assistido, o que, segundo ele, não aconteceu. Vitória se sentiu interessada pela temática, mas também não resistiu ao enredo. Por fim, Diogo pegou o livro acreditando ser a continuidade de outra história, que para ele era bem mais interessante, pois era cercada de ação do início ao fim, mas ao constatar que este não era bem assim, desistiu logo de sua leitura.

Podemos dizer, nesses casos, que o gosto desses jovens em relação às suas escolhas já se encontra bem definido. Se gostam, vão em frente; se não gostam, não insistem e pronto! Sejamos um pouco mais objetivos agora: o que eles realmente gostam de ler? Qual o tipo de livro preferido?

Em uma listagem, na qual os alunos podiam escolher mais de uma opção, pedimos que eles identificassem os tipos de leitura que mais gostavam e chegamos aos seguintes dados:



GRÁFICO 14 – Tipos de livro de que mais gosta (gênero)

A preferência dos entrevistados por livros de aventura foi unânime, como é visível no gráfico acima, recebendo oito votos. Em segundo lugar, com cinco votos cada, temos os livros de mistério, romance e as histórias em quadrinhos; logo depois, com quatro votos, os livros de terror, ficção e poesia. Os contos de fadas foram citados duas vezes e os livros que envolviam suspense e magia, uma vez.

Em pesquisa realizada em 2004, intitulada "Jovens leitores e suas escolhas de leitura: dois estudos"[51], Mariana Costa Silva analisa comparativamente, como o nome sugere, dois estudos sobre escolhas de leitura realizadas por jovens leitores, sendo uma no Brasil e a outra na Inglaterra. O que mais nos chamou a atenção, e que comprova também os nossos dados, foi o fato de que, em ambos os países, o gênero aventura foi considerado o preferido pelos jovens. A autora cita Cullingford para justificar essa escolha:

> Cullingford afirma que o conteúdo da aventura/história popular é um reflexo intuitivo do modo de pensar das crianças, suas experiências e necessidades. *"Os livros [de] que os jovens leitores gostam são caracterizados pela busca do entretenimento: uma leitura fácil e simples que não requer muita reflexão. O ato de ler deve ser imediatamente recompensador".* Segundo ele, esse tipo de leitura não deve ser desprezado e categorizado como inútil e de má influência para os leitores jovens, pelo contrário, essas histórias são imensamente significantes para

[51] A pesquisa citada se refere à monografia de final de curso apresentada em 2004. No entanto, não tive acesso à essa pesquisa, faço a citação aqui apoiando-me em um texto apresentado pela aluna no 15º COLE.

> os jovens leitores por constituírem uma interpretação do mundo. Elas oferecem uma estrutura e um significado para a vida que as pessoas necessitam (CULLINGFORD *apud* SILVA, 2005, sem paginação).

Em nossa pesquisa, com exceção dos contos de fadas, que foram citados duas vezes e exclusivamente por meninas, os outros tipos de livros estão no gosto de todos, incluindo os romances e poesias, que até há certo tempo eram considerados textos mais lidos por mulheres e foram citados tanto pelas meninas quanto pelos meninos.

Um caso específico ocorrido nessa questão foi o fato de abrirmos possibilidades para que os alunos citassem tipos de livros de que gostassem e que não constassem em nossa listagem. Surgiu então o livro de suspense e magia. Ainda foi curioso verificar que o aluno que citou esse tipo de livro foi o mesmo que disse ter lido toda a coleção do Harry Potter[52], ou seja, é possível supor que a leitura realizada previamente passou a influenciar o seu gosto por determinado tipo de livro.

Procuramos identificar também as preferências desses leitores em relação aos autores de literatura. A aluna do 9º ano relatou não ter nenhum autor preferido. Um aluno do 6º ano e outro do 8º elegeram J. K. Rowling, a autora dos livros do Harry Potter, como sua favorita, sendo um deles o aluno referido acima como leitor de toda a coleção. Outros autores citados foram: Monteiro Lobato, pela aluna do 6º ano; Agatha Christie e Carlos Drummond de Andrade, respectivamente, pela aluna e aluno do 7º ano; Luís Fernando Veríssimo pela aluna do 8º ano e Fernando Pessoa pelo aluno do 9º ano do Ensino Fundamental.

É importante destacar aqui que os alunos que citaram Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa são, de fato, leitores que gostam de poesia. Luiz, o aluno do sétimo ano que se referiu ao primeiro autor, citou-o e também a sua obra mesmo antes de marcarmos o dia de nossa conversa. E Diogo, o aluno do 9º ano, foi inclusive premiado ao obter o primeiro lugar em um concurso de poesias realizado na escola com a temática sobre a alegria. Isso nos fez voltar ao primeiro capítulo, quando discutimos a questão das atividades desenvolvidas com a literatura dentro do ambiente escolar.

---

[52] Coleção escrita pela autora britânica J. K. Rowling que engloba hoje sete títulos: *Harry Potter e a pedra filosofal*, *Harry Potter e a câmara secreta*, *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*, *Harry Potter e o cálice de fogo*, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, *Harry Potter e o enigma do Príncipe*, *Harry Potter e as relíquias da morte*.

Como já foi dito e repetido, para se formar leitores é indispensável que o professor utilize uma série de “estratégias” para auxiliar na prática da leitura literária. É essencial fazer do ato de ler uma atividade prazerosa, não somente mera decodificação e adivinhação das idéias que surgem nas linhas do texto, menos ainda usá-las como pretexto para se trabalhar outras questões que não seja a própria leitura em si.

Indagamos aos alunos se existia a prática da leitura de livros de literatura em sala de aula com o professor e por qual motivo. A maioria dos alunos respondeu que sim (62,5%); um afirmou que às vezes; outro, que este ano ainda não houve nenhum, mas o que sempre determina essas leituras é a realização de algum tipo de atividade e/ou trabalho realizado com o livro posteriormente. Apenas um aluno disse não haver nenhum tipo de leitura e nem atividades com livros de literatura em sala de aula. Entretanto, houve um depoimento que nos chamou bastante a atenção. A aluna do 9º ano relatou que em um determinado ano a professora de História pediu para toda a turma fazer a leitura do livro *A revolução dos bichos*, pois queria dar uma prova. Porém, como não havia exemplares para todos os alunos na biblioteca, seria necessário que cada aluno adquirisse o seu. Isso gerou grande insatisfação por parte da turma que decidiu reclamar com a direção da escola. Consequentemente, a professora não foi autorizada a realizar a avaliação e ainda cancelou a leitura do livro, como é possível observar no relato feito pela aluna:

> A gente ficou sem saber o que fazer... é... como assim, né... que ela ia dar uma prova se nem tinha livro pra todo mundo... vai ver que ela ainda queria que a gente comprasse... só que a gente resolveu... a minha sala foi procurar a direção pra reclamar. Só lembro que na aula seguinte ela chegou cancelando o trabalho e aí... eu fiquei com tanta raiva que nem tive vontade de ler o livro depois... teve colega meu que acho que até leu, mas eu fiquei com muita raiva. (Vitória, 9º ano do Ensino Fundamental)

Observamos no relato acima um exemplo claro do que não deve ser feito com a literatura no ambiente escolar, pois ao exercitar essa prática podemos estar colaborando para que um novo leitor, ou um leitor em potencial não seja formado. A aluna não quis saber da leitura do livro posteriormente, por ter sido, de certa forma, obrigada a realizar sua leitura previamente para que passasse por uma avaliação. E o pior foi que, como a professora não pôde realizar tal atividade, também não houve nenhum tipo de incentivo para que os alunos fizessem a leitura

do livro. Em sala de aula, é necessário que o professor consiga perceber as sutilezas e as muitas maneiras de ler um livro, atendendo sempre às expectativas e competências dos leitores. Dessa forma tende a tornar a leitura rica e prazerosa.

No que diz respeito às suas próprias escolhas, desejávamos saber como elas eram realizadas. O que é priorizado pelos alunos ao pegarem um livro para ler? O que mais desperta a atenção? Dois alunos citaram a capa do livro como um atrativo para sua leitura e o título também era importante para um deles. Outros dois alunos relataram gostar muito quando os títulos são indicados, seja pela auxiliar, pelos pais ou principalmente, pelos próprios colegas: "(...) normalmente se eles me indicam é porque o livro... porque gostaram de ler mesmo. É mais confiável". A aluna do 7º ano que havia relatado anteriormente que os pais gostam muito de livros de poesia disse que tem preferência por livros que dão privilégio ao gênero. Já a aluna do 9º disse que só leva o livro se gostar do resumo que "costuma vir atrás do livro"; se não encontrar o resumo ela lê um pouquinho do início para ver se gosta e só aí decide por levá-lo ou não.

Dois alunos citaram filmes como pré-requisito para suas escolhas e questionamos se era apenas por meio dos filmes mesmo que tal escolha era realizada. Um nos disse que olha também a capa do livro e o outro nos explicou que costumava seguir também as coleções:

> Quando eu leio um livro e descubro que ele é de uma coleção e eu gosto, eu vou pegando um depois do outro se tiver na biblioteca... é... fiz assim com o Harry Potter, mas não li todos ainda, né... porque são muitos... tem também "A turma dos tigres"[53], que é outra coleção superlegal, só que eu sei que não tem todos os livros dela aqui na biblioteca. (Felipe, 8º ano do Ensino Fundamental)

Ao contrário do que costuma acontecer com as crianças em relação às suas escolhas, é possível notar que as imagens no livro não foram citadas sequer uma vez. Indagamos a esse respeito e as respostas, de fato, confirmam o que já havia sido relatado acima. Todos responderam gostar das ilustrações nos livros, uns mais, outros menos. Dois alunos disseram que às vezes ela contribui para entender melhor algumas histórias, e também permite "'viajar mais' nas narrativas"; outros afirmaram que um livro muito ilustrado limita um pouco a imaginação, "se tem figura

[53] "A turma dos tigres" é uma das coleções da coleção maior "Olho no lance", da Editora Ática.

demais às vezes atrapalha, né... é... eu gosto de imagem... só que tem vez que a gente mesmo quer criar o cenário que tá lá no livro".

Através dos relatos é possível observar que as ilustrações têm importância, mas não são essenciais para a escolha desses jovens. Nesse sentido, as palavras de Wanderley Geraldi (1984) vão ao encontro das atitudes citadas quando o autor diz que o professor deve deixar que os alunos leiam livremente livros indicados pelos colegas, pela curiosidade ou pela capa e/ou título, pois "a quantidade ainda gera qualidade" (p. 87).

Ao analisarmos a forma de acesso aos livros, constatamos que o repertório de leitura da maioria dos entrevistados constitui-se, quase que totalmente, pelos exemplares emprestados na biblioteca escolar. Assim, consideramos importante questionar se os alunos costumavam frequentar livrarias e se tinham a oportunidade de visitar feiras de livros, se possuíam livros em casa.

Somente uma aluna respondeu positivamente a questão da visita a feiras de livros, relatando ainda ter ficado maravilhada em relação ao "tamanho do negócio" e à variedade de livros que se podia encontrar. Já em relação às livrarias, apenas dois alunos, um do 8º e outro do 9º ano, afirmaram já ter entrado em uma, mas ambos pelo mesmo motivo: a compra de materiais escolares com os pais. Perguntamos também se havia o hábito de comprar livros e a maioria das respostas foi negativa: 75% afirmaram que os pais não compram livros a não ser que haja algum motivo especial e os 25% restantes responderam que isso costuma acontecer, mas é raro.

Quanto a possuir livros em casa, todos afirmaram ter algum tipo de livro em suas residências. Quando perguntamos que tipo de livros, as respostas se assemelhavam às que foram dadas quando a pergunta foi sobre os livros que mais gostavam, ou seja, foram citados livros de conto de fadas, romance, ficção, poesia, *Bíblia*, aventura, ação, mas foram citados outros que não apareceram anteriormente como, por exemplo, *Barsa*, livros didáticos e de pesquisa, revistas do culto da igreja[54] e os "livros do *kit*".

[54] Uma das alunas entrevistadas é da religião evangélica e citou não só a posse como também a leitura diária de livros e revistas utilizados no culto de sua igreja, chegando inclusive a levar alguns exemplares para me mostrar como as revistas *Despertai* e *Sentinela*.

Livros do *kit*? Do que se trata? Todos os anos a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte distribui um *kit* escolar aos alunos da RME-BH composto por uma mochila, cadernos, lápis, canetas, borracha, agenda e alguns livros de literatura. No caso específico desse ano houve um diferencial, a Secretaria de Educação organizou um *kit* literário separado do *kit* escolar. Foram selecionados 90 títulos diferentes para o Ensino Fundamental, dentre os quais seriam entregues 10 para cada aluno[55].

Mesmo já tendo uma idéia do que eram os *kits*, procuramos identificar o seu significado para os alunos que disseram tê-lo recebido. Eles me contaram que eram livros que foram entregues em uma "caixa muito bonita no formato de uma mala" e que os livros também eram muito bonitos. Duas alunas inclusive já tinham lido alguns títulos:

> Assim que eu peguei os livros fiquei desorientadinha... (risos) era tanto livro bonito que eu não sabia por onde eu começava. Já li *Irmãos Pretos*, *O código das estrelas* e *Amigos para sempre*. Gostei dos três, agora vou pegar outro. (Giovana, 7º ano do Ensino Fundamental)

> Na minha caixa veio um tanto de livro que eu não conhecia... só o autor que eu conhecia... tem livro do Machado de Assis, da Cecília Meireles, do Fernando Sabino... que eu lembro assim, né... do nome. Tem um também que chama *Aprendiz de feiticeiro*, que é ótimo! (Joana, 8º ano do Ensino Fundamental)

Todos os entrevistados, em algum momento de nossa conversa, citaram o *kit* literário distribuído na escola no início do ano letivo. Considerando a relevância que haviam dado ao fato, procuramos extrair a importância atribuída a cada um:

[55] No total, foram selecionados 137 títulos, dos quais 27 contemplam a Educação Infantil, 90 o Ensino Fundamental e 20 são voltados à Educação de Jovens e Adultos e ao Ensino Fundamental noturno. Informação retirada do *site* <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=28124&pIdPlc=&app=salanoticias>. Acesso em: maio 2009.

Nome	**Você acha importante a distribuição dos *kits*?**	**Por quê?**
Gabriela *6º ano do EF* 11 anos	Sim	Porque podemos levar os livros pra casa e não precisamos devolver.
Victor *6º ano do EF* 11 anos	Sim	Porque tem pessoas que gostam de ler, mas não tem condições de comprar livros.
Giovana *7º ano do EF* 12 anos	Sim	Porque tem gente... alunos... que não gostam de ler, mas podem aprender a gostar já que vão ter o livro na sua casa.
Luiz *7º ano do EF* 12 anos	Sim	Porque os livros ficam pra gente
Joana *8º ano do EF* 13 anos	Sim	Foi a primeira vez que recebi o *kit* e gostei demais. Acho que todas as pessoas que recebem os livros ficam muito felizes por poderem ficar com os livros. Nós não compramos livros em casa e poder ficar com livros tão bons é muito bom.
Felipe *8º ano do EF* 3 anos	Sim	Acho interessante porque tem gente que não pode comprar livros.
Vitória *9º ano do EF* 13 anos	Sim	Acho que é um incentivo à leitura, porque são livros de vários tipos.
Diogo *9º ano do EF* 15 anos	Sim	É a primeira vez que recebo tantos livros e acho que isso incentiva a gente a ler mais.

QUADRO 3 – Opinião sobre a importância dos *kits* da Prefeitura

Como é possível observar todos consideraram importante a distribuição dos *kits* e duas justificativas foram marcantes: a questão da posse do livro para si e o fato de os alunos acreditarem que seria uma forma de incentivar a ler mais. Ao mesmo tempo em que continuariam a dispor dos títulos da biblioteca, teriam os seus próprios livros e esses poderiam ser lidos quando cada um “bem entendesse”. Como aconteceu com Joana, aluna do 8º ano que fazia a leitura de dois títulos ao mesmo tempo. Diogo, do 9º, que fazia a leitura do livro *Crepúsculo*, relata que quando recebeu sua “mala” de livros teve vontade de ler *O menino do pijama listrado*, e até deu início à leitura, mas depois concluiu que esta iria demandar mais tempo e também mais raciocínio e acabou optando por dar segmento à leitura do primeiro título iniciado:

> Eu já tinha ouvido falar no filme, que passou na televisão... a não... quero dizer... tava era no cinema há pouco tempo... e aí deu vontade de ler. Só que esse era mais puxado sabe... parece que é bom mesmo, mas eu preciso de mais concentração pra ler... e aí... dois ao mesmo tempo não dava. (...) Escolhi terminar o *Crepúsculo* porque se não terminasse ia ter que esperar muito... tenho que devolver ele depois de amanhã e se eu não termino aí só depois das reservas que já tem pra ele. Já o outro como é meu eu sento... pego e leio a hora que eu quiser. (Diogo, 9º ano do Ensino Fundamental)

A posse do livro por esses alunos é, de certa forma, um conforto, pois eles sabem que podem realizar uma leitura tranquila. O fato de ter o livro era importante para a maioria deles por não terem marcado um prazo para a devolução do título.

As questões relacionadas anteriormente foram abordadas e discutidas de forma bastante espontânea por todos os alunos que aceitaram participar de nossa pesquisa dando seus relatos acerca de suas práticas e experiências de leitura. No entanto, a questão que mais nos interessava ainda havia sido discutida até então: - os acervos do PNBE/2006.

Uma vez que não constatamos um conhecimento mais aprofundado dos auxiliares de biblioteca e, conseqüentemente, dos professores em relação ao Programa, já era de se esperar que os alunos também não soubessem dessa política de distribuição de acervos para a biblioteca escolar. Mas e quanto aos livros em si?

Além de todos os critérios que já foram citados como aqueles estabelecidos para a escolha da instituição que novamente seria visitada, era muito importante que esta tivesse recebido os acervos do PNBE/2006 e de preferência que fossem os três, caso precisássemos recorrer ao material.

Apesar de já ter uma idéia das respostas que teria, indaguei aos alunos a respeito do Programa Nacional Biblioteca da Escola e comprovamos minha hipótese ao receber oito negativas em relação a qualquer tipo de conhecimento. Contudo, os livros estavam lá. Na biblioteca. À disposição dos alunos. Interessava-nos saber a opinião dos alunos em relação aos acervos. Será que, em algum momento, eles já haviam passado os olhos, mesmo que fosse apenas em um título? Como saber?

Resolvemos que uma boa opção seria mostrar a lista dos acervos (anexo 2) aos entrevistados e pedir que eles identificassem se já haviam lido algum livro. E a resposta que tivemos de cada um segue no quadro abaixo:

Nome	**Livros do PNBE/2006 que leu**
Gabriela *6º ano do EF* 11 anos	*A marca de uma lágrima*; *O nome do jogo*; *A turma do Pererê*; *Dom Quixote em quadrinhos*; *Toda Mafalda*; *Um garoto chamado Roberto*; *Uma alegria selvagem*: a vida de Santos Dumont.
Victor *6º ano do EF* 11 anos	*A fantástica fábrica de chocolate*; *A marca de uma lágrima*.
Giovana *7º ano do EF* 12 anos	*Antologia poética*; *Carlos Drummond de Andrade*; *Meu tio matou um cara e outras histórias*.
Luiz *7º ano do EF* 12 anos	*50 poemas escolhidos pelo autor*; *A menina de cabelo azul*; *Antologia de crônicas*; *As mil e uma noites*; *Auto da compadecida*; *Café Van Gogh*; *O carnaval dos animais*; *As crônicas de Nárnia*; *A incrível e fascinante história do Capitão Mouro*; *A turma do Pererê*; *Alexandre e outros heróis*; *Carlos Drummond de Andrade*; *Dom Quixote em quadrinhos*; *Lendas negras*; *Sete ossos e uma maldição*; *Drácula*; *O tesouro de Olinda*.
Joana *8º ano do EF* 13 anos	*O mistério do cinco estrelas*.
Felipe *8º ano do EF* 3 anos	*Ana e Pedro*: cartas.
Vitória *9º ano do EF* 13 anos	*A fantástica fábrica de chocolate*; *A marca de uma lágrima*; *As mil e uma noites*; *João e Maria*; *O mistério do cinco estrelas*.
Diogo *9º ano do EF* 15 anos	*As mil e uma noites*; *Eu, robô*; *Os 100 melhores contos de humor*; *Dom Quixote em quadrinhos*; *João e Maria*.

QUADRO 4 – Livros do PNBE/2006 lidos pelos alunos entrevistados

Uma vez que foi possível constatar que esses alunos não conheciam o Programa, procuramos identificar o porquê dessas escolhas e se eles tiveram acesso a esses livros por meio da biblioteca da escola.

A maioria das respostas foi positiva, ou seja, os livros citados foram emprestados pela biblioteca da escola. Apenas dois alunos, ambos do 7º ano do Ensino Fundamental não haviam realizado todas as suas leituras na escola em que as entrevistas foram realizadas[56], mas ambos afirmaram que os livros foram empréstimos realizados na biblioteca da escola onde estudavam anteriormente, ou seja, o acesso ao acervo estava sendo possibilitado nas bibliotecas, conforme prevê o PNBE.

Quanto às leituras, é possível observar que a maioria dos alunos leu de um a cinco títulos a não ser em dois casos, onde foram lidos sete e 17 livros por Gabriela e Luiz, respectivamente. É possível notar também que algumas obras foram lidas por mais de um aluno, como foram os casos de *A marca de uma lágrima*, *As mil e uma noites* e *Dom Quixote em quadrinhos,* lidas por três alunos, e também *A fantástica fábrica de chocolate*, *A turma do Pererê*, *Carlos Drummond de Andrade*, *O mistério do cinco estrelas* e *João e Maria*, cujas leituras foram deitas por cinco alunos diferentes.

De acordo com o relato de todos os alunos, as escolhas dos títulos mencionados foram realizadas espontaneamente por cada um e nossas análises mostram que a maioria das escolhas segue a preferência por determinadas leituras citadas anteriormente: é o caso de Giovana, que relatou gostar muito de poesia – dentre os três livros apontados por ela, dois são de fato livros de poesia e/ou relacionados a grandes poetas da literatura. Ou ainda Gabriela, que tem como uma de suas leituras favoritas os quadrinhos e entre os livros lidos por ela estavam *Dom Quixote em quadrinhos* e *Toda Mafalda*. Há também os casos de Vitor e Vitória, leitores de aventuras e romances, a exemplo de *A fantástica fábrica de chocolate* e *A marca de uma lágrima*.

O único título a que cabe uma pequena ressalva é *João e Maria*, por se tratar em nosso acervo de um livro de imagens e também por ser um conto de fadas

[56] Giovana e Luiz estudavam em uma escola que atendia até o último ano do segundo ciclo apenas, ou seja, até a 5ª série. Na escola onde as entrevistas foram feitas eles estudavam há apenas três meses.

da tradição oral lido e relido nas escolas, principalmente na Educação Infantil. Questionamos os dois alunos que haviam se referido ao livro se suas leituras haviam sido feitas recentemente e verificamos que ambos haviam realizado a leitura há algum tempo, não se tratando, portanto, do livro do acervo do PNBE/2006.

A fim de verificar se os acervos estavam de acordo com os livros que os alunos gostam realmente de ler, perguntamos o que cada um achava dos livros que citou. Todos disseram gostar bastante dos livros; todavia, destacamos abaixo a fala de dois alunos que nos chamaram mais a atenção:

> O que eu acho desses livros que eu li? Uai... bons... você fala é se eu gostei de ler ou não? (...) Gostei sim... não foram todos aqui nessa escola porque estou aqui tem pouco tempo, mas lá na outra escola eu também ia muito na biblioteca, mas eu sei que tem uns dos que eu li aqui... eu já vi alguns livros... o do Carlos Drummond tem, o das *Crônicas de Nárnia*... só que esse eu te disse que não consegui ler até o final, né... mas é por causa daquela coisa... tava muito igual ao filme... o *Dom Quixote* também já vi aqui... é um livro divertido... acho que é porque é quadrinhos... eu gosto também. Eu só não sabia que todas as bibliotecas ganhavam esses livros. Essa lista aí.... dá vontade de ler um monte de livros. (Luiz, 7º ano do Ensino Fundamental)

> Ah... são muito legais, né! Esse *Toda Mafalda* foi o primeiro livro de quadrinhos que li... ele é muito bom mesmo, depois vi que tinha mais... e li o *Dom Quixote* também. O outro que fala sobre a vida do Santos Dumont... eu tava fazendo uma pesquisa sobre ele e a auxiliar me falou pra ler que podia ajudar... nossa, foi muito legal... até falei dele e a professora adorou, falou até que ia ler... mas eu não sei se ela leu de verdade, né! (Gabriela, 6º ano do Ensino Fundamental)

Apesar de não haver uma divulgação mais específica em relação à existência dos acervos que chegam nas escolas, é possível concluirmos que os livros são bem aceitos pelos alunos, pois abrangem os tipos de livros mais procurados por eles nas bibliotecas. Dessa forma, podemos dizer que o Programa Nacional Biblioteca da Escola consegue cumprir com um de seus objetivos que é a distribuição dos acervos selecionados anualmente às escolas, visando a proporcionar o acesso à cultura como um dos quesitos fundamentais à formação de leitores. Contudo, não é apenas a distribuição que vai garantir essa formação.

Que os alunos gostam de ler e estão minimamente dispostos a realizar os mais diversos tipos de leitura, parece que não temos o que discutir. Entretanto,

assim como foi constatada na avaliação diagnóstica realizada pelo próprio MEC[57], não é apenas a distribuição dos acervos nas escolas que interfere na formação dos jovens como leitores, mas também todo o trabalho que é, ou deveria ser, realizado posteriormente com esses acervos nas escolas. Para garantir efetivamente tal formação, novas ações necessitam ser estabelecidas como, por exemplo, a preparação e a formação dos profissionais que atuam diretamente com esses leitores dentro da escola e da sala de aula, sejam eles os bibliotecários, os auxiliares e/ou os professores, no sentido de contribuir para o estabelecimento de novas práticas de leitura a serem desenvolvidas nesse ambiente.

Essa primeira aproximação foi importante no sentido de verificarmos o que tem acontecido com os livros do Programa depois que são distribuídos nas bibliotecas escolares. Nem todas as nossas dúvidas foram sanadas com essa pesquisa, mas muito aguçadas. Observamos que os livros selecionados pelo PNBE poderiam ser lidos em maior quantidade se os professores conhecessem melhor a seu respeito, principalmente sobre os seus objetivos, atuando de fato como mediadores dessas leituras. Nesse sentido, questionamos: por que não há uma maior divulgação do Programa nas escolas e demais meios de comunicação com a rede escolar? O que é possível fazer para dar maior visibilidade aos seus objetivos dentro desse ambiente? De que maneira os professores pretendem formar seus alunos como leitores? Que tipo de literatura eles levam para a sala de aula? Não seria possível fazer um trabalho em conjunto com o PNBE? Tais questionamentos nos mostram que ainda há muito o que pesquisar em torno da formação de leitores na escola e o quanto é necessário aprofundarmos esse tipo de pesquisa.

[57] O MEC, por intermédio da Secretaria de Educação Básica (SEB), realizou uma pesquisa avaliativa do PNBE intitulada “Avaliação Diagnóstica do Programa Nacional Biblioteca da Escola”, que se encontra disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/livro_mec_final_baixa.pdf>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dizer que nosso percurso foi fácil, não é possível. Acreditamos que somente quem pesquisa consegue sentir todas as angústias e aflições que surgem no decorrer do processo. Dizer que foi um bicho de sete cabeças também não é necessário. Não encontramos todos os resultados que gostaríamos de ter encontrado, mas tivemos resultados. Toda a pesquisa foi proveitosa de uma maneira ou de outra.

Nosso contato com os profissionais atuantes nas bibliotecas escolares ampliou o nosso olhar para este espaço. Contribuiu para que enxergássemos elementos a que não tínhamos acesso com um olhar de fora. O face a face com os alunos nos permitiu ver o brilho no olhar de cada um ao falar de suas leituras. Não gostam de ler? Que não gostam o quê!

Nessas considerações finais procuraremos explicitar o que de melhor encontramos em nossa trajetória de investigação. Não iremos expor somente os pontos positivos, não é isso, mas pretendemos delimitar aqui o que mais nos chamou a atenção e nos fez crescer enquanto educadoras, pesquisadoras e enquanto ser humano que somos.

O acesso à cultura, à informação e à formação do hábito da leitura nos alunos, professores e na população são os principais objetivos do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Este busca atingir seus propósitos por meio da distribuição de acervos com obras de literatura infantil e juvenil, obras de referência, como enciclopédias e dicionários, e obras de apoio à formação de professores para as escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública devidamente cadastradas no Censo Escolar. Considerando os objetivos do PNBE e a nossa vontade de verificar como estaria se dando a formação de leitores por meio dos acervos distribuídos nas escolas, estabelecemos como nosso foco a Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, principalmente as escolas que atendiam do 6º ao 9º ano (ou 5ª a 8ª série) do Ensino Fundamental, e procuramos abranger sua totalidade.

Nossa pesquisa foi estruturada por meio de dois instrumentos de coleta de dados que nos possibilitaram análises mais detidas acerca das questões que nos propusemos. Com a aplicação do formulário aos profissionais que atuavam nas bibliotecas escolares, tivemos resultados positivos no que diz respeito à chegada e disponibilização dos acervos nas escolas. Voltando na tabela 2 conseguimos observar o número de escolas que atendem a cada ano/série do segundo segmento do Ensino Fundamental e retomando o gráfico 7 é possível verificar que, das 154 escolas que declararam atender aos alunos desse segmento, 88% haviam recebido os acervos do PNBE/2006, 6% das escolas afirmaram que ainda não haviam recebido e outros 6% não souberam informar. Quanto à quantidade de acervos, 43% alegaram ter recebido os três acervos disponíveis, enquanto 13% e 17% receberam dois e um acervos respectivamente. 27% dos entrevistados afirmaram ter recebido os acervos do PNBE, mas não sabiam afirmar com certeza quantos livros haviam chegado nas escolas. Além disso, praticamente todas as escolas que haviam recebido os acervos já haviam disponibilizado os títulos para os alunos, com exceção de duas que ainda estavam retirando os livros das caixas para o devido registro. Esses dados nos permitem concluir que em relação ao quesito acesso o PNBE vem cumprindo de maneira adequada o seu objetivo.

Já no que diz respeito à ciência dos profissionais em relação ao Programa, 78% dos entrevistados afirmaram conhecê-lo. Entretanto, quando questionamos sobre a forma de conhecimento, constatamos que ele era apenas

superficial, ou seja, os auxiliares não tinham sequer uma noção a respeito dos objetivos envolvidos no processo de distribuição dos acervos para as escolas. A maioria alegou conhecer o Programa através dos livros que chegavam nas escolas e, pior, alguns o reconheciam não pelo nome “Programa Nacional Biblioteca da Escola”, mas pelo selo do FNDE que constava nas caixas onde os livros eram entregues. Esse dado nos leva a refletir sobre a forma como o Programa vem sendo divulgado ao longo dos anos, uma vez que em 2002 o TCU já havia levantado a questão de que essa divulgação precisava ser aprimorada. Acreditamos que novas ações nesse sentido são de grande importância para que o Programa possa ser melhor aproveitado por aqueles a quem visa a atender.

Com a ausência de informações mais específicas e esclarecimentos suficientes em relação ao Programa, constatamos não haver nenhum tipo de uso realizado especificamente com os acervos nem na biblioteca, pelas auxiliares, e menos ainda na sala de aula, pelos professores. De acordo com os depoimentos das auxiliares, na grande maioria das escolas, os docentes sequer sabiam da existência desses acervos. A única atividade citada pelas auxiliares dizia respeito à exposição dos “livros novos” que chegavam na biblioteca para que os alunos tomassem conhecimento. Dessa forma, tivemos a primeira resposta para um de nossos principais objetivos: identificar os possíveis usos dos acervos do PNBE/2006 por professores de língua portuguesa do Ensino Fundamental. Não existia nenhum tipo de uso!

Uma nova possibilidade então foi verificar se os alunos tinham interesse pelos livros, já que constatamos que os acervos estavam presentes na maioria das escolas e ao seu dispor. A partir do roteiro de entrevistas foi possível esclarecer outras questões que surgiram.

Como vimos em alguns estudos realizados por Zilberman (1988) e Lajolo (1996, 2001), as influências na formação de um leitor são muito importantes. Assim, uma das primeiras questões que procuramos abordar se relacionou diretamente com esse assunto. Uma vez que tivemos acesso aos resultados da segunda edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, não nos surpreendeu o fato de que grande parte dos alunos entrevistados tivesse sido influenciada pela mãe no gosto pela leitura, ou seja, dos oito entrevistados, quatro indicaram a figura materna como a grande responsável pelo fato de gostarem de ler. Na pesquisa

citada, a mãe é mencionada por 49% e o número sobe para 73% quando a pergunta é dirigida apenas às crianças. Procuramos saber de que maneira os pais, em geral, os influenciavam na leitura e o quadro 1 explicita todas as respostas obtidas. Foi possível constatar que a grande maioria dos pais considera a leitura como algo muito relevante para a formação de seus filhos nos mais diversos sentidos e, na medida do possível, esses pais são leitores de variados suportes como livros, jornais, entre outros (GRÁFICO 12).

Sendo a biblioteca um dos espaços privilegiados para o contato dos alunos com as obras de literatura procuramos analisar com que frequência esse espaço era procurado por eles e por quê. A maioria dos alunos afirmou que visitava a biblioteca diariamente e todos foram unânimes ao afirmar que o faziam por gostar da biblioteca. Ainda de acordo com eles, o diálogo estabelecido de forma amigável com a auxiliar favorecia esse contato constante com o espaço, o que comprova que o mediador exerce também um papel de extrema importância em relação ao incentivo às práticas leitoras e no acompanhamento do leitor.

Um fato que nos deixou bastante satisfeitas diz respeito à quantidade de leituras realizadas pelos jovens, visto que se encontravam no início do ano letivo, (dado que é possível observar retomando-se o gráfico13); nenhum dos alunos havia lido menos do que três livros, o que julgamos um número considerável. Esses jovens fazem suas escolhas a seu próprio modo: têm preferência por livros de aventura, mas gostam também de romances e poesias; selecionam os títulos que desejam ler de acordo com critérios que cada um estabelece como mais importantes, seja pela capa do livro ou até mesmo pelo resumo encontrado no final dele. Alguns preferem ler o livro sobre o qual já possuem referência quanto à qualidade, seja por indicação dos colegas ou por um filme a que assistiram. Confessam que nem sempre gostam do que escolhem para ler e alguns não têm receio de abandonar uma leitura no meio do caminho. São decididos. Sabem o que querem e o que não querem também!

Quanto aos acervos do PNBE/2006, a maioria ficou boquiaberta ao poder folhear a lista que continha os títulos dos livros para que fosse possível sinalizar se já haviam feito a leitura de algum deles. “Nooossa! Que tanto de livro!”; “Tem tudo isso aqui na nossa biblioteca?”; “Ai, tem um bocado aqui que só de olhar o nome dá vontade de ler!” foram algumas das frases que escutamos, o que nos

leva a crer que os alunos podem se identificar bastante com os acervos que foram e ainda são selecionados pelo Programa.

Como observamos ao voltar ao quadro 4, os alunos foram coerentes com suas preferências de leitura: Gabriela, leitora de quadrinhos, citou *Toda Mafalda* e *Dom Quixote em quadrinhos* como leituras realizadas; Vitor, leitor de aventuras e de romances, referiu-se a *A fantástica fábrica de chocolate* e *A marca de uma lágrima*. Giovana, cuja leitura favorita era a de poesias, já havia lido o livro *Antologia poética*; Luiz, o nosso mais ávido leitor (17 títulos lidos no total), foi desde *Carlos Drummond de Andrade* até o terror de *Sete ossos e uma maldição*; e assim aconteceu com cada um dos alunos entrevistados. Cada um com sua prioridade, mas todos com um só objetivo: a leitura, feita da maneira de que mais gostam. Alguns preferem ler à noite, no aconchego da cama, por encontrarem mais sossego nessa parte do dia. Outros pela manhã, momento de maior concentração.

Apesar de termos constatado que as leituras dos livros dos acervos do PNBE/2006 foram realizadas por interesses particulares (ou seja, os alunos não tinham referências acerca do Programa, não sabiam do que se tratava e nem conheciam seus objetivos), foi possível mostrar que os livros são procurados pelos alunos, com maior ou menor referência. Isto nos permite concluir os livros, de maneira geral, são bem aceitos e que, levando em consideração o perfil de leituras no qual os jovens estão inseridos, o PNBE surge como um programa efetivamente significativo.

Nossa pesquisa mostrou que, quanto ao quesito distribuição, o Programa tem sido bastante competente. O acesso está sendo proporcionado aos alunos que, de fato, têm interesse pela leitura das obras. Entretanto, ainda restam algumas arestas que precisam ser aperfeiçoadas, seja em relação à sua divulgação, à recepção pelos profissionais inseridos na escola ou à maneira mais adequada para sua utilização. Isto demonstra que esta pesquisa não acaba aqui. Aliás, nenhuma pesquisa consegue esgotar todas as suas possibilidades; pelo contrário, a partir dos questionamentos e das dúvidas que pairam no ar, muitas outras pesquisas surgirão e muitos fios dos emaranhados que restaram ainda serão puxados.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia. *Cultura letrada:* leitura e literatura. São Paulo: Unesp, 2006.

ABREU, Márcia *et al*. Anais do 12º Congresso de Leitura do Brasil (COLE) e do I Congresso de História da Leitura e do Livro no Brasil, on-line, Campinas, 1999. Disponível em <http://www.alb.com.br/anais12/12COLE_1CHLLB.pdf>.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura - a formação do leitor*: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AGUIAR, V. T. de (Coord.). *Era uma vez... na escola:* formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. Trad. Octavio Mendes Cajado. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BEDRON, Maria T. Saad. *A leitura na escola de 1º grau*: gerando o desprazer do texto? 113fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1988.

BERENBLUM, Andréa. *Por uma política de formação de leitores* / elaboração Andréa Berenblum, Jane Paiva. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRANCO, António. Da “leitura literária escolar” à “leitura escolar de/a literatura”: poder e participação. In: PAIVA, Aparecida *et al* (Org.). *Leituras literárias*: discursos transitivos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 85-110.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. Decisão 660/2002 – Plenário. Relatório de Auditoria Operacional. Programa Nacional de Biblioteca da Escola. 2002b. Disponível em <www.tcu.gov.br/>.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

CHARTIER, Anne Marie; CLESSE, Christiane; HÉRBRARD, Jean. *Ler e escrever*: entrando no mundo da escrita. Trad. Carlos Valduga. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CHARTIER, Anne Marie. Leitura escolar: entre pedagogia e sociologia. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, ANPEd, n. 0, p. 17- 52, set./dez. 1995.

___. Que leitores queremos formar com literatura infanto-juvenil? *In*: PAIVA, Aparecida *et al* (Org.). *Leituras Literárias:* discursos transitivos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 127-144.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. São Paulo: Global, 2003.

___. *Andar entre livros*: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COPES, Regina Janiaki; SAVELI, Esméria de Lourdes. Programas, Projetos e Campanhas de Incentivo à Leitura: uma visão histórica. Arquivos do 15º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), on-line, Campinas, 2005. Disponível em <www.alb.com.br/anais16/sem07pdf/sm07ss11_07.pdf >.

COSSON, Rildo. *Letramento literário:* teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Cristiane Dias Martins da. *A presença dos livros premiados para crianças em bibliotecas escolares da rede municipal de Belo Horizonte*. 57fls. Monografia (Trabalho de conclusão de curso de graduação – Pedagogia). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

COSTA, Cristiane Dias Martins da. *Literatura premiada entra na escola?* A presença dos livros premiados pela FNLIJ, na categoria criança, em bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte. 203fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CUNHA, Antonieta. Escola no livro ou livro na escola? *In*: PAULINO, Graça (Org.). *O jogo do livro infantil:* textos selecionados para formação de professores*.* Belo Horizonte: Dimensão, 1997. p. 99-106.

CUSTÓDIO, Cinara Dias. *Leitura, formação de leitores e Estado*: concepções e ações ao longo da trajetória do Ministério da Educação 1930 - 1994. 212fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes. Literatura, leitura e escola. Uma hipótese de trabalho para a construção do leitor cosmopolita. *In*: PAIVA, Aparecida *et al* (Org.). *Leituras literárias*: discursos transitivos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 71-84.

DUARTE, João Ferreira, s.v. “Cânone”, E-Dicionário de Termos Literários, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/edtl>. Acesso em: maio de 2008.

EVANGELISTA, Aracy *et al* (Org.). *A escolarização da leitura literária*: O Jogo do livro Infantil e Juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura de textos na escola. *In*: ___ (Org.). *O texto na sala de aula*: leitura & produção. 2. ed. São Paulo: ASSOESTE, 1984. p. 77-88.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. *Anjos sobre a cidade*: a criança de favela em seu mundo de cultura. 259fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1990.

GRIJÓ, Andréia Antolini. Quem conta um conto aumenta um ponto? Adaptações e literatura para jovens leitores. *In*: PAIVA, Aparecida *et al* (Org.). *Literatura*: saberes em movimento. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 95-107.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil:* sua história. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1985.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola.* Porto Alegre: Globo, 1982.

___. *O que é literatura?* 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

___. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

___. *Literatura*: leitores & leitura*.* São Paulo: Moderna, 2001.

___. *Descobrindo a literatura*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira:* história e histórias. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

MACHADO, Maria Zélia Versiani. *A literatura e suas apropriações por leitores jovens*. 253fls. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MAGNANI, Maria do Rosário M. *Leitura, literatura e escola*: sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARQUES, Moama Lorena de Lacerda. *Literatura em minha casa*: uma história sobre literatura, leitura e leitores. 158fls. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

MONTUANI, Daniela Freitas Brito. *O PNBE 2005 na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte*: uma discussão sobre os possíveis impactos da política de distribuição de livros de literatura na formação de leitores. 162fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MORAIS, Elaine Maria da Cunha. *Impasses e possibilidades da atuação dos profissionais das bibliotecas da Rede Municipal de Belo Horizonte*. 185fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PADOIN, Leonor Luzia Largura. *"Literatura em minha casa"*: uma análise dos romances e novelas sugeridos pelo programa. 104fls. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Centro de Ciências da Educação – CCE/FAED da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

PAIVA, Aparecida *et al* (Org.). *No fim do século*: a diversidade. O Jogo do Livro Infantil e Juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PAIVA, Aparecida *et al* (Org.). *Literatura e letramento:* espaços, suportes e interfaces. O Jogo do Livro. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PAIVA, Aparecida *et al* (Org.). *Democratizando a leitura:* pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PAIVA, Aparecida *et al* (Org.). *Leituras literárias:* discursos transitivos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PAIVA, Aparecida; et al (Org.). *Literatura* – saberes em movimento*.* Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PAULINO, Graça (Org.). *O jogo do livro infantil:* textos selecionados para formação de professores. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.

PAULINO, Graça. *Letramento literário*: cânones estéticos e cânones escolares. Caxambu: ANPED, 1998. (Anais em CD ROM)

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. *Leitura literária*: a mediação escolar. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

PEREIRA, Andréa Kluge. Biblioteca na escola / elaboração Andréa Kluge Pereira. Brasília: MEC/SEB, 2006.

RIBEIRO, Vera Masagão. *Letramento no Brasil*: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003.

RIBEIRO, Vera Masagão. Sim, os jovens leem. *Revista LeituraS*, Brasília, p. 34-37, 2006.

RODRIGUES, Paula Cristina de Almeida*. A literatura no livro didático de língua portuguesa*: a escolarização da leitura literária. 237fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. Políticas de promoção da leitura. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão (Org). *Letramento no Brasil*: reflexões a partir do INAF. 2. ed. São Paulo. Global, 2004. p. 65-85.

SILVA, Mariana Costa Lopes da. Jovens leitores e suas escolhas de leitura: dois estudos. Arquivos do 15º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), on-line, Campinas, 2005. Disponível em <http://www.alb.com.br/anais15/Sem09/marianasilva.htm>.

SILVA, Santuza Amorim. *Práticas e possibilidades de leitura na escola*. 208fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes*: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915 – 1954. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOARES, Isabel Cristina Gomes. *Programas Nacionais de Leitura no Brasil*: o PROLER e o PRÓ-LEITURA. 242fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a.

___. A escolarização da leitura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, Aracy *et al* (Org.). *A escolarização da leitura literária*: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 17-48.

___. Letramento e escolarização. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão (Org). *Letramento no Brasil*: reflexões a partir do INAF. 2. ed. São Paulo. Global, 2004b. p. 89-113.

VELOSO, Geisa Magela. *Representações de leitura*: prazer e funcionalidade na leitura literária. 218fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Literatura e escola: antilições. *In*: EVANGELISTA, Aracy et al (Org.). *A escolarização da leitura literária*: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 49-85.

YUNES, Eliana. *Para entender a proposta do PROLER.* Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1994.

ZILBERMAN, Regina *et al* (Orgs.). *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil e ensino*. São Paulo: Cortez, 1990.

___. *A leitura e o ensino da literatura*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991. (Contexto Jovem)

___. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

ANEXO 1



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
Conhecimento e Inclusão Social
Faculdade de Educação da UFMG

Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem

1 Dados da escola/ da biblioteca

Nome da escola: _____
Endereço:_____
Telefone:_____
1.1 A escola atende:
( ) Educação Infantil ( ) Ensino Fundamental 1° e 2° ciclos ( ) EJA ____
( ) Ensino Médio ( ) Ensino Fundamental 3° ciclo

1.2 As quais turnos atende:
( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite

1.3 A escola possui biblioteca:
( ) Sim ( ) Não

1.4 Horário de funcionamento da biblioteca _____
Obs: As pesquisadoras devem, em momento posterior, fazer uma breve descrição do espaço da biblioteca (tamanho, equipamentos, acervo, sistema de catalogação, organização dos livros e, se possível, fotografar o espaço).

2 - Dados pessoais dos entrevistados

2.1 Nome_____
E-mail_____Telefone_____

2.2 Formação:
( ) Ensino Médio_____ ( ) Graduação_____
( ) Especialização_____ ( ) Pós-graduação_____
( ) Curso em andamento ( ) Concluído

2.3 Cargo que ocupa na biblioteca:
Manhã ( )Bibliotecário(a) ( )Aux. de biblioteca ( ) Professor(a) ( ) Estagiário(a)
Tarde ( )Bibliotecário(a) ( )Aux. de biblioteca ( ) Professor(a) ( ) Estagiário(a)
Noite ( )Bibliotecário(a) ( )Aux. de biblioteca ( ) Professor(a) ( ) Estagiário(a)

2.4 Forma de ingresso no cargo:
( ) Concurso público ( ) Laudo médico ( ) Outros_____

2.5 Há quanto tempo está na biblioteca?_____
2.6 Qual o bibliotecário responsável por essa biblioteca?
Nome_____Telefone:_____

2.6.1 Qual a participação do bibliotecário junto aos responsáveis pela a biblioteca?

_____
_____
_____

2.6 A PBH oferece ou já ofereceu algum tipo de capacitação para os profissionais que atuam na biblioteca? Você participou de alguma dessas capacitações?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não soube informar

Citar_____
_____
_____
_____

2.6.1 Você já participou de outras capacitações que não foram oferecidas pela PBH?

( ) Sim ( ) Não

Citar_____
_____

Obs: As pesquisadoras devem priorizar o contato com os auxiliares de biblioteca, tendo em vista a pesquisa da mestranda Elaine.

2.7 Sua escola possui projeto político pedagógico?

( ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes ( ) Não soube informar

Em caso afirmativo, você participou de sua elaboração?

_____
_____

3 Dados de composição e uso do acervo

3.1 Conte-nos o que você sabe sobre a aquisição de livros para a biblioteca. Por exemplo: a escola possui recurso próprio para a compra? Quem se encarrega da tarefa e escolher e/ou comprar os livros que compõem o acervo da biblioteca? Que critérios de escolha são utilizados? Gostaria de acrescentar alguma informação sobre esse processo de constituição do acervo?

_____
_____
_____
_____
_____

Sobre a FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil)

3.2 Você conhece a FNLIJ e se tem conhecimento de sua premiação anual.

( ) Sim ( ) Não ( ) Não soube informar

Em caso afirmativo, como tomou conhecimento?

_____
_____
_____

3.2.1 A lista da FNLIJ teve alguma influência na participação da escolha dos acervos?

( ) Sim ( )Não ( ) Não soube informar

3.2.1 Apresentar a lista dos livros premiados, na categoria criança, pela FNLIJ, (Anexo 1), solicitando identificação de quais deles a escola possui e a quantidade. Auxiliar, se for o caso, nessa coleta de dados.

3.2.2 Você saberia informar quais dos livros desta lista, existentes na escola, são mais lidos ou esquecidos pelas crianças? _____
_____
_____

3.2.3 Por que estes livros são mais lidos? Alguém indica ou são escolhas espontâneas?
_____
_____
_____

3.2.4 Independente da lista apresentada, quais livros são mais escolhidos pelas crianças?
_____
_____
_____
_____

3.2.5 Existe algum trabalho realizado pelos professores e/ou profissionais que atuam na biblioteca com os livros premiados na categoria criança pela FNLIJ?
_____
_____
_____
_____

Sobre o PNBE (Programa Nacional de Biblioteca da Escola do MEC)

3.3 Você conhece o Programa e tem informações gerais sobre sua presença na biblioteca em que atua.

( ) Sim ( ) Não ( ) Não soube informar

Em caso afirmativo, como tomou conhecimento? _____
_____
_____
_____

3.3.1 Os livros das duas últimas edições do Programa (PNBE/2005 e PNBE/2006), chegaram à escola?

- 1º e 2º ciclos (PNBE/2005) ( )Sim ( ) Não ( ) Não soube informar

OBS.:_____
_____

- 2º e 3º ciclos (PNBE/2006) ( )Sim ( ) Não ( ) Não soube informar

OBS.:_____
_____

Obs. Dependendo da resposta, as pesquisadoras deverão identificar, na escola, o profissional que possua essas informações e as que se seguem.

3.3.2 Quais os acervos escolhidos? Quantos acervos a escola pôde escolher? Os acervos escolhidos chegaram efetivamente ou vieram outros? Onde os acervos foram colocados?

- 1º e 2º ciclos _____

_____
_____
_____

- 2º e 3º ciclos _____

_____

_____

3.3.3 Qual ou quais profissionais da escola se responsabilizaram pelas escolhas? (Se possível perguntar ao profissional que se responsabilizou pela escolha dos acervos do PNBE/2005 e do PNBE/2006. Quais foram os critérios para a realização dessa escolha?).

_____

_____

_____

3.4 Existe algum trabalho realizado pelos professores e/ou profissionais que atuam na biblioteca com os livros recebidos pelo PNBE?

_____

_____

_____

3.5 Você saberia indicar nome ou nomes de professores que atuam de 5ª a 8ª séries (2º e 3º ciclos) e desenvolvem um trabalho mais intenso com a literatura?

_____

_____

4 - Mediações de Leitura no espaço da biblioteca escolar

4.1 Quais as principais atividades desenvolvidas com os alunos na biblioteca escolar? Quem as desenvolve?

_____

_____

_____

Obs.: As pesquisadoras devem ficar atentas para identificar atividades de mediação de leitura, tendo em vista a pesquisa realizada pela Elaine.

4.2 Você poderia relatar alguma experiência significativa de leitura literária que tenha ocorrido na escola? (em especial, na biblioteca)

_____

_____

_____

4.3 Você ou algum profissional da biblioteca já participou ou participa de projeto integrado com outros professores da escola? Poderia citar algum? _____

_____

_____

4.4 Você gostaria de acrescentar mais alguma informação que considere importante?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

5 Dados da pesquisadora
Nome: _____
Telefone: _____
Data da entrevista:_____/_____/_____ Turno: _____

Identifique se a escola possui algum dos livros abaixo e a quantidade de exemplares:

1	ABC doido	( )	18	Eu e minha luneta	( )	35	O pega-pega. Col.: Gato e Rato	( )
2	A bolsa amarela	( )	19	Felpo e Filva	( )	36	O que os olhos não vêem.	( )
3	Abrindo caminho	( )	20	Fiz voar o meu chapéu	( )	37	O problema de Clóvis.	( )
4	A cristaleira	( )	21	Indo não sei aonde buscar não sei o quê.	( )	38	O Rei de Quase Tudo.	( )
5	A mãe da mãe da minha mãe	( )	22	João por um fio.	( )	39	Os bichos que tive	( )
6	Angélica	( )	23	Ludi na revolta da vacina	( )	40	O segredo da chuva	( )
7	A princesinha medrosa	( )	24	Mania de explicação.	( )	41	Pedro	( )
8	Asa de papel	( )	25	Menina Nina.	( )	42	Pedro e a Lua	( )
9	As viagens de Raoni	( )	26	Meninos do mangue.	( )	43	Procura-se Lobo	( )
10	Até passarinho passa	( )	27	Menino do rio doce.	( )	44	Raul da ferrugem azul	( )
11	Cacoete	( )	28	Minhas memórias de Lobato	( )	45	Sete histórias para sacudir o esqueleto	( )
12	Chamuscou, não queimou. Coleção Assim é se lhe parece	( )	29	Murucututu a coruja grande da noite	( )	46	Sua alteza a Divinha	( )
13	Chica e João	( )	30	O curumim que virou gigante	( )	47	Uma ilha lá longe	( )
14	De carta em carta	( )	31	O dono da verdade.	( )	48	Uni duni e te.	( )
15	De morte!	( )	32	O menino de olho d'água	( )	49	Uxa, ora fada, ora bruxa.	( )
16	Dez sacizinhos	( )	33	O menino e o cachorro.	( )			
17	É isso ali	( )	34	O menino marrom.	( )			

ANEXO 2

Acervo 1

	TÍTULO	AUTOR	EDITORA
1	50 poemas escolhidos pelo autor	Manuel Bandeira	Cosac&Naify edições LTDA
2	A caravana da ilusão	Alcione Araújo	Editora RCB LTDA
3	A fantástica fábrica de chocolate	Roald Dahl	Martins Fontes
4	A linha do Mário Vale	Mário Ricardo Reis do Vale	RHJ livros LTDA
5	A madona de cedro	Antonio Callado	Códice comércio, distribuição e casa editorial LTDA
6	A marca de uma lágrima	Pedro Bandeira de Luna Filho	Editora Moderna LTDA
7	A menina de cabelo Azul	Ivana Versiani Galery	RHJ livros LTDA
8	A metamorfose	Peter Kuper	Conrad Editora do Brasil LTDA
9	Ana Z., aonde vai você?	Marina Colasanti	Editora Ática S/A
10	Antes que o mundo acabe	Marcelo Carneiro da Cunha	Editora Projeto LTDA
11	Antologia de crônicas	Herberto Sales	Ediouro publicações de lazer e cultura LTDA
12	Antologia poética		Editora Nova Fronteira SA
13	A outra face	Deborah Ellis	Editora Ática S/A
14	As coisas	Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho	Editora Iluminuras LTDA
15	As mil e uma noites	Ferreira Gullar	Revan LTDA
16	Auto da Compadecida	Ariano Vilar Suassuna	Agir
17	Caderno de viagens	Vários	Editora Dimensão LTDA
18	Café Van Gogh	Vários	Editora José Olympio LTDA
19	Chuva e outros contos	Luiz Junqueira Vilela	Editora do Brasil SA

20	Contos de aprendiz	Carlos Drummond de Andrade	Editora RCB LTDA
21	Contos de encantos, seduções e outros quebrantos		Editora Bertrand Brasil LTDA
22	De primeira viagem	Vários	Editora Schwarcz LTDA
23	Diário do outro	Ronald Claver Camargo	Saraiva SA livreiros editores
24	Dinheiro do Céu	Edmundo Donato	Editora Gaia LTDA
25	Eu, Robo	Isaac Asimov	Ediouro publicações SA
26	Fábulas do amor distante	Marco Túlio Costa	Editora RCB LTDA
27	Feliz Ano Velho	Marcelo Rubens Paiva	Siciliano SA
28	Grogue	Antonio de Pádua Brandão	AMPUB Comercial LTDA
29	Histórias Africanas para contar e recontar	Rogério Andrade Barbosa	Editora do Brasil SA
30	Isaac Newton e sua maçã	Kjartan Poskitt,Philip Reeve,Luiz Eduardo de Lima Brandão	Editora Schwarcz LTDA
31	João Ternura	Aníbal Machado,Folio Design	Editora José Olympio LTDA
32	Lampião ...era o cavalo do tempo atrás da besta da vida	Antônio Clévisson Viana Lima	Editora Hedra LTDA
33	Leite do peito	Geni Guimarães	Mazza edições LTDA
34	Manual das Desculpas Esfarrapadas	Leonardo Antunes Cunha	Editora FTD SA
35	Mateus	Nelson Alves da Cruz	Editora Scipione S/A
36	Me escreva tão logo possa - Antologia da Carta no Brasil	Marcos Antonio de Moraes	Editora Moderna LTDA
37	Memórias inventadas - A segunda infância	Vários	Editora Planeta do Brasil LTDA
38	Nariz de Vidro	Elena Quintana de Oliveira	Editora Moderna LTDA
39	Nova antologia poética	Vinicius de Moraes,Antônio Cícero,Eucanaã de Nazareno Ferraz	Editora Schwarcz LTDA
40	Novas seletas - João Cabral de Melo Neto	João Cabral de Melo Neto	Editora Nova Fronteira SA
41	O Amor Está com Pressa	Jorge Miguel Marinho	Melhoramentos de São Paulo livrarias LTDA

42	O arqueólogo do futuro	Maria Nazareth Alvim de Barros	Editora Planeta do Brasil LTDA
43	O Caçador de Lobisomem Ou O Estranho Caso do Cussarruim da Vila do Passavento	Joel Rufino dos Santos	Salamandra editorial LTDA
44	O carnaval dos animais	Moacyr Scliar	Ediouro publicações de lazer e cultura LTDA
45	O carrasco que era santo: a mais bela história de Tia Bilu	Josué Montello	Códice comércio, distribuição e casa editorial LTDA
46	O caso do filho do encadernador	Edmundo Donato	Saraiva SA livreiros editores
47	O cavaleiro do sonho - As aventuras e desventuras de Dom Quixote de la Mancha	Ana Maria Martins Machado	Editora Mercuryo LTDA
48	O Diario de Nina	Nina Lugoviskaia	Ediouro publicações SA
49	O diário de Zlata	Zlata Filipovic,Antonio de Macedo Soares Guimarães,Heloisa Beatriz Goulart Jahn	Editora Schwarcz LTDA
50	O dragão de Wawel e outras lendas polonesas	Anna Klacewicz, Letícia Wierzchowski Gomes	Distrrecord de Servde Imprensa SA
51	O Homem do Princípio ao Fim	Millôr Fernandes	Newtec editores LTDA
52	O Imaginário Cotidiano	Moacyr J. Scliar	Editora Gaia LTDA
53	O jovem JK	Roniwalter Jatobá	Editora Nova Alexandria LTDA
54	O longo adeus	Raymond Chandler	Newtec editores LTDA
55	O Menino Da Lua	Ziraldo Alves Pinto	Editora Melhoramentos LTDA
56	O MEU AMIGO PINTOR	Lygia Bojunga Nunes	Editora Casa Lygia Bojunga
57	O mistério do caderninho preto	Ruth Machado Lousada Rocha	Editora Ática S/A
58	O negro em Versos - Antologia da poesia negra brasileira	Luiz Carlos dos Santos,Ulisses Tavares,Maria da Betania Dias Galas	Editora Moderna LTDA
59	O nome do jogo	Will Eisner	Devir livraria LTDA
60	O pintor que pintou o sete	Fernando Sabino,Carlos Scliar	Berlendis & Vertecchia
61	Os 100 Melhores Contos de Humor	Flávio Alves Moreira da Costa	Ediouro publicações de passatempos e multimídia LTDA
62	Outroso - Um outro mundo	Ana Maria Martins Machado,Graciela Silvia Mantes	Salamandra editorial LTDA

63	Pagú	Lia Zatz, Camila de Arruda Mesquita	Instituto Callis
64	Patativa do Assaré Antologia Poética	Antonio Gonçalves da Silva	Fundação Demócrito Rocha
65	Pêra, uva ou maçã?	Roseana Murray	Editora Scipione S/A
66	Perdendo Perninhas	Ana Cristina Araújo Ayer de Oliveira	Editora Hedra LTDA
67	Pigmaleão	George Bernard Shaw	Newtec editores LTDA
68	Poesia marginal	Francisco Soares Alvim Neto,Paulo Leminski,Ricardo de Carvalho Duarte,Antonio Carlos de Brito,Ana Cristina Cesar	Editora Ática S/A
69	Quatro historias de ladroes e outras cronicas.	Paulo Mendes Campos	Agir
70	Sangue Fresco	João Carlos Marinho	Global editora e distribuidora LTDA
71	Santô e os pais da aviação	João Spacca de Oliveira,João Spacca de Oliveira	Editora Schwarcz LTDA
72	Sikulume e outros contos africanos	Júlio Emílio Braz	Pallas editora e distribuidora LTDA
73	Uns & outros poemas 1985-2005	Rodolfo Witzig Guttilla	Landy livraria, editora e distribuidora LTDA
74	Venha ver o por-do-sol e outros contos	Lygia Fagundes Telles	Editora Ática S/A
75	Xixi na cama	Robson Alves de Araújo e Antônio César Drummond Amorim	Editora Dimensão LTDA

Acervo 2

	TÍTULO	AUTORES	EDITORA
1	23 Histórias de um Viajante	Marina Colasanti	Global editora e distribuidora LTDA
2	A bruxa de abril e outros contos	Ray Bradbury	Edições SM LTDA
3	A casa dos Braga	Rubem Braga	Editora RCB LTDA
4	A crônicas de Nárnia - volume único	C.S. Lewis	Martins Fontes
5	A Incrível e Fascinante História do Capitão Mouro	Georges Latif Bourdoukan	Luna editorial LTDA

6	A revolução dos bichos	George Orwell	Editora Globo SA
7	A Turma do Pererê - As gentilezas	Ziraldo Alves Pinto	Salamandra editorial LTDA
8	Alexandre e outros heróis	Graciliano Ramos	Editora RCB LTDA
9	Ana e Pedro: Cartas	Vivina de Assis Viana Mansur,Ronald Claver Camargo	Livraria e papelaria Saraiva SA
10	Aquarelas do Brasil	Flávio Alves Moreira da Costa	Ediouro publicações de passatempos e multimídia LTDA
11	As 100 melhores histórias da mitologia	Carmen Seganfredo,A. S. Franchini	Newtec editores LTDA
12	As melhores histórias das mil e uma noites	Carlos Heitor Cony	Ediouro publicações de lazer e cultura LTDA
13	As pedras não morrem	Hélio Brasil Correa da Silva	Bom texto editora e produtora de arte LTDA
14	Bumba na farra do boi	Gilberto Braga de Melo	Bagaço design LTDA
15	Cânticos	Cecília Meireles	Editora Moderna LTDA
16	Carlos Drummond de Andrade	Carlos Manuel Graña Drummond,Pedro Augusto Graña Drummond,Luis Mauricio Graña Drummond,Maria Antonieta Antunes Cunha	Editora Moderna LTDA
17	Classificados poéticos	Roseana Murray	Companhia editora Nacional
18	Comandante Hussi	Jorge Manuel Soares Araújo (Jorge Araújo),Pedro Manuel Fonseca de Sousa Pereira	34 LTDA
19	Comédias para se Ler na Escola - Edição Especial para Crianças	Luis Fernando Verissimo,Ana Maria Machado	Editora Objetiva LTDA
20	Contos de espanto e alumbramento	Ricardo José Duff Azevedo	Editora Scipione S/A
21	Contos e lendas do Peru	Antonieta Dias de Morais	Martins Fontes
22	Crônicas de São Paulo - Um olhar indígena	Camila de Arruda Mesquita, Daniel Monteiro Costa	Callis
23	Demian	Hermann Hesse, Ivo Barroso	Distrrecord de Servde Imprensa SA
24	Depois daquela viagem	Valéria Piassa Polizzi	Editora Ática S/A
25	Desorientais	Alice Ruiz Schneronk	Editora Iluminuras LTDA

26	Doidinho	Ricardo Redisch,José Lins do Rego	Editora José Olympio LTDA
27	Dom Quixote em quadrinhos	Antonio Carlos Tironi Galhardo	Editora Fundação Peirópolis LTDA
28	Dduda 3, a ressurreição	Marcelo Carneiro da Cunha	Editora Projeto LTDA
29	Elenco de cronistas modernos	Vários	Editora José Olympio LTDA
30	Enigma na Capela Real	Ana Cristina Massa	Editora Biruta LTDA
31	Entre Deuses e monstros	Lia Fonseca de Carvalho Neiva	Códice comércio, distribuição e casa editorial LTDA
32	Espelho mágico	Mario de Miranda Quintana	Editora Globo SA
33	Esta força estranha	Ana Maria Martins Machado	Livraria e papelaria Saraiva SA
34	Feira de versos: poesia de cordel	Leandro Gomes de Barros,João Melquíades F. da Silva,Patativa do Assaré	Editora Ática S/A
35	Histórias de mistério	Lygia Fagundes Telles	Editora Rocco LTDA
36	Inverno na Manhã	Janina Bauman	Jorge Zahar editor LTDA
37	Irakisu, o menino criador	Rene Kithaulu	Editora Fundação Peirópolis LTDA
38	Lendas Negras	José Salmo Dansa de Alencar,Júlio Emílio Braz	Editora FTD SA
39	Lobo Negro	Antoine Guilloppé	Editora Melhoramentos LTDA
40	Martini Seco	Fernando Tavares Sabino	Editora Ática S/A
41	Meus poemas preferidos	Manoel Bandeira	Ediouro publicações SA
42	Meus rios	Angela Leite de Castilho Souza	Livraria e papelaria Saraiva SA
43	Moby Dick	Herman Melville,Fernando Nuno Rodrigues	DCL Difusão Cultural do Livro LTDA
44	Monteiro Lobato - um brasileiro sob medida	Marisa Philbert Lajolo	Salamandra editorial LTDA
45	Na prisão	Kazuichi Hanawa	Conrad Editora do Brasil LTDA
46	Níquel Náusea - Nem tudo que balança cai	Fernando Gonsales	Devir livraria LTDA
47	No caminho dos sonhos	Moacyr Jaime Scliar	Editora Ática S/A
48	No meio da noite escura tem um pé de maravilha!	Ricardo José Duff Azevedo	Editora Ática S/A

49	Nós três	Lygia Bojunga Nunes	Editora Casa Lygia Bojunga
50	Ó abre alas	Maria Adelaide Amaral - A. Araújo produções artísticas	Editora RCB LTDA
51	O casamento suspeitoso	Ariano Suassuna, Isabella Vicente Perrota	Editora José Olympio LTDA
52	O Gênio do Crime	João Carlos Marinho	Global editora e distribuidora LTDA
53	O grande labirinto	Fernando Savater	Editora Planeta do Brasil LTDA
54	O homem que só tinha certezas	Adriana Falcão	Editora Planeta do Brasil LTDA
55	O leão da noite esrtelada	Ricardo José Duff Azevedo	Livraria e papelaria Saraiva SA
56	O melhor da poesia brasileira	Vários	Editora José Olympio LTDA
57	O Negro da Chibata	Fernando de Lima Granato	Editora Objetiva LTDA
58	O olho de vidro do meu avô	Bartolomeu Campos de Queirós	Editora Moderna LTDA
59	O outro lado do tabuleiro	Eliane Egpy Ganem	Editora RCB LTDA
60	O quinze	Isabella Vicente Perrota,Hybris Design,Rachel de Queiroz	Editora José Olympio LTDA
61	O risonho cavalo do príncipe	Rachel Rocha Braga,José J. Veiga	Editora Bertrand Brasil LTDA
62	O violino cigano e outros contos de mulheres sábias	Joubert José Lancha,Regina Stela Barcelos Machado	Editora Schwarcz LTDA
63	Os assassinatos da rua Morgue e O escaravelho de ouro	Ricardo Aron Belinky de Gouveia	Editora Scipione S/A
64	Pé de guerra: memórias de uma menina na guerra da Bahia	Sonia Robatto	34 LTDA
65	Pedro Mico	Antonio Callado	Editora Nova Fronteira SA
66	Quando eu voltei, tive uma surpresa	Joel Rufino dos Santos	Editora Rocco LTDA
67	Raposa	Margaret Wild, Ron Brooks	Brinque-book
68	Rio Liberdade / Uma Aventura no Pantanal	Werner Zotz	Editora letras brasileiras LTDA
69	Rotas Fantásticas	Heloisa Braz de Oliveira Prieto	Editora FTD SA
70	Sete ossos e uma maldição	Rosa Amanda Strauz	Editora Rocco LTDA

71	Sexta-feira ou a vida selvagem	Raul Fernandes Gastão de Oliveira,Flavia Nascimento,Michel Tournier	Editora Bertrand Brasil LTDA
72	Utopia	Paulo Gabriel	Santa Clara editora produçãoo de livros LTDA
73	Vamos caçar papagaios	Cassiano Ricardo	Companhia editora Nacional
74	Vidas secas	Graciliano Ramos	Editora RCB LTDA
75	Villa-Lobos- O aprendiz de feiticeiro	José de Jesus Louzeiro	Ediouro publicações de lazer e cultura LTDA

Acervo 3

	TÍTULO	AUTORES	EDITORA
1	13 dos melhores Contos de amor	Rosa Amanda Strausz	Ediouro publicações SA
2	A cama		Editora Casa Lygia Bojunga
3	A cidade das feras	Mário Bezerra Pontes,Isabel Allende,Raul Fernandes Gastão de Oliveira	Editora Bertrand Brasil LTDA
4	A Geringonça	Gabriel de Mattos	Via lettera editora e livraria LTDA
5	A menina que fez a América	Ilka Brunhilde Laurito	Editora FTD SA
6	A Última Fábula	Liliana Laganá	Luna editorial LTDA
7	Ana Terra	Érico Veríssimo	Editora Schwarcz LTDA
8	Antologia poética	Lêdo Ivo	Ediouro publicações de passatempos e multimídia LTDA
9	Arlequim de Carnaval	Ronaldo Correia de Brito,Francisco Assis de Sousa Lima	Editora Objetiva LTDA
10	As mais belas lendas da mitologia	José Féron	Martins Fontes
11	As outras pessoas	Ivan José de Azevedo Fontes	Editora do Brasil SA
12	As palavras andantes	Eduardo Galeano	Newtec editores LTDA
13	Asterix e Cleópatra	René Goscinny, A. Uderzo	Distrrecord de Servde Imprensa SA
14	Bagagem	Adélia Prado	Editora RCB LTDA
15	Cem sonetos de amor	Pablo Neruda	Newtec editores LTDA

16	Contos de Murilo Rubião	Murilo Eugênio Rubião	DCL Difusão Cultural do Livro LTDA
17	Contos em Quadros - Pai contra mãe / O bebê de Tarlatana Rosa / Apólogo brasileiro sem véu de alegria	Vários	Musa editora LTDA
18	Contos Mínimos	Heloísa Santos de Seixas	Editora Best Seller LTDA
19	Coraline	Neil Gaiman, Regina de Barros Carvalho	Editora Rocco LTDA
20	Costura de nuvens	Adão Ventura Ferreira Reis,Sebastião Geraldo Nunes,Jaime Prado Gouvêa	Editora Dubolsinho LTDA
21	Crônica de uma morte anunciada	Remy Gorga Filho, Gabriel Garcia Márquez	Distrrecord de Servde Imprensa SA
22	Diário de Biloca	Edson Gabriel Garcia	Saraiva SA livreiros editores
23	Díficil Passagem	Francisco Gregório Filho	Santa Clara editora produção de livros LTDA
24	Dom Quixote	Leonardo do Amaral Chianca,Miguel de cervantes saavedra	DCL Difusão Cultural do Livro LTDA
25	Drácula	Leonardo do Amaral Chianca,Bram Stoker	DCL Difusão Cultural do Livro LTDA
26	Era uma vez um rio	Martha de Azevedo Pannuzio	Editora José Olympio LTDA
27	Existe outra saída, sim!	Rachel de Queiroz	Fundação Demócrito Rocha
28	Faustino	Eliane Egpy Ganem	Agir
29	Finnício Riovém	Donaldo Schuller	Lamparina editora LTDA
30	Histórias de bichos	Luiz Junqueira Vilela	Editora do Brasil SA
31	Histórias de Quadros e Leitores	Vários	Editora Moderna LTDA
32	Imágicas	Ana Raquel Máximo Pereira	Editora Lê LTDA
33	João e Maria	Taisa Azevedo Borges	Editora Fundação Peirópolis LTDA
34	José e outros	Carlos Drummond de Andrade	Editora Best Seller LTDA
35	Justino, o retirante	Odette de Barros Mott	Saraiva SA livreiros editores
36	Lendas Brasileiras para Jovens	Luís da Câmara Cascudo	Global editora e distribuidora LTDA
37	Leocádio - o leão que mandava bala	Shel Silverstein	Cosac&Naify edições LTDA
38	Luna Clara & Apolo onze	Adriana Franco de Abreu Falcão	Salamandra editorial LTDA

39	Mario Quintana	Elena Quintana de Oliveira,Márcio Vassalo de Freitas	Editora Moderna LTDA
40	Melhores Poemas de Mario Quintana	Mario Quintana	Global editora e distribuidora LTDA
41	Melhores Poemas de Paulo Leminski	Paulo Leminski	Editora Gaia LTDA
42	Meu tio matou um cara e outras histórias	Jorge Furtado	Newtec editores LTDA
43	Não-Me-Toque em Pé de Guerra	Werner Zotz	Editora Letras Brasileiras LTDA
44	O amor é um pássaro vermelho	Lucília Junqueira de Almeida Prado	Editora Planeta do Brasil LTDA
45	O aprendizado de pequena árvore	Forrest Carter, A. B. Pinheiro de Lemos	Distrrecord de Servde Imprensa SA
46	O burrinho pedrês	João Guimarães Rosa	Códice comércio, distribuição e casa editorial LTDA
47	O caçador de histórias	Ozias Glória de Oliveira	Martins Fontes
48	O Corcel negro	Rodrigo Tavares de Moraes Abreu, Walter Farley	Distrrecord de Servde Imprensa SA
49	O flautista misterioso e os ratos de Hamelin	Mario Claudio de Mendonça (Mario Bag),Braulio Tavares	34 LTDA
50	O gato do teatro	Atilio José Bari	Editora Scipione S/A
51	O grande mentecapto	Fernando Sabino	Editora Best Seller LTDA
52	O homem que contava histórias	Sônia Maria Magalhães Silva, Rosane Límoli Paim Pamplona	Brinque-book
53	O jovem Lennon	Cláudia Aimee Schilling,Jordi Sierra I fabra	Editora nova Alexandria LTDA
54	O menino Grapiúna	Jorge Amado	Editora Best Seller LTDA
55	O Mistério do Cinco Estrelas	Edmundo Donato	Global editora e distribuidora LTDA
56	O mundo é uma bola: crônicas, futebol & humor	Vários	Editora Ática S/A
57	O nariz	Luis Fernando Veríssimo	Editora Ática S/A
58	O tesouro de Chica da Silva	Antonio Callado	Códice comércio, distribuição e casa editorial LTDA
59	O Tesouro De Olinda	Rogério Andrade Barbosa	Editora Melhoramentos LTDA
60	Olhinhos de Gato	Cecília Meireles	Editora Moderna LTDA
61	Os grandes contos populares do mundo	Flávio Alves Moreira da Costa	Ediouro publicações de lazer e cultura LTDA
62	Os melhores contos	Júlio César de Mello e Souza	Editora Best Seller LTDA

63	Para Querer Bem	Bartolomeu Campos de Queirós,Manuel Bandeira	Editora Moderna LTDA
64	Pau pra toda obra	Gilmar Barbosa	Devir livraria LTDA
65	Pequena antologia dos Braga	Rubem Braga, Domício Proença Filho	Editora Best Seller LTDA
66	Poemas Rupestres	Manoel Barros	Editora Best Seller LTDA
67	Quem, eu?	José Paulo Paes	Saraiva SA livreiros editores
68	Tajá e sua gente	Raul Fernandes Gastão de Oliveira,José J. Veiga	Editora Bertrand Brasil LTDA
69	Tela plana - Crônicas de um país telemático	Léo Cunha	Editora Planeta do Brasil LTDA
70	Toda Mafalda	Quino	Martins Fontes
71	Um estranho sonho de futuro	Daniel Monteiro Costa	Editora FTD SA
72	Um garoto chamado Roberto	Gabriel o Pensador, Daniel Bueno	Cosac&Naify edições LTDA
73	Uma alegria selvagem: a vida de Santos-Dumont	Beatriz Bozano Hetzel, Graça Lima	Manati produções editoriais LTDA
74	Uma mulher vestida de sol	Ariano Vilar Suassuna, Isabella Vicente Perrota	Editora José Olympio LTDA
75	Uma vida em segredo	Waldomiro Freitas Autran Dourado	Ediouro publicações de lazer e cultura LTDA

ANEXO 3

Editoras contempladas pelo PNBE/2006

EDITORA	QUANTIDADE
34 LTDA	3
AGIR	3
AMPUB	1
BAGAÇO	1
BERLENDIS & VERTECCHIA	1
BOM TEXTO EDITORA E PRODUTORA DE ARTE LTDA	1
BRINQUE-BOOK	2
CALLIS	1
CÓDICE COMERCIO DISTRIBUIÇÃO E CASA EDITORIAL LTDA	5
COMPANHIA EDITORA NACIONAL	2
CONRAD EDITORA DO BRASIL LTDA	2
COSAC&NAIFY EDIÇÕES LTDA	3
DCL DIFUSAO CULTURAL DO LIVRO LTDA	4
DEVIR LIVRARIA LTDA	3
DISTRRECORD DE SERVDE IMPRENSA SA	6
EDIÇOES SM LTDA	1
EDIOURO PUBLICACOES DE LAZER E CULTURA LTDA	6
EDIOURO PUBLICAÇÕES DE PASSATEMPOS E MULTIMIDIA LTDA	3
EDIOURO PUBLICAÇÕES SA	3
EDITORA ATICA LTDA	12
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA	5
EDITORA BEST SELLER LTDA	7
EDITORA BIRUTA LTDA	1
EDITORA CASA LYGIA BOJUNGA	3
EDITORA DIMENSAO LTDA	2
EDITORA DO BRASIL SA	4
EDITORA DUBOLSINHO LTDA	1
EDITORA FTD SA	5
EDITORA FUNDAÇÃO PEIRÓPOLIS LTDA	3
EDITORA GAIA LTDA	3
EDITORA GLOBO SA	3
EDITORA HEDRA LTDA	2
EDITORA ILUMINURAS LTDA	2
EDITORA JOSE OLYMPIO LTDA	9
EDITORA LÊ LTDA	1
EDITORA LETRAS BRASILEIRAS LTDA	2
EDITORA MELHORAMENTOS LTDA	3
EDITORA MERCURYO LTDA	1
EDITORA MODERNA LTDA	11
EDITORA NOVA ALEXANDRIA LTDA	2
EDITORA NOVA FRONTEIRA SA	3
EDITORA OBJETIVA LTDA	3
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA	6
EDITORA PROJETO LTDA	2

EDITORA RCB LTDA	9
EDITORA ROCCO LTDA	4
EDITORA SCHWARCZ LTDA	7
EDITORA SCIPIONE LTDA	5
FUNDACAO DEMOCRITO ROCHA	2
GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA	6
INSTITUTO CALLIS	1
JORGE ZAHAR EDITOR LTDA	1
LAMPARINA EDITORA LTDA	1
LANDY LIVRARIA EDITORA E DISTR LTDA	1
LIVRARIA E PAPELARIA SARAIVA SA	4
LUNA EDITORIAL LTDA	2
MANATI PRODUÇÕES EDITORIAIS LTDA	1
MARTINS FONTES	6
MAZZA EDIÇÕES LTDA	1
MELHORAMENTOS DE SAO PAULO LIVRARIAS LTDA	1
MUSA EDITORA LTDA	1
NEWTEC EDITORES LTDA	7
PALLAS EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA	1
RENAVAN LTDA	1
RHJ LIVROS LTDA	2
SALAMANDRA EDITORIAL LTDA	5
SANTA CLARA EDITORA PRODUCAO DE LIVROS LTDA	2
SARAIVA SA LIVREIROS EDITORES	5
SICILIANO SA	1
VIA LETTERA EDITORA E LIVRARIA LTDA	1

Anexo 4 – Reprodução das cartas enviadas pelo MEC às escolas da RMBH

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

Carta-Circular Nº 004 Presidência 2007

Brasília, 06 de fevereiro 2007.

Senhor(a) Diretor(a)

1. O Ministério da Educação, por intermédio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, está remetendo a sua escola acervo literário relativo ao Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE/2006, para atendimento aos alunos de 5ª a 8ª séries ou 6º ao 9º ano, do ensino fundamental. Os livros relacionados abaixo são direcionados à biblioteca e deverão ser incorporados ao acervo bibliográfico da escola.

2. O FNDE encaminhou a sua escola, a carta nº 070/2006 de 29/12/2006 discriminando a quantidade de acervo (s) que irá receber. Orientamos que a carta seja utilizada para a conferência da quantidade do acervo(s) que seguem pelo correio.
3. Informações sobre a distribuição do PNBE/2006 estao disponíveis na Internet, no sítio do FNDE - www.fnde.gov.br, Seção “Serviços”, logo abaixo de “Destaques” selecionar opção - “Distribuição PNLD/PNBE/PNLEM” - informações ou orientações poderão ser obtidas por meio do site, ou, ainda do Serviço de Atendimento ao Cidadão - SAC, pelo telefone nº 0800 616161 - ligação gratuita.

ACERVO "A"					
Nº	Título	Nº	Título	Nº	Título
1	50 Poemas escolhidos pelo autor	26	Feliz ano velho	51	O homem do princípio ao fim
2	A caravana da ilusão	27	Grogue	52	O imaginário cotidiano
3	A fantástica fábrica de chocolate	28	Histórias africanas para contar e recontar	53	O jovem JK
4	A linha do Mário vale	29	Isaac Newton e sua maçã	54	O longo adeus
5	A madona de cedro	30	João ternura	55	O menino da lua
6	A marca de uma lágrima	31	Lampião ...era o cavalo do tempo atrás da besta da vida	56	O meu amigo pintor
7	A menina de cabelo azul	32	Leite do peito	57	O mistério do caderninho preto
8	A outra face	33	Manual das desculpas esfarrapadas	58	O negro em versos - antologia da poesia negra brasileira
9	Ana z, aonde vai você?	34	Mateus	59	O nome do jogo
10	Antes que o mundo acabe	35	Me escreva tão logo possa - antologia da carta no Brasil	60	O pintor que pintou o sete
11	Antologia de crônicas	36	Memórias inventadas - a segunda infância	61	Os 100 melhores contos de humor
12	Antologia poética	37	Metamorfose, a	62	Outroso - um outro mundo
13	As coisas	38	Nariz de Vidro	63	Pagu
14	As mil e uma noites	39	Nova antologia poética	64	Patativa do assaré antologia poética
15	Auto da Compadecida	40	Novas seletas - joão cabral de melo neto	65	Pêra, uva ou maçã?
16	Caderno de viagens	41	O amor está com pressa	66	Perdendo perninhas

17	Café van gogh	42	O aqueólogo do futuro	67	Pigmaleão
18	Chuva e outros contos	43	O caçador de lobisomem ou o estranho caso do cussarruim da vila do passavento	68	Poesia marginal
19	Contos de aprendiz	44	O carnaval dos animais	69	Quatro historias de ladroes e outras cronicas.
20	Contos de encantos, seduções e outros quebrantos	45	O Carrasco que era Santo: a mais bela história de tia bilu	70	Sangue fresco
21	De primeira viagem	46	O caso do filho do encadernador	71	Santô e os pais da aviação
22	Diário do outro	47	O cavaleiro do sonho - as aventuras e desventuras de dom Quixote de la mancha	72	Sikulume e outros contos africanos
23	Dinheiro do céu	48	O Diario de nina	73	Uns & outros poemas 1985-2005
24	Eu, robo	49	O diário de zlata	74	Venha ver o por-do-sol e outros contos
25	Fábulas do amor distante	50	O dragão de wawel e outras lendas polonesas	75	Xixi na cama
76	CD-ROM "Conhecendo o Brasil"				

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

Carta-Circular Nº 004 Presidência 2007

Brasília, 06 de fevereiro 2007.

Senhor(a) Diretor(a)

4. O Ministério da Educação, por intermédio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, está remetendo a sua escola acervo literário relativo ao Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE/2006, para atendimento aos alunos de 5ª a 8ª séries ou 6º ao 9º ano, do ensino fundamental. Os livros relacionados abaixo são direcionados à biblioteca e deverão ser incorporados ao acervo bibliográfico da escola.

5. O FNDE encaminhou a sua escola, a carta nº 070/2006 de 29/12/2006 discriminando a quantidade de acervo (s) que irá receber. Orientamos que a carta seja utilizada para a conferência da quantidade do acervo(s) que seguem pelo correio.

6. Informações sobre a distribuição do PNBE/2006 estao disponíveis na Internet, no sítio do FNDE - www.fnde.gov.br, Seção “Serviços”, logo abaixo de “Destaques” selecionar opção - “Distribuição PNLD/PNBE/PNLEM” - informações ou orientações poderão ser obtidas por meio do site, ou, ainda do Serviço de Atendimento ao Cidadão - SAC, pelo telefone nº 0800 616161 - ligação gratuita.

ACERVO “B”					
Nº	Título	Nº	Título	Nº	Título
1	Pé de guerra: memórias de uma menina na guerra da Bahia	26	No caminho dos sonhos	51	Vidas secas
2	Comandante hussi	27	Depois daquela viagem	52	Ó abre alas
3	Bumba na farra do boi	28	O risonho cavalo do príncipe	53	O outro lado do tabuleiro
4	As pedras não morrem	29	Sexta-feira ou a vida selvagem	54	A casa dos braga

5	Raposa	30	Enigma na capela real	55	Alexandre e outros heróis
6	Crônicas de são paulo - um olhar indígena	31	Nós três	56	Histórias de mistério
7	Entre deuses e monstros	32	Lendas negras	57	Quando eu voltei, tive uma surpresa
8	Classificados poéticos	33	Rotas Fantásticas	58	Sete ossos e uma maldição
9	Vamos caçar papagaios	34	Dom Quixote em quadrinhos	59	O violino cigano e outros contos de mulheres sábias
10	Na prisão	35	Irakisu, o menino criador	60	Contos de espanto e alumbramento
11	Moby Dick	36	A revolução dos bichos	61	Os assassinatos da rua morgue e o escaravelho de ouro
12	Níquel Náusea nem tudo que balança cai	37	Espelho mágico	62	23 histórias de um viajante
13	Demian	38	Desorientais	63	O gênio do crime
14	A bruxa de abril e outros contos	39	O casamento suspeitoso	64	Inverno na manhã
15	As melhores histórias das mil e uma noites	40	O melhor da poesia brasileira	65	Esta força estranha
16	Villa-lobos- o aprendiz de feiticeiro	41	Elenco de cronistas modernos	66	Ana e Pedro: cartas
17	Aquarelas do Brasil	42	Rio liberdade / uma aventura no pantanal	67	O leão da noite estrelada
18	Meus poemas preferidos	43	Lobo negro	68	Meus rios
19	Duda 3, a ressurreição	44	O olho de vidro do meu avô	69	A incrível e fascinante história do capitão mouro
20	O quinze	45	Cânticos	70	Contos e lendas do Peru
21	Doidinho	46	Carlos Drummond de Andrade	71	A crônicas de Nárnia - volume único
22	Feira de versos: poesia de cordel	47	Pedro mico	72	As 100 melhores histórias da mitologia
23	No meio da noite escura tem um pé de maravilha!	48	Comédias para se ler na escola - edição especial para crianças	73	Monteiro lobato - um brasileiro sob medida
24	Martini seco	49	O Negro da chibata	74	A turma do pererê - as gentilezas
25	O homem que só tinha certezas	50	O grande labirinto	75	Utopia
76	CD-ROM "Conhecendo o Brasil"				

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

Carta-Circular Nº 004 Presidência 2007

Brasília, 06 de fevereiro 2007.

Senhor(a) Diretor(a)

7. O Ministério da Educação, por intermédio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, está remetendo a sua escola acervo literário relativo ao Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE/2006, para atendimento aos alunos de 5ª a 8ª séries ou 6º ao 9º ano, do ensino fundamental. Os livros relacionados abaixo são direcionados à biblioteca e deverão ser incorporados ao acervo bibliográfico da escola.

8. O FNDE encaminhou a sua escola, a carta nº 070/2006 de 29/12/2006 discriminando a quantidade de acervo (s) que irá receber. Orientamos que a carta seja utilizada para a conferência da quantidade do acervo(s) que seguem pelo correio.

9. Informações sobre a distribuição do PNBE/2006 estao disponíveis na Internet, no sítio do FNDE - www.fnde.gov.br, Seção "Serviços", logo abaixo de "Destaques" selecionar opção - "Distribuição PNLD/PNBE/PNLEM" - informações ou orientações poderão ser obtidas por meio do site, ou, ainda do Serviço de Atendimento ao Cidadão - SAC, pelo telefone nº 0800 616161 - ligação gratuita.

ACERVO "C"					
Nº	Título	Nº	Título	Nº	Título
1	13 dos melhores contos de amor	26	Era uma vez um rio	51	O grande mentecapto
2	A cama	27	Existe outra saída, sim!	52	O homem que contava histórias
3	A cidade das feras	28	Faustino	53	O jovem lennon
4	A geringonça	29	Finnício riovém	54	O menino grapiúna
5	A menina que fez a américa	30	Histórias de bichos	55	O mistério do cinco estrelas
6	A última fábula	31	Histórias de quadros e leitores	56	O mundo é uma bola: crônicas, futebol & humor
7	Ana terra	32	Imágicas	57	O nariz
8	Antologia poética	33	João e maria	58	O tesouro de chica da silva
9	Arlequim de carnaval	34	José e outros	59	O tesouro de olinda
10	As mais belas lendas da mitologia	35	Justino, o retirante	60	Olhinhos de gato
11	As outras pessoas	36	Lendas brasileiras para jovens	61	Os grandes contos populares do mundo
12	As palavras andantes	37	Leocádio - o leão que mandava bala	62	Os melhores contos
13	Astarix e Cleópatra	38	Luna clara & apolo onze	63	Para querer bem
14	Bagagem	39	Mario quintana	64	Pau pra toda obra
15	Cem sonetos de amor	40	Melhores poemas de mario quintana	65	Pequena antologia do braga
16	Contos de murilo rubião	41	Melhores poemas de paulo leminski	66	Poemas rupestres
17	Contos em quadros - pai contra mãe/o bebê de tarlatana rosa/ apólogo brasileiro sem véu de alegria	42	Meu tio matou um cara e outras histórias	67	Quem, eu?
18	Contos mínimos	43	Não-me-toque em pé de guerra	68	Tajá e sua gente
19	Coraline	44	O amor é um pássaro vermelho	69	Tela plana - crônicas de um país telemático
20	Costura de nuvens	45	O aprendizado de pequena árvore	70	Toda Mafalda
21	Crônica de uma morte anunciada	46	O burrinho pedrês	71	Um estranho sonho de futuro
22	Diário de biloca	47	O caçador de histórias	72	Um garoto chamado roberto
23	Díficil passagem	48	O corcel negro	73	Uma alegria selvagem: a vida de santos-dumont
24	Dom quixote	49	O flautista misterioso e os retos de hamelin	74	Uma mulher vestida de sol
25	Drácula	50	O gato do teatro	75	Uma vida em segredo
76	CD-ROM "Conhecendo o Brasil"				

Anexo 5: Edital PNBE/2006

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA
PNBE/2006

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA INSCRIÇÃO DE OBRAS DE LITERATURA A SEREM DISTRIBUIDAS ÀS ESCOLAS PÚBLICAS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO E SELEÇÃO PARA O PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA – PNBE/2006

O Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Básica – SEB, e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, faz saber aos titulares de direito autoral que se encontram abertas as **inscrições para o processo de avaliação e seleção de obras de literatura para as séries finais do ensino fundamental**, no âmbito do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE/2006.

1. DO OBJETO

Este Edital tem por objeto a convocação de titulares de direito autoral para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras de literatura para composição de acervos voltados para leitores das séries finais do Ensino Fundamental, a serem distribuídos às escolas públicas que oferecem esse segmento de ensino.

2. DOS PRAZOS

As etapas de cadastramento de titulares de direito autoral, pré-inscrição e inscrição das obras serão realizadas nos seguintes períodos:

2.1. Cadastramento dos Titulares de Direito Autoral

- Do dia **10/02/2006** até às 23h e 59 minutos do dia **13/03/2006**.

2.2. Pré-inscrição da(s) obra(s)

- Do dia **10/02/2006** até às 23h e 59 minutos do dia **13/03/2006**.

2.3. Inscrição

- Do dia **20/03/2006** até às 23h e 59 minutos do dia **29/03/2006**.

2.3.1. Entrega da Documentação e das Obras

2.3.1.1. A entrega da documentação e das obras será efetuada no período de **20/03/2006** a **29/03/2006**, no horário das 8h às 17h.

3. DA CARACTERIZAÇÃO DAS OBRAS

3.1. Serão aceitas para participar do processo de avaliação e seleção obras de literatura voltadas para leitores das séries finais do ensino fundamental.

3.1.1. Somente serão avaliadas as obras especificadas no item 4.1.1, restando excluídas aquelas obras preponderantemente didáticas, doutrinárias, religiosas ou de referência.

3.2. Somente poderão ser inscritas obras editadas em um único volume, cuja edição esteja finalizada.

3.3. Não poderão ser inscritas obras:

3.3.1. selecionadas e adquiridas nas edições de 2001, 2002, 2003 – Literatura em minha Casa e Palavra da Gente – e 2005, do Programa Nacional Biblioteca da Escola.

3.3.2. em domínio público.

3.3.3. traduções de obras em domínio público, originalmente escritas em língua estrangeira.

4. DA COMPOSIÇÃO DOS ACERVOS

4.1. Serão formados 03 (três) acervos distintos, compostos por obras que demandem diferentes competências de leitura por parte dos alunos.

4.1.1. Cada acervo será composto por 75 (setenta e cinco) títulos, contemplando textos de:

1 - poesia;
2 - conto, crônica, teatro, texto da tradição popular;
3 – romance;
4 - memória, diário, biografia;
5 - livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal artisticamente adaptadas ao público jovem.

4.2. Serão aceitas traduções e adaptações. Os critérios de tradução e adaptação utilizados e sua adequação ao público leitor serão também avaliados, conforme consta do anexo IV deste edital.

4.3. Serão aceitas antologias, desde que se explicitem, em prefácio, o(s) critério(s) que justifique(m) a organização. Os critérios utilizados na organização e sua adequação ao público a que se destina(m) também serão objeto de avaliação.

4.4. Serão selecionadas 225 (duzentos e vinte e cinco) obras para a composição de acervos a serem distribuídos às escolas públicas que ofereçam as séries finais do ensino fundamental.

5. DOS PROCEDIMENTOS

5.1. Do Cadastramento de Titulares de Direito Autoral

Os titulares de direito autoral formalizarão seu cadastramento no PNBE/2006, por meio do endereço eletrônico www.fnde.gov.br (no campo Pré-Inscrição relativo ao PNBE).

5.1.1. Concluído o cadastramento, os interessados receberão, via *e-mail*, sua confirmação, o "login" e as senhas de acesso.

5.1.2. O acesso ao sistema de pré-inscrição se dará via "login" e senha, enviados pelo FNDE.

5.2. Da Pré-Inscrição das Obras

A Pré-inscrição é o prévio cadastramento, pelos titulares de direito autoral, de obras que atendam às disposições deste Edital, no sistema informatizado do FNDE, exclusivamente por meio da *Internet*, no endereço eletrônico citado no **subitem 5.1.** deste Edital.

5.2.1. Cada titular de direito autoral poderá inscrever, no máximo, 20 (vinte) obras.

5.2.2. O título da obra inscrita deverá estar em conformidade com o título constante na Ficha do Livro, no Contrato de Edição e na capa da obra.

5.2.3. Os titulares de direito autoral interessados em participar do *PNBE/2006* deverão manter seus dados permanentemente atualizados no FNDE, por intermédio do endereço eletrônico citado no **subitem 6.1.** deste Edital.

5.3. Da Inscrição

A inscrição deverá ser realizada pessoalmente, pelo titular de direito autoral e/ou por procurador legalmente constituído, ambos devidamente cadastrados no sistema informatizado do FNDE para fins de participação no PNBE/2006. Essa fase compreenderá a entrega da documentação e das obras.

5.3.1. Da Entrega da Documentação

Os titulares de direito autoral serão convocados pelo FNDE de acordo com o período citado no **subitem 2.3** para entrega dos seguintes documentos:

5.3.1.1. Cópia do Contrato de Edição e/ou do instrumento legal pertinente, inclusive de sub-rogação e/ou representação, que obrigam autores da obra e o titular do direito autoral entre si ou com terceiros, no(s) qual(is) deverá constar o título da obra, idêntico ao título informado no cadastramento efetuado na fase da Pré-Inscrição.

5.3.1.2. Cópia do Contrato Original, devidamente acompanhada de tradução juramentada, para as obras em língua estrangeira.

5.3.1.3. Ficha do Livro, conforme Anexo II.

5.3.2. Da Entrega das Obras

Os titulares de direito autoral que realizarem a Pré-Inscrição de obras **serão convocados pelo FNDE, em dia, horário e local previamente agendados, para** entrega dos exemplares, de acordo com o período estabelecido no **subitem 2.3.** deste Edital.

5.3.2.1. Deverão ser entregues 06 exemplares de cada obra a ser inscrita e avaliada no PNBE/2006.

5.3.2.2. Os exemplares de cada obra deverão estar embalados e identificados externamente, inclusive com a indicação do tipo de texto/gênero da obra, explicitado no subitem 4.1.1. deste Edital.

5.3.2.3. Os exemplares das obras deverão ser entregues em edição finalizada, com todos os textos, imagens, diagramação, cores e número de páginas definitivas, inclusive com acabamento e material definitivo (papel, grampo, cola, etc.), devidamente acompanhados da Ficha do Livro, conforme Anexo II. Todas as características do projeto gráfico e editorial devem ser mantidas caso a obra seja selecionada.

5.3.2.4. Os exemplares das obras inscritas no PNLD/2006 não serão devolvidos após o processo de avaliação.

5.3.3. Do Local

O local para entrega da documentação e das obras relativas ao objeto deste Edital será informado, posteriormente, pelo FNDE, aos titulares de direito autoral.

5.3.4. Da Comprovação de Inscrição

Para efeito de confirmação da inscrição, as obras e a documentação serão conferidas e emitido Comprovante de Entrega da documentação e das obras.

6. DAS ETAPAS DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO E SELEÇÃO DAS OBRAS

6.1. Da Triagem

A triagem consiste na análise das obras inscritas, de acordo com critérios estabelecidos no **Anexo I** deste Edital.

6.1.1. As obras que não atenderem às exigências contidas no **Anexo I** deste Edital serão automaticamente excluídas.

6.2. Da Pré-análise

Na etapa da pré-análise serão observados os itens 3 e 4. Serão sumariamente excluídas as obras que não atenderem o disposto nesses itens.

6.3. Da Avaliação

6.3.1. Serão avaliadas e selecionadas para compor os acervos para o PNBE/2006 225 (duzentos e vinte e cinco) obras de literatura adequadas aos alunos matriculados nas séries finais do ensino fundamental público.

6.3.2. Na avaliação das obras serão considerados os critérios estabelecidos no **Anexo IV.**

7. DOS PROCESSOS DE HABILITAÇÃO, AQUISIÇÃO, PRODUÇÃO E ENTREGA

7.1. Da Habilitação

A habilitação do titular de direito autoral será feita por Comissão Especial de Habilitação, instituída pelo FNDE, e consistirá na análise da documentação prevista na Lei nº 8.666/93 e na IN/MARE nº 05/95 e respectivas modificações posteriores, no Decreto-lei nº 3.722/01, bem como da documentação exigida no **subitem 7.1.2.**, a ser apresentada pelo titular de direito autoral, quando convocado pelo FNDE, na forma do disposto neste Edital.

7.1.1. Nessa fase deverão ser observados os seguintes procedimentos:

a) toda e qualquer documentação necessária à habilitação deverá ser apresentada, datada e assinada pelo titular de direito autoral ou por seu procurador legalmente constituído, por meio de instrumento hábil;

b) os documentos necessários à habilitação, em conformidade com o disposto no **subitem 7.1.2.**, poderão ser apresentados por qualquer processo de cópia, desde que autenticada por cartório competente ou pela Comissão Especial de Habilitação, mediante a apresentação do documento original;

c) nos casos em que o Contrato de Edição vigente não determinar o número de exemplares em quantidade suficiente para atender à aquisição a ser realizada pelo FNDE, o titular de direito autoral obrigar-se-á a celebrar instrumento específico com o autor, como, por exemplo, Adendo Contratual, Instrumento de Retificação ou Ratificação, novo Contrato de Edição etc. para a celebração das novas circunstâncias contratuais;

d) o novo instrumento, previsto na alínea anterior, deverá especificar a possibilidade da nova tiragem, ratificar as cláusulas não alteradas do Contrato de Edição original e alterar ou complementar o que for necessário, conforme a legislação que regulamenta os direitos autorais;

e) a Comissão Especial de Habilitação, no curso do processo de análise da documentação, poderá promover diligências, solicitar esclarecimentos, estabelecer exigências a serem cumpridas, tudo objetivando certificar-se da licitude, veracidade e eficácia da documentação e respectivos dados fornecidos.

f) constitui obrigação do habilitado informar ao FNDE, previamente ou imediatamente após ter ciência, a existência de qualquer discussão judicial que envolva as obras inscritas com base no presente Edital, o que será considerado pela Comissão de Habilitação.

g) constitui obrigação do habilitado informar ao FNDE, imediatamente após ter ciência, a existência de qualquer discussão judicial que envolva as obras selecionadas, o que será considerado pelo FNDE, ficando facultado o depósito dos valores envolvidos em juízo.

7.1.2. Da Documentação Exigida

Por ocasião da etapa de habilitação, o titular de direito autoral da(s) obra(s) selecionada(s) deverá apresentar ao FNDE os seguintes documentos:

7.1.2.1. Da Documentação Referente à Obra

a) Contrato de Edição – instrumento mediante o qual o editor obriga-se a reproduzir, divulgar e comercializar as obras, ficando autorizado, em caráter de exclusividade, a publicá-la e explorá-la, pelo prazo e nas condições pactuadas com o autor, com base no que preceitua a legislação que rege a matéria, em especial as Leis nº 9.610/98 e nº 5.988/73.

b) Adendo ao Contrato de Edição – instrumento legal que possibilite a produção da obra com as características e tiragens necessárias para atender o PNBE/2006, caso não esteja previsto no contrato original.

c) Declaração de Vigência – nos casos de contratos com prazo de vigência indeterminado, ou não expresso, deverá ser apresentada, sob as penas da lei, declaração complementar com firmas reconhecidas em cartório, na qual os titulares do direito autoral declarem que o Contrato de Edição apresentado encontra-se em plena vigência. Nos casos de contratos com previsão de renovação automática, deverá constar na Declaração o período renovado, conforme estabelecido no contrato.

7.1.2.2. Da Documentação Comprobatória de Habilitação Jurídica e Fiscal

a) cédula de identidade e CPF do representante legal da empresa do titular do direito autoral e, quando se tratar de Procurador deverá ser apresentado também instrumento de procuração;

b) declaração de que a empresa não emprega menor, conforme dispõe o inciso V do art. 27 da Lei nº 8.666/93, acrescido pela Lei nº 9854/99;

c) declaração de inexistência de fato impeditivo, ratificando a inexistência de circunstâncias que impeçam o titular do direito autoral de contratar com a Administração Pública Federal;

d) contrato/estatuto social da empresa, alterações contratuais e atas de reuniões/assembléias;

e) extrato de Sistema Unificado de Cadastramento de Fornecedores – SICAF, devendo ser realizada consulta “on line”, conforme previsto na Lei nº 8.666/93 e na IN/MARE nº 05/95 e respectivas modificações posteriores, bem como no Decreto nº 3.722/02.

7.1.2.3. Da Documentação Referente à Situação Financeira do Titular de Direito Autoral

7.1.2.3.1. A situação financeira do titular de direito autoral será verificada através de emissão de extrato dos índices de Liquidez Geral (LG), Solvência Geral (SG) e Liquidez Corrente (LC). Caso quaisquer desses índices estejam inferiores ou iguais a 01 (um), será exigida prestação de garantia em uma das modalidades previstas no § 1º do art. 56 da Lei nº 8.666/93, e respectivas modificações posteriores.

7.1.2.3.1.1. A modalidade de garantia a ser prestada corresponderá a 3% (três por cento) do valor a ser contratado, devendo ser entregue ao FNDE até a data da assinatura do contrato.

7.1.2.3.1.2. A liberação e a restituição da garantia somente ocorrerá após a vigência do contrato e o cumprimento das obrigações contratuais, em especial a(s) Cláusula(s) referentes ao controle de qualidade.

7.1.2.3.1.3. No caso da apresentação de título da dívida pública que venha requerer tratamento especial, ficará a cargo da empresa a ser contratada o devido acondicionamento do documento, de forma a garantir sua integridade física.

7.1.2.3.2. No caso de consórcio, além da documentação exigida nos subitens anteriores, serão exigidos os itens I, II e III do art. 33 da Lei 8.666/93, bem como o registro do consórcio nos termos do parágrafo segundo, item V, art. 33, da mesma Lei.

7.2. Da Aquisição

Com base no Censo Escolar realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, o FNDE convocará, por meio de Comissão Especial instituída para esse fim, os titulares de direito autoral habilitados para proceder à negociação de preços, visando adquirir as obras a serem produzidas, conforme especificações técnicas mínimas contidas no **Anexo II** deste Edital, e postadas/entregues conforme as Instruções Operacionais a serem fornecidas no momento da negociação.

7.2.1. O FNDE poderá, a qualquer tempo, deixar de contratar o titular de direito autoral da obra selecionada, quando tiver ciência de litígio sobre direito autoral ou de edição da obra.

7.3. Da Produção

Após a assinatura dos contratos, os titulares de direito autoral participantes do PNBE estarão aptos a iniciar a produção dos livros a serem distribuídos às escolas da rede pública do ensino fundamental do País, de acordo com as especificações técnicas contidas no **Anexo II.** Nessa etapa de produção não serão aceitas quaisquer alterações nas obras avaliadas e selecionadas para o PNBE/2006, ou seja, os livros deverão ser impressos com conteúdo (texto, projeto gráfico e editorial) idêntico àqueles inscritos no Programa, inclusive com o mesmo número de páginas, conforme **subitem 5.3.2.3.** deste Edital.

7.3.1. Do Controle de Qualidade

Por ocasião da produção das obras, o FNDE, ou a instituição por ele contratada para esse fim, poderá realizar Controle de Qualidade, mediante amostragem definida na NBR 5426/1985 – ABNT, em nível de inspeção a ser definido em contrato, que consistirá na análise dos itens de não conformidade constantes da Resolução n.º 03, de 23/03/2005, do Conselho Deliberativo do FNDE, com vistas à verificação da qualidade do produto a ser entregue.

7.4. Da Entrega

As obras serão entregues diretamente pelos titulares de direito autoral ao FNDE, ou à instituição por ele contratada, que se responsabilizará pelo processo de mixagem das obras.

8. DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

8.1. A inscrição das obras implica aceitação, pelo participante, de forma integral e irretratável, dos termos deste Edital, bem como da legislação aplicável, especialmente em matéria de direito autoral, não cabendo controvérsias posteriores.

8.2. O titular de direito autoral deve manter toda a documentação atualizada durante o período de execução do contrato, especialmente no que se refere ao SICAF.

8.3. A documentação constante no **subitem 7.1.2** deste Edital deverá ser apresentada pelos titulares em tempo hábil, sob pena de ter a obra excluída.

8.4. O FNDE/MEC poderá, a qualquer tempo, desde que devidamente comprovado por razões de interesse público decorrente de fato superveniente, revogar, total ou parcialmente, o presente processo.

8.5. As etapas do processo referente ao PNBE/2006 estarão sob a integral responsabilidade:

8.5.1. do FNDE: pré-inscrição;

8.5.2. **da instituição a ser contratada pelo FNDE:** recepção das obras e da documentação (prevista nos **subitens 5.3.1** e **5.3.2.**), bem como a triagem efetiva dos títulos inscritos;

8.5.3. **da Secretaria de Educação Básica/MEC:** avaliação pedagógica e seleção das obras.

8.5.4. **da Comissão Especial de Habilitação/FNDE:** habilitação dos titulares de direitos autorais;

8.5.5. da Comissão Especial de Negociação/FNDE: negociação das obras;

8.5.6. do Titular de Direito Autoral: produção e postagem;

8.5.7. do FNDE e da empresa a ser por ele contratada: controle de qualidade;

8.5.8. da empresa a ser contratada pelo FNDE: mixagem e distribuição;

8.5.9. do FNDE, da SEB e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação: acompanhamento/monitoramento da execução do Programa.

8.6. De acordo com as responsabilidades, conforme definido no **item 8.5.** deste Edital, os pedidos de esclarecimentos deverão ser dirigidos ao FNDE, por meio da Coordenação-Geral dos Programas do Livro, no Setor Bancário Sul – Quadra 02 – Bloco “F” – Edifício Áurea – Sala 1.401 – CEP: 70070-929 – Brasília/DF – telefones (61) 212-4915/212-4945, fax (61) 212-4193, ou à Secretaria de Educação Básica – SEB, por meio da Coordenação-Geral de Estudos e Avaliação de Materiais, na Esplanada dos Ministérios – Bloco “L” – 6º andar – Sala 612 – CEP: 70047-900 – Brasília/DF – telefone (61) 2104-8636.

8.7. Os pedidos de esclarecimentos serão aceitos no prazo máximo de 10 (dez) dias anteriores à data final para inscrição.

8.8. Será de inteira responsabilidade dos titulares de direito autoral a validade das informações fornecidas ao FNDE, no cadastramento das obras, tendo em vista que essas informações serão utilizadas nas demais etapas do processo de seleção e aquisição. Essas informações serão a única fonte de referência e deverão conter todos os dados atualizados relativos à editora e às obras inscritas.

8.9. A inscrição da(s) obra(s) não implica na obrigatoriedade de firmatura de contrato de aquisição por parte do FNDE, tampouco confere direitos a indenizações a título de reposição de despesas realizadas no cumprimento de etapas deste Edital e na produção da obra ou direito a lucro cessante, em caso da não aprovação no processo de triagem e/ou avaliação pedagógica, seleção e negociação.

8.10. O FNDE poderá solicitar, a seu critério, antes da negociação, planilha de preços a serem praticados pelos editores, conforme diferentes níveis de tiragem, em formulário próprio a ser enviado pelo FNDE.

8.11. Situações não previstas neste Edital serão analisadas pelo FNDE e pela SEB, de acordo com as suas competências e com a natureza do assunto.

8.12. Integram o presente Edital, como se transcritos fossem e como partes indissolúveis, os seguintes anexos:

a) Anexo I – Triagem;
b) Anexo II – Ficha do Livro;
c) Anexo III - Autorização para adaptação de obras;
d) Anexo IV – Critérios de Avaliação e Seleção.

Brasília, de de 2006.

JOSÉ HENRIQUE PAIM FERNANDES
Presidente do FNDE

FRANCISCO DAS CHAGAS FERNANDES
Secretário de Educação Básica

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA
PNBE/2006

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA INSCRIÇÃO DE OBRAS DE LITERATURA NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO E SELEÇÃO PARA O PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA – PNBE/2006

ANEXO I

TRIAGEM

1. ANÁLISE DE ESTRUTURA EDITORIAL

1.1. A(s) obra(s) literária(s) deve(m) estar claramente identificada(s). A capa, a folha de rosto e seu verso devem conter o título da obra, autoria, editora, local, data, edição, dados sobre o(s) autor(es), ficha catalográfica e, ainda, o ISBN.

2. CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

2.1. Nesta etapa será(ao) excluída(s) do processo de avaliação:

2.1.1. obra(s) que não estiver(em) claramente identificada(s) Com título da obra, autoria, editora, local, data, edição, dados sobre o(s) autor(es), ficha catalográfica e ainda o ISBN;

2.1.2. obra(s) selecionada(s) e adquirida(s) nas edições de 2001, 2002 e 2003 (Literatura em minha Casa e Palavra da Gente) e 2005, do Programa Nacional Biblioteca da Escola.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA
PNBE/2006

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA INSCRIÇÃO DE OBRAS DE LITERATURA NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO E SELEÇÃO PARA O PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA – PNBE/2006

ANEXO II

FICHA DO LIVRO
(ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS)

EDITORA:						
TÍTULO/NOME DO LIVRO						
AUTOR:						
GENERO:						
ACABAMENTO	CAPA		MIOLO			
	Papel:		Papel:			
	Tipo:	Gramatura:	Tipo:	Gramatura:	Espessura:	Opacidade:
	Tipo de revestimento:		Tipo de Lombada			
			n Canoa		n Quadrada	
			Tipo de fixação do miolo:			
	n Plastificado ☐ Verniz UV ☐ Outro (especificar)		☐ Costura de linha ☐ Costura de Cola ☐ Colado (PUR)		☐ Termo-costura ☐ Grampeado ☐ Outro (especificar)	
IMPRESSÃO	N.º de cores:		N.º de páginas:			
			a 1 cor		a 3 cores	
			a 2 cores		a 4 cores	
			Total de páginas do miolo:			
FORMATO	Largura em mm:					
	Altura em mm:					
	Espessura em mm:					
PESO	Em gramas:					

Observação: essas especificações serão obrigatórias por ocasião da produção e entrega dos livros.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA
PNBE/2006

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA INSCRIÇÃO DE OBRAS DE LITERATURA NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO E SELEÇÃO PARA O PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA – PNBE/2006

ANEXO III

MODELO DE AUTORIZAÇÃO PARA ADAPTAÇÃO DE OBRAS
(PAPEL TIMBRADO DA EMPRESA)

Declaro, sob as penas da Lei, que a(s) obra(s) _____**títulos das obras,** do(s) autor(es)_____ apresentada(s) por esta Editora no ato da inscrição no processo de avaliação e seleção de obras de literatura para o PNBE/2006, poderá(ão) ser adaptada(s) de forma a atender aos alunos portadores de necessidades especiais.

Brasília, de de 2006.

Assinatura do Titular de Direito Autoral ou seu procurador
Nome legível e cargo
(Firma reconhecida em cartório)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA
PNBE/2006

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA INSCRIÇÃO DE OBRAS DE LITERATURA NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO E SELEÇÃO PARA O PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA – PNBE/2006

ANEXO VI

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO E SELEÇÃO

1. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

A avaliação e a seleção de obras de literatura para alunos das séries finais do ensino fundamental têm por objetivo proporcionar a esses educandos o acesso a textos que contribuam para a reflexão sobre a realidade, sobre si mesmos e sobre o outro, desenvolvendo a percepção do jovem e ampliando suas referências estéticas, culturais e éticas.

A partir desse propósito, a qualidade do texto, a adequação aos interesses do público-alvo e os aspectos gráficos da publicação serão considerados na avaliação de uma determinada obra.

1.1. Qualidade do texto:

Por este critério, serão avaliadas as qualidades textuais básicas (coerência, coesão, progressão, consistência), os recursos lingüísticos empregados e o trabalho estético com a linguagem. No caso dos textos narrativos, serão avaliadas a coerência e a consistência da narrativa, a ambientação, a caracterização das personagens e o cuidado com a correção e a adequação do discurso das personagens a variáveis de natureza situacional e dialetal. No caso das obras poéticas, será observada a adequação da linguagem ao público a que se destina e sua coerência tendo em vista os diferentes princípios que, historicamente, vêm orientando a produção e a recepção literária. Os textos deverão ser eticamente adequados, evitando-se preconceitos, moralismos, estereótipos.

Nas adaptações e traduções, serão considerados os aspectos textuais e editoriais que particularizam cada obra. Além de assegurar as qualidades literárias do original, deverão adequar a linguagem e o assunto ao público-alvo. O modo como o fazem será avaliado, assim como a presença, na edição, de elementos constitutivos das partes prétextual e pós-textual - como sumário, prefácio, notas, posfácio, glossário etc. – que possam estimular e enriquecer a leitura do jovem leitor. Nos livros de imagens e quadrinhos será considerado como critério preponderante a relação texto – imagem e as possibilidades de leitura das narrativas pictóricas.

1.2. Adequação temática

Serão selecionadas obras com temáticas diversificadas, de diferentes contextos sociais, culturais e históricos. Essas obras deverão estar adequadas à faixa etária e aos interesses dos

alunos. Serão observadas a adequação às expectativas do público e a possibilidade de ampliá-las, assim como a amplificação das perspectivas e referências do universo juvenil por via da exploração artística dos temas e da faculdade de incitar novas leituras, evitando didatismos ou moralismos, preconceitos, estereótipos ou discriminação de qualquer ordem.

1.3. Projeto gráfico:

O projeto gráfico será avaliado quanto à adequação e expressividade nos seguintes aspectos: capa, uso de tipos gráficos, espaçamento e distribuição textual, equilíbrio na distribuição do texto e das imagens e na distribuição do texto e informações complementares, funcionalidade do sumário, dos prefácios, das notas. As ilustrações e imagens devem estabelecer uma relação dialógica com o texto. As ilustrações podem ser coloridas ou em branco e preto, desde que componham um conjunto visualmente agradável e adequado à intenção expressiva da obra. A presença de erros de revisão e/ou de impressão comprometerá a avaliação da obra.

Anexo 6 - Roteiro de entrevista com os alunos de 5ª a 8ª série



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
Conhecimento e Inclusão Social
Faculdade de Educação da UFMG

Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem

Roteiro de entrevista:

Nome:
Idade:
Série/ciclo:
Há quanto tempo está na escola?

Formação dos pais:
( ) Não frequentaram a escola
( ) ensino fundamental ( ) completo ( )incompleto
( ) ensino médio ( ) completo ( )incompleto
( ) ensino superior ( ) completo ( )incompleto

Com quem você desenvolveu o seu gosto pela leitura? (influências)

Seus pais leem?

( ) NÃO
( ) SIM

Se sim, o que eles leem?
( ) Revistas ( )Jornais ( ) Livros ( ) Outro _____
Sabe citar algum título lido por eles?

Seus pais o incentivam a ler?
( ) sim ( ) não
Em caso afirmativo, de que maneira?

Entre os itens abaixo, cite aqueles que te levam a ler livros:
( ) indicação de amigos
( ) trabalho escolar
( ) escolha pessoal na biblioteca
( ) indicação de professores
( ) outros_____

Há livros em sua casa? Que tipo de livro?

Você vai à biblioteca? Quantas vezes você foi à biblioteca neste ano?

Vai à biblioteca por qual motivo?
( ) Porque gosta da biblioteca
( ) Porque seus pais recomendam
( ) Porque os professores mandam
( ) Para pegar ou devolver livros
( ) Para procurar livros que professores indicam
( ) Para fazer pesquisa escolar
( ) Outro _____

Quantos livros você já leu este ano?

Você está lendo algum livro?

Como é a relação estabelecida entre você e o(a) bibliotecário(a)? O(A) bibliotecário(a) conversa com você sobre livros? Ele(a) mostra os livros novos, indica bons livros?

Você Lê livros de literatura na sala de aula?

Você lê outros livros além daqueles indicados pelo professor?

Tipos de livros de que mais gosta:

( ) Aventura
( ) Ficção científica
( ) Contos de fada
( ) Quadrinhos
( ) romances
( ) Mistério/Policiais
( ) Terror
( ) Poesia
( ) Outro _____

Qual o seu autor preferido?

Gosta de livros com ilustrações?

Como escolhe os livros para ler?

Já teve algum livro que teve dificuldade para ler e/ou tenha desistido? Qual?

Já foi a alguma livraria? Já foi a uma feira de livros?

Existe um horário definido para sua leitura ou isso varia?

Você lê todos os dias?

Se fosse para me indicar um livro, qual livro você me indicaria?